



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA

IVAN DOMINGOS AMARAL

**BELO HORIZONTE MANDIR: DA ICONOGRAFIA DE
JAGANNATHA, BALADEVA E SUBHADRA
À ETNOGRAFIA DA VIVÊNCIA DOS SEUS RITUAIS**

Cachoeira, BA

2017

IVAN DOMINGOS AMARAL

**BELO HORIZONTE MANDIR: DA ICONOGRAFIA DE
JAGANNATHA, BALADEVA E SUBHADRA
À ETNOGRAFIA DA VIVÊNCIA DOS SEUS RITUAIS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Museologia, Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Museologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Suzane Pinho Pêpe.

Cachoeira, BA

2017

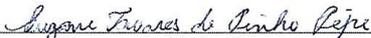
IVAN DOMINGOS AMARAL

BELO HORIZONTE MANDIR: DA ICONOGRAFIA
DE JAGANNATHA, BALADEVA E SUBHADRA
À ETNOGRAFIA DA VIVÊNCIA DOS SEUS RITUAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Graduação em Museologia, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Museologia.

Aprovado em 6 de março de 2018.

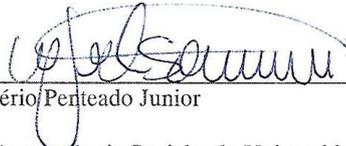
BANCA EXAMINADORA


Suzane Tavares de Pinho Pêpe

Doutora em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia
Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia


Camila Fernanda Guimarães Santiago

Doutora em História pela Universidade Federal de Minas Gerais
Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia


Wilson Rogério Penteado Junior

Doutor em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas
Professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Ao meu mestre espiritual, Maharage Dhanvantari Swami.

A Prabhupada, Mestre Maior.

A Jagannatha, Baladeva e Subhadra.

Aos devotos (as) do Belo Horizonte Mandir.

Aos meus filhos e noras.

Às minhas queridas netas e neto.

AGRADECIMENTOS

Aos mestres Dhanvantari, Purushatraya, Param Gati e Chandramukha.

A Prabhupada, por ter sido a minha inspiração e o meu principal incentivo por meio do seu exemplo e literaturas deixadas com todo este conhecimento.

A Jagannatha, Baladeva e Subhadra.

À professora Suzane Pinho, que acreditou em mim e me deu a oportunidade de desenvolver um tema que me fascina, mesmo sendo incomum.

Aos devotos do Belo Horizonte Mandir, em especial Narsimhadeva, Trilokesvara e Maha krisna, que tanto me ensinaram.

Aos meus filhos e noras, especialmente Pedro que me incentivou a entrar para a academia, sempre me apoiando e incentivando.

À minha querida amiga Lucilene Luiz, que tanto me apoiou e ensinou.

À Priscila Vasconcellos pelo apoio e atenção.

À Kátia Paiva pelo seu apoio.

A Lúcio Valera (Loka Saksi Dasa), pelos arquivos fotográficos do BHM a mim fornecidos, assim como seus trabalhos acadêmicos.

Aos professores (as) do curso de Museologia.

Aos colegas de sala.

A todos os vaishnavas que direto ou indiretamente colaboraram nesta pesquisa.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	RAVI (1984). Deidades na ISKCON BH na Av. Getúlio Vargas.	14
Figura 2	Vishnú, “Aquele que mantém o Universo”.	20
Figura 3	Krishna passa ensinamentos a seu discípulo e amigo Arjuna.	23
Figura 4	Sucessão discipular a partir de Krishna até os dias atuais	24
Figura 5	Ilustração Caitanya, Nityananda, presente no BHM.	25
Figura 6	Bhaktivinoda Thakura - Bhaktisiddhanta Sarasvati Thakura.	27
Figura 7	A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada	28
Figura 8	Prabhupada dá iniciação aos jovens americanos.	2
Figura 9	Cantor George Harrison, e devotos Hare Krishna.	30
Figura 10	Prabhupada em viagens ao redor do mundo.	31
Figura 11	Prabhupada e seus ensinamentos.	32
Figura 12	Samsara, transmigração da alma, Lei do karma.	33
Figura 13	MAPA do mundo espiritual.	35
Figura 14	Templo Vaishnava de Minas Gerais. Rua Araxá.	40
Figura 15	Templo da rua Gonçalves Dias, b. Lourdes. BH.	41
Figura 16	Devotos em kirtan na sede da ISKCON BH na Getúlio Vargas.	42
Figura 17	RAVI (1984) - Esculturas Deidades instaladas Getúlio Vargas.	43
Figura 18	Adoração e kirtan Sede da rua Aristóteles Caldeira, 1995.	44
Figura 19	Vyasa Puja BHM- 1966.	45
Figura 20	Teatro no BHM. 1996.	45
Figura 21	Ratha-yatra BHM. 1996.	45
Figura 22	Iniciação no BHM. 1998.	46
Figura 23	Mapa do endereço do BHM.	49
Figura 24	Prédio atual BHM.	50
Figura 25	Pátio e fonte do BHM.	52
Figura 26	Escada que leva ao templo. Devoto presta reverências.	52
Figura 27	Visão geral do salão do BHM.	53
Figura 28	Forma quadrada do Altar BHM.	55
Figura 29	Ambiente do Pujari e Cozinha das Deidades.	56

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 30	RAVI (1984). Esculturas no altar do BHM.	59
Figura 31	Ilustração das deidades sem indumentárias.	60
Figura 32	Primeira Deidade instalada da ISKCON OCIDENTAL	60
Figura 33	Jagannatha “Senhor do Universo”- BHM.	61
Figura 34	Baladeva “Deus da força”- BHM.	64
Figura 35	Subhadra, “A auspiciosa”- BHM.	66
Figura 36	Krishna em Vrndavana.	68
Figura 37	Krishna vem no século XV como Caitanya.	69
Figura 38	Caitanya dança em êxtase para Jagannatha	69
Figura 39	Reprodução Baladeva e Krishna - BHM	70
Figura 40	Durga.	71
Figura 41	Maha-mantra Kare Krisna e Japamala	79
Figura 42	Deidades de pijama, <i>Mangala-arati</i> - BHM.	80
Figura 43	Ghee para o fogo da adoração, mechas embebidas e flor.	81
Figura 44	<i>Caitanya e Nityananda, Shalagram-shilas</i> , altar - BHM.	82
Figura 45	Elemento fogo sendo passado aos devotos e visitantes.	83
Figura 46	Kirtan - BHM.	84
Figura 47	Banho completo deidades pequenas - BHM.	86
Figura 48	Bhoga para ser servido às Deidades	87
Figura 49	Murti de Prabhupada - BHM.	89
Figura 50	Bandejas com objetos utilizadas no Guru-puja - BHM.	91
Figura 51	Devotos fazem reverências, Aula Bhagavad-gita.	94
Figura 52	Composição do Altar do BHM.	98
Figura 53	Festival de domingo no BHM.	100
Figura 54	Ratha-yatra em Puri – Índia.	102
Figura 55	Ratha-yatra Av. Afonso Pena - BH. 1965.	105
Figura 56	Ratha-yatra na Pampulha (2008)- BH.	105
Figura 57	Ratha-yatra (2017) - BHM.	107
Figura 58	Distribuição de refeição Ratha-yatra. 2017- BH.	108
Figura 59	Cortejo Ratha-yatra, dança clássica hindu. 2017- BH.	109

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso sobre imagens do templo vaishnava em Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais (Brasil), fundado em 1986 tem por objetivo estudar as esculturas das deidades: Jagannatha, Baladeva e Subhadra, (RAVI,1984). Considerando o contexto e a história do Vaishnavismo, baseado nas escrituras sagradas da antiga Índia. A sua transposição para o Ocidente e, em particular para a comunidade do templo onde se situam estas formas escultóricas. Baseia-se em princípios que norteiam a Iconografia, a Iconologia, a Documentação e os métodos Etnográficos ao fazer a abordagem das peças, assim como a observação e contextualização das vivências ritualísticas neste santuário. A pesquisa com acompanhamento das práticas de adoração aos ícones traz o intento de compreender e expor as relações entre adeptos e deidades. Descreve e interpreta o significado das representações e das práticas rituais do bhakti-yoga, como cozinhar e oferecer alimentos às deidades materialmente reproduzidas, com base em textos da cultura e religião védica e em autores acadêmicos brasileiros que se dedicam ao estudo das religiões e estão inseridos nesta filosofia. A pesquisa conclui que há uma relação elevada, transcendental e centralizada no serviço devocional desenvolvido no cotidiano dos devotos e nos acontecimentos que tornam efetiva e concreta a transcendência no Belo Horizonte Mandir. As personificações exercem forte papel neste processo e a compreensão dos devotos é que todas as imagens presentes neste santuário representam Krishna, considerado um só pelos que nele creem, expandindo-se em ilimitados aspectos devido a sua onipotência e misericórdia para com o seu devoto.

Palavras – Chave: Hare Krishna, Jagannatha, Vaishnava, Iconografia, Etnografia, Belo Horizonte Mandir.

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO.....	10
2 - VAISHNAÏSMO.....	19
2.1 Krishna: Do Oriente ao Ocidente.....	19
2.2 Movimento Hare Krishna no Brasil.....	36
3 - O BELO HORIZONTE MANDIR, BH.....	39
3.1 Formação.....	39
3.2 Estrutura e Funcionamento.....	47
4 - ESTUDO DE IMAGENS DO BELO HORIZONTE MANDIR.....	57
4.1 O Método de Análise Das Imagens.....	57
4.2 Iconografia das Imagens de Jagannatha, Baladeva e Subhadra.....	59
4.3 Iconologia das Imagens Jagannatha, Baladeva e Subhadra.....	66
5 - ETNOGRAFIA DE RITUAIS NO BELO HORIZONTE MANDIR.	73
5.1 O Altar.....	97
5.2 Festas, Festejos e Festivais.....	99
5.3 Ratha-yatra.....	102
6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
REFERÊNCIAS.....	113

1 INTRODUÇÃO

A interligação entre a arte, o ritual, a religião, a cultura material e imaterial em todo o mundo nos indica que estudos iconográficos podem trazer entendimentos das diversas práticas religiosas nas quais a arte está inserida. No Brasil, especificamente em Belo Horizonte, no templo *vaishnava*¹ Belo Horizonte *Mandir*², há uma profusão de iconografias derivadas da antiga Índia, e para proceder estes estudos, faz-se necessário uma pesquisa abrangente e detalhada sobre o tema. O acervo presente nesta instituição nos inspiram a decifrá-lo.

Conforme Andrade, no Ocidente tem ocorrido um aumento no volume de trabalhos de artes e de esculturas hindus, assim como um interesse crescente no entendimento de seus significados. No Brasil, por exemplo, se encontram vários tipos de representações, geralmente em academias de yoga e templos, mas pouco se sabe sobre a interpretação das mesmas.³ Desse modo, achamos interessante desenvolver esta pesquisa e contribuir para maior compreensão desta milenar e fascinante cultura, que se encontra na instituição acima mencionada.

No livro *Ensinamentos da Rainha Kunti*, em seu comentário, Prabhupada⁴ indica diversas maneiras e elementos para se apresentar a *arcã-vigraha* (forma transcendental de Deus), a saber: uma forma dentro da mente, uma feita na pedra, na madeira, no metal, sândalo, uma imagem desenhada em tela ou papel, na areia, na joia preciosa, etc. Acrescenta, ainda, que tais adoradores não são idolatras e que os devotos devem ir ao templo e apreciar a misericórdia do Senhor, que permite aos grandes *acharyas*⁵ estabelecer estes santuários para tal adoração⁶.

A principal função que se enquadra no âmbito das imagens do referido templo é a *bhakti-yoga*, ou serviço devocional, que se trata de uma prática oriunda de uma escola

¹ Linhagem *vaishnava* (literalmente, seguidores de Vishnu, ou Krishna) a qual Caitanya Mahaprabhu pertence, sendo tido por esta escola uma encarnação de Krishna, a Suprema Personalidade de Deus.

² Mandir, palavra em sânscrito que significa templo.

³ ANDRADE, Joaquim. Imagens que falam: Uma aproximação da Iconografia Hindu. *Revista de Estudos da Religião*, n. 4, p. 1-17, 2006, p.2.

⁴ Seu nome completo é Abhay Charana Bhaktivendanta Swami Prabhupada. Fundador Acharya da ISKCON Sociedade Internacional para a Consciência de Krishna.

⁵ Aquele Mestre que ensina pelo próprio exemplo.

⁶ PRABHUPADA, A. C. Bhaktivendanta Swami. *Ensinamentos da Rainha Kunti* Book Trust Internacional. 2003, p.40.

filosófica indiana denominada, Vaishnava. O serviço prestado a estas divindades, no referido templo, faz parte de todas as atividades diárias do devoto e ou adepto a esta tradição, movendo a uma ampliação da noção de transição do material para o espiritual em todas as tarefas executadas.⁷

Conforme os devotos do templo Hare Krishna de Belo Horizonte, Belo Horizonte Mandir (BHM) o contato com a transcendência por meio do serviço devocional prestado às imagens os leva a manter um relacionamento com Krishna, a Suprema Pessoa, na forma da deidade ali existente. O auge deste relacionamento se dá a medida que se adquire a consciência e a capacidade de enxergar tudo como manifestação da energia do Criador e de se utilizar os sentidos para servi-lo com amor e devoção.⁸

No cenário do sistema filosófico *vaishnava*, Krishna⁹ se apresenta de várias formas, entre estas encontramos os ícones, Jagannatha, Baladeva e Subhadra, os quais se encontram sob a forma de escultura no Belo Horizonte Mandir. Estas três deidades se constituem as principais formas de Deus neste santuário, elas são adoradas e veneradas pelos seus devotos diariamente. Devido a isto pretendemos explicitar nesta pesquisa o significado destas esculturas, que para a referida escola são uma forma transcendental de Deus, como já foi mencionado.

Conforme a autora Dulcinéia Mittelsadt, o vaishnavismo trata-se de uma linha de adoradores do Deus Vishnú¹⁰ (Figura 2), sendo que dentro desta existem várias linhagens e muitos mestres. O traço principal que diferencia esta linha das demais é o fato dos seus devotos oferecerem alimentos às Deidades adoradas¹¹.

Acreditamos que este estudo será de grande valia, pois, facilitará a compreensão não somente do devoto *vaishnava* pertencente ao movimento Hare Krishna, mas a todas as pessoas interessadas sobre este tópico. Conforme Burke, 'o testemunho de imagens é valioso porque revela não apenas artefatos do passado, mas também sua organização', além da imagem ser usada neste caso, como doutrinação e elucidação da referida

⁷ BHAGAVAD-GITA. *Bhagavad-gita Como Ele é*. Tradução e comentários de A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada. 2008, c. 12, v. 3-4, p. 574.

⁸IDEM. c.12, v.5 p.576.

⁹ Aquele que atraí a todos, literalmente o todo atrativo, Deus.

¹⁰ Vishnu é um dos deuses da trindade hindu, formada também por Brahma e Shiva. Brahma é o deus da criação, Shiva o da destruição e Vishnu o da manutenção, proteção e sustentação. Quando o mundo está sob a ameaça de alguma força do mal, é Vishnu quem surge, sob a forma de um de seus avatares (encarnações), para protegê-lo. A sua principal encarnação é a de Krishna, que apareceu a cinco mil anos na Índia.

¹¹ MITTELSADT, Dulcinéia Doneda. *Krishna: Os três Mundos e a noção de Pessoa Vaishnava*. Porto Alegre. Ciências Sociais, 2012, p. 29.

cultura¹².

O Movimento para a Consciência de Krishna chegou ao Brasil no ano de 1970, segundo Silas Guerriero, permanecendo como uma das mais certificadas instituições religiosas transcendentalistas, que não é vinculada a grupos étnicos. Não se caracteriza como seita nem se faz necessária a conversão, constitui-se portanto, em mais uma opção na 'escolha religiosa individual'¹³.

Temos contato direto com o grupo desde 1998, mas este trabalho foi realizado entre 2015 e 2017, quando lançamos um olhar de pesquisador sobre o tema e escrevemos o trabalho “Cotidiano dos monges Hare Krishna do Belo Horizonte Mandir”, apresentado no quadro da disciplina História, Memória e Oralidade. Assim com o trabalho “Exemplo de Cultura Brasileira: Vaisnavismo, Globalização e Enculturação do Movimento Hare Krishna no Brasil” na disciplina História e Cultura Brasileira.

Estas pesquisas nos permitiram contextualizar as práticas de adoração do cotidiano dos devotos da filosofia Vaishnava neste santuário, assim como, conhecer a história do movimento. Além disto, tivemos um aprofundamento reflexivo propiciado pela literatura antropológica e histórica que trata de temas, como ritual, simbolismo, arte hindu, cultura e religião. Daí surgiu a ideia de propor um estudo iconográfico com a finalidade de descrever as esculturas e objetos sacralizados, encontrados no altar da referida instituição.

Nosso objetivo é documentar, com base no método iconográfico e iconológico, as esculturas que representam as principais deidades, assim como os objetos de adoração existentes no templo. Buscamos constituir um arcabouço teórico que sirva de suporte a posteriores trabalhos de musealização do espaço, mediação cultural sobre o tema, assim como a exposição.

Sobre o processo da documentação museológica para a comunicação, Rosana Nascimento indica optar-se por um método que explicita:

[...] as teias de relações em que o objeto está imerso, é ir além dos seus aspectos físicos, até mesmo porque a historicidade, enquanto método, não permite a apresentação de objetos esvaziados de conteúdos. Como método a historicidade é aplicada a qualquer ação museológica, principalmente na ação documental, entendida como um processo para a compreensão do objeto museal, na sua

¹² BURKE, Peter. *Testemunha Ocular*. Bauru, SP: EDUSC, 2004, p. 59-121.

¹³ GUERRIERO, Silas. O Movimento Hare Krishna no Brasil: uma interpretação da cultura védica na sociedade ocidental. *Revista de Estudos da Religião*. n. 1, 2001 p. 44.

relação com o homem.

Sabemos que a iconografia de objetos sacros advindos da Índia estão relacionados aos estudos das religiões que se utilizam de representações imagéticas, como por exemplo, os adeptos das religiões personalistas que entendem Deus como a Suprema Pessoa, a Verdade Absoluta¹⁴.

Nesse contexto, a partir de uma livre releitura da história oficial, faremos a análise iconográfica e iconológica das três esculturas escolhidas para tal, a saber, as deidades Jagannatha, Baladeva e Subhadra, que se encontram localizadas no Belo Horizonte Mandir, e são as Deidades Patronas deste santuário. Conforme Heather Elgood:

Do século IV ao século XII, a escultura em templos e a iconografia exerceram um papel fundamental na devoção ortodoxa hindu. A arte hindu tem uma estética que envolve a comunicação do bhava (humor), da beleza e da rasa (gosto), e as imagens sacras hindus têm uma linguagem que inclui formas humanas, símbolos e uma tendência à multiplicidade. As paredes externas das construções, como o Templo Kandariya Mahaveda, iniciado pelo rei Chandela Vidyadhara (reinou de 1017 a 1029), são cobertas com entalhes exuberantes e às vezes eróticas representações de divindades e suas companheiras.¹⁵

As esculturas, principais objetos da pesquisa, foram materializadas pelo devoto brasileiro, de nome Ravi¹⁶ (Figura-1). A imaterialidade é compartilhada em ritos, dança, música e culinária sagrada. Esta seleção é apenas uma amostragem da riqueza do acervo existente neste templo que compreendemos como relevantes do ponto de vista religioso, histórico e cultural para proceder o atual estudo.

A importância deste trabalho envolve assim, a valorização de uma cultura religiosa milenar, originária da Índia que se disseminou em muitos países inclusive no Brasil, onde contamos com cerca de aproximadamente vinte e dois templos e centros culturais urbanos, escolas, além de comunidades na zona rural. Destacamos o templo de Belo Horizonte, dentre estes, por se tratar de um proeminente Centro Urbano de Estudos Védicos.

Para a elaboração desta pesquisa, foram utilizadas algumas ferramentas metodológicas como: visita à instituição, observação direta. Para isto foram realizadas várias viagens a Belo horizonte. Saímos de Salvador de ônibus, levando mais de 24 h na

¹⁴ BHAGAVAD-GITA. *Bhagavad-gita Como Ele é*. Tradução e comentários de A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada. 2008, p. 360.

¹⁵ ELGOOD, Heather. "Arte Hindu". In: FARTHING, Stephen (org.). Tudo sobre arte. Rio de Janeiro: Sextante, 2011. p. 82-83.

¹⁶ Que estamos tentando localizar.

estrada, era o único meio de transporte possível pois era de graça, por conta da nossa idade acima de 60 anos.



Figura 1- RAVI (1984). Deidades na ISKCON BH na avenida Getúlio Vargas, 1984. Arquivo Valera.

A vida no templo era bastante austera, pois para permanência no BHM é necessário seguir os padrões ali existentes, ou seja, acordar nos horários previstos e ajudar em tudo que for possível. Quase não tinha muito tempo para escrever, sempre fazia esta parte quando voltava à Bahia. Mas o nosso grande desafio foi separar a pesquisadora da aspirante a devota, apesar de que minha inserção ao grupo me possibilitou o acesso às esferas reservadas apenas para devotos iniciados, como por exemplo o pujari e a cozinha das deidades, onde atuava como auxiliar.

Entendemos que a nossa participação direta na práxis transcendental deste cotidiano devocional ofereceu-nos uma posição privilegiada, tanto no sentido de poder presenciar situações, assim como no sentido de vivenciar as experiências que vão dando sentido ao processo de adoração às deidades em seu dia a dia no BHM.

A outra grande dificuldade foi a não localização do artista Ravi, devoto que esculpiu as deidades. Por este motivo não foi possível saber maiores detalhes sobre a construção das mesmas, assim como saber a respeito dos rituais utilizados nesta confecção. Foi lamentável também não ter conseguido entrevistar o devoto Param Gatti, que na época (1984) da instalação das deidades estava a frente do movimento em Minas Gerais.

Quanto as pesquisas bibliográficas, fizemos várias leituras dos livros básicos da filosofia *vaishnava* com ênfase nos aspectos religiosos e ritualísticos, realizações de entrevistas e questionários com os devotos moradores e o presidente do Belo Horizonte Mandir. Utilizamos ainda, vários recursos imagéticos existentes, assim como, arquivos digitais, trabalhos relacionados com o movimento em pauta fornecidos por Lúcio Valera, um devoto antigo, verdadeiro arquivo “vivo” do movimento Hare Krishna, nome espiritual: Loka Sakhi Das.

Ainda a respeito do método, entendemos que a análise iconográfica é de fundamental importância para uma descrição e interpretação das imagens estudadas, assim como a análise estética centrada em aspectos formais, técnicos ou temáticos, bem como, as interpretações simbólicas das obras de arte em si mesmas. De modo que, o estudo dos ícones Jagannatha, Baladeva e Subhadra, em forma esculturais, tem como ponto de partida, o trabalho *Significado nas artes visuais* do crítico e historiador da arte Erwin Panofsky (1892-1968).

Inicialmente buscamos o significado da palavra iconografia. A iconografia vem da junção de duas palavras em grego: *eikon* que significa imagem e *graphia* que significa escrita, ou seja, é a escrita da imagem. A iconografia é, portanto, “a descrição e classificação das imagens, assim como a etnografia é, a descrição e classificação das raças humanas; [...] que nos informa quando e onde temas específicos foram visualizados por quais motivos específicos.” Já a iconologia é também uma palavra de origem grega, cujo o sufixo “logia” deriva de logos, que significa pensamento (razão), a interpretação das figuras alegóricas e os seus atributos, ou seja, explicação da obra de arte em questão¹⁷.

O referido autor define a iconografia como um ramo da História da Arte que prevê a descrição e classificação das imagens, assim como o significado das obras. Seu método prevê três níveis de trabalho a saber: o primeiro nível de entendimento de uma imagem possibilita a descrição pré-iconográfica, factual ou expressional. Esta fase tem como principal função enumerar e identificar as formas puras das imagens que carregam

¹⁷ PANOFSKY, Erwin. *Significado nas artes visuais*. São Paulo: Perspectiva, 3 ed, 2004, p. 53-54.

significados, ou seja, o mundo dos motivos artísticos¹⁸. Por exemplo, vê-se uma figura sem a representação do pescoço, com olhos e boca bem marcados.

O segundo nível de análise volta-se para os temas secundários ou convencionais. É o momento de articular os motivos artísticos e as combinações de motivos artísticos (composição) com assuntos e conceito; é a análise iconográfica no sentido estrito.¹⁹ Por exemplo, reconhecer Jagannatha como o Deus do Universo para a visão *vaishnava*. Segundo Panofsky²⁰, este nível diz respeito ao estatuto, ou melhor, ao domínio daquilo que identificamos como imagens, história e alegorias.

No terceiro e último nível, denominado pelo autor de Iconologia, aborda-se o significado intrínseco ou conteúdo da imagem. Essa etapa depende mais da interpretação que advém da síntese do que da análise. Portanto, é através da iconografia seguida da iconologia que se descreve os elementos que constituem o conteúdo intrínseco de uma imagem, para, assim, torná-los explícitos, possibilitando que a percepção seja articulada e comunicável a todos²¹.

Tal fase suscita questionamentos como: a relação da deidade com a filosofia vaishnava – mitos e ritos; ambiente histórico-cultural e adaptações ocorridas no novo contexto em que a filosofia é professada. Além do método de Panofsky, a etnografia acompanha toda esta pesquisa, pois seus procedimentos contribuem para a documentação das manifestações imateriais que envolvem o culto às deidades que ora, estudamos. Nesse momento é questionado pelo pesquisador a relação com o ambiente histórico de um dado período, nação, crença religiosa e filosófica, qualificados pelas personalidades condensadas nas obras. Neste trabalho captamos narrativas sobre o templo, os objetos e seu simbolismo.

Selecionamos três devotos²² residentes no templo, na ocasião da pesquisa, que foram entrevistados, considerando o papel assumido por eles, de monges adoradores das

¹⁸ PANOFSKY, 2004, p. 50.

¹⁹ Ibidem.

²⁰ Ibidem

²¹ Ibid. p.52

²² 1-TRILOKESVARA: devoto responsável direto pelo Pujari, exerce a função de cabeleireiro fora do templo, de onde tira verba para grande parte da manutenção do templo, como por exemplo, pagar as contas de fornecimento de água, energia e faxineira. 2- NARASIMHADEVA: cozinheiro, gerencia a lanchonete, é um dos responsáveis pelas grandes reformas sofridas na estrutura do templo e da manutenção do mesmo. 3- MAHA KRISNA, mestre em Ciências da Religião pela PUC (2016), especialização em Bhakti-sastri e Bhaktivaibhava pelo Mayapur Institute for Higher Education and Training (2003 e 2012), atuando principalmente nos seguintes temas: Religião Comparada, Diálogo Inter-religioso, Metafísica, Ética, Hinduísmo e a Bhagavad-gita. Na época, responsável em ministrar os cursos vigentes no templo. Além das funções acima descritas os três devotos acima prestam serviços às Deidades.

deidades aqui referidas, pertencentes ao Belo Horizonte Mandir. Por intermédio da história de vida cotidiana dos monges, tivemos acesso a informações relativas ao templo, aos objetos e aos rituais da cultura Vaisnhava.

A nossa reflexão neste estudo se deu ao focar a prática ritual convencional de adoração às deidades, como esta se mostra, influencia e conduz o dia a dia dos devotos. A partir desta convivência podemos observar como tal padrão ritualístico se constitui em um aspecto central para o cotidiano do BHM, uma vez que as escalas das atividades executadas devem-se aos pré-estabelecidos horários para a execução dos pujas²³.

O primeiro capítulo consiste na Introdução onde tratamos dos conceitos, objetivos, justificativa e metodologias utilizadas para a confecção da atual pesquisa. No segundo capítulo abordamos as origens e as principais características do Vaishnavismo, desde a Índia até a sua vinda para o ocidente e conseqüentemente ao Brasil em Belo Horizonte – Minas Gerais. Falamos também, um pouco do contexto político-cultural desta época, a contracultura. No Capítulo três contamos um pouco da história do movimento em Belo Horizonte, Minas Gerais. Ainda neste capítulo, fazemos a descrição e localização do Belo Horizonte Mandir, assim como breve histórico do seu funcionamento. No Quarto capítulo será realizada a análise Iconográfica onde faz-se um detalhado estudo sobre o nosso objeto, as deidades do Templo de Belo Horizonte, Jagannatha, Baladeva e Subhadra. E no Quinto capítulo tratamos de descrever os rituais que acontecem no templo, e por último, apresentamos as nossas Considerações Finais.

Como já foi salientado, todas as atividades que se realiza no templo contêm uma concepção transcendental. É o cotidiano das relações, associações e acontecimentos que tornam efetiva e concreta a transcendência ali presente. Como afirma Mariza Peirano, o conceito de ritual deve ser definido dentro do contexto cultural:

[...] se estabelecemos que a definição é etnográfica, então um ritual não se caracteriza pela ausência de uma aparente racionalidade ou pela falta de uma relação instrumental entre meios e fins. Estes são critérios da nossa sociedade e só podem confundir a percepção se os consideramos uma medida universal. Afinal, somos nós que nos acreditamos mais racionais, mais espontâneos, mais pragmáticos. Assim sendo, definições antecipadas — de ritual ou, aliás, de qualquer outro fenômeno — só tendem ao empobrecimento se não coincidem com nossos valores explícitos.²⁴

Ao seguir as práticas de adorações às deidades do Belo Horizonte Mandir,

²³ Adoração às deidades.

²⁴ PEIRANO, Mariza. *Rituais Ontem e Hoje*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 8.

podemos compreender e refletir sobre este processo, através do qual existe uma relação aparentemente sem sentido para a maioria das pessoas, como por exemplo, cozinhar e oferecer alimentos para uma estátua, que para olhos mais cautelosos não seria nada mais do que um objeto material. No entanto, trata-se de uma relação considerada altamente sublime e profundamente transcendental, sendo o centro no culto do *bhakti-yoga*, ou serviço devocional ali desenvolvido²⁵.

Outros estudos poderiam ter sido realizados, com enfoque diferentes, como por exemplo um estudo epistemológico da crença vaishnava, assim como uma pesquisa sobre relação de gênero nos rituais. Porém, no momento não nos foi possível aprofundar nestes temas por falta de tempo hábil para tal. Acreditamos que tais assuntos poderão vir a serem pensados em trabalhos futuros, em vista a sua riqueza e profundidade.

Esperamos que este trabalho venham a contribuir para dar um vislumbre aos estudos iconográficos hindus no Brasil. Com efeito, a presente pesquisa, constitui-se em um dos poucos estudos a nível acadêmico nesta área, realizado no país. Parece-nos, sem dúvida, de grande relevância o aporte do presente escrito para a compreensão de concepções e práticas próprias de uma cultura milenar, que foram deslocados da sua origem, e se estabelecem em outros lugares, a saber, em Belo Horizonte – Brasil.

2 VAISHNAVISMO

²⁵ JANSEN, Eva Rudy (compiladora). *O livro das Imagens Hinduístas*. São Paulo.1995, p. 13.

2.1 Krishna: do Oriente ao Ocidente

O evento religioso do qual fazem parte as imagens sacras analisadas é uma das múltiplas vertentes do Hinduísmo, o Vaishnavismo. Conhecido no Ocidente como ISKCON, abreviatura de *International Society for Krishna Consciousness*. Em português, Sociedade Internacional da Consciência de Krishna, popularmente chamado de Movimento Hare Krishna. No caso, o termo “hinduísmo”, que é usado para denominar a religião indiana na atualidade, é amplo e não era usado pelos indianos, além de não aparecer em nenhuma das escrituras sagradas das tradições seguidas pelo Hinduísmo. Nesse sentido, Arilson Oliveira²⁶, diz que:

O cenário físico é a terra que, desde épocas passadas, o mundo ocidental conhece como sendo a Índia, uma palavra que os gregos tomaram emprestado dos persas, que, por causa da dificuldade que tinham com o “s” inicial, chamavam o grande rio Sindhu (moderno Indu) de “Hindu”. Foi com esta palavra que os estrangeiros passaram a designar a religião e a cultura dos povos que viviam na terra banhada pelos dois rios, o Indo e o Ganges, embora os próprios nativos não usassem o termo.

Conforme Mittelsadt, os Vaishnavas são uma casta de adoradores do Deus Vishnu²⁷ (Figura 2) e dentro desta casta há diversas escolas de adoração. O traço que diferencia os Vaishnavas de outras linhas é o fato de oferecerem comida às divindades. A autora afirma ainda, que a filosofia vaishnava é de uma linhagem personalista, ou seja, propõe que Krishna seja adorado enquanto uma pessoa. Portanto, deve receber alimentos e cuidados como ser banhado e ser vestido. Esta prática serve para desenvolver amor puro a Deus e a todas as criaturas viventes. Nesse sentido 'a Deidade representa a alteridade, pois está presente no coração das entidades vivas na forma de alma eterna ou *paramatma*'²⁸.

²⁶ OLIVEIRA, Arilson. *Max Weber e a Índia: O vaishnavismo e seu yoga social em formação*. São Paulo: Blucher Acadêmico, 2009, p. 1.

²⁷ A palavra Vishnu significa “aquele que tudo penetra”, é tido como o preservador do universo. Ele é reconhecido por sua cor azul-escuro e por seus quatro braços, que sugerem que ele pode alcançar os quatro cantos do universo. Tradicionalmente, ele porta quatro objetos: Dudarshana chakra (disco), Gada (maçã), Padma (flor de lótus) e Shanka (búzio).

²⁸ MITTELSADT, Dulcineia Doneda. *Krishna: Os três Mundos e a noção de Pessoa Vaishnava*. 2012, p. 29.



Figura 2- Vishnú, “Aquele que mantém o Universo”.²⁹

Os ensinamentos da filosofia aqui estudada, Vaihnavismo, foram adaptados no Ocidente, pelo mestre indiano A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada.³⁰ Este diz se fazer uma ideia errada do movimento para a consciência de Krishna ao apresentá-lo como religião hindu, pois, este não se constitui em uma forma de fé ou religião, assim não tem finalidade de destruir qualquer outra fé ou crença. Longe disto, este é um movimento cultural essencial para toda a sociedade humana, que se destina a educar as pessoas no sentido de como elas devem amar a Deus e se relacionar com Ele.

O mesmo autor afirma que:

Ninguém encontrará a palavra “hindu” no Bhagavad-gitã. Na realidade, essa palavra “hindu” não existe em nenhuma parte da literatura védica. Esta palavra foi introduzida pelos muçulmanos provenientes das províncias próximas da Índia,

²⁹ Fonte > <http://www.wordzz.com/maha-vishnu-dwadasakshari-mantra/1708-vishnu-closeup-stephen-knapp-jpg/> Acesso em 02/12/2017.

³⁰ A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada, mestre autorizado na linha de sucessão discipular dos Vedas. Pela sua importância no movimento trataremos da sua história em separado mais adiante.

como o Afeganistão, o Baluchistão e a Pérsia. Existe um rio chamado Sindhu que faz fronteira com as províncias situadas ao noroeste da Índia, e, uma vez que os muçulmanos daquela região não conseguiam pronunciar corretamente a palavra Sindhu, eles chamavam o rio de “Hindu” e os habitantes desta região de “hindus”. Na Índia, segundo o idioma védico, os europeus são chamados mlecchas ou vavanas. De modo similar, “hindu” é um nome dado aos indianos pelos muçulmanos. [...] Deve-se compreender claramente que o movimento para a consciência de Krishna não está pregando a suposta religião hindu.³¹

Portanto, podemos entender que a palavra hinduísmo foi criada para designar práticas religiosas variadas de indivíduos que possuíam cultura e religiosidade diferentes daqueles a quem se referiam como hindus. Portanto, o termo hinduísmo ou hindu generaliza diferentes tradições religiosas e no início não era empregado pelas pessoas tidas como hindus ou praticantes do hinduísmo.

O Vaishnavismo é monoteísta e seus desígnios se baseiam em escrituras sagradas da Índia antiga, conhecidas como Vedas. Originalmente o conhecimento védico foi compilado através do sânscrito, um idioma milenar baseado no alfabeto devanágari. Nesse sentido, os Vedas são considerados o conhecimento original, não são meros escritos de conhecimento humano; eles são transcendentais. Em concordância com Prabhupada, os Vedas são divididos em quatro partes: Sama, Yajur, Rg e Atharva. Para elucidar, o épico histórico Mahabharata e os dezoito Puranas explicam os quatro Vedas. O épico histórico Ramayana também abrange o conhecimento dos Vedas. Os Upanisads são partes dos quatro Vedas e os Vedanta-sutras representam a nata dos Vedas.³²

Conforme o historiador Leon Adan,³³ as tradições bramânicas foram subdivididas em sistemas distintos com alguma interligação entre si e tem foco em uma divindade ou grupos de divindades específicas. No caso das tradições vaishnavas, estas estão centradas na divindade de Vishnu e suas encarnações. O Vaishnavismo conforme o autor, ganhou grande propulsão no assim chamado, período medieval indiano (500-1500) onde houve uma consolidação da tradição devocional (bhakti) e a instituição da supremacia do culto a essas divindades. Segundo o autor, 'Prabhupada e seus discípulos entendiam que eram representantes da “cultura védica”, dos seus ensinamentos, filosofia, modo de vida

³¹ PRABHUPADA, A. C. Bhaktivedanta Swami. A ciência da auto-realização. São Paulo: Editora. B.B.T. 2011, p 132 -133.

³² BHAGAVAD-GITA. c.11. v.48, 2008. p. 555.

³³ Possui graduação em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (2009), especialização em História do Brasil pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru (2014) e mestrado em História Social da Cultura Regional pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (2017). Atua nos temas: História Contemporânea, História Cultural, Teoria da História, História das Religiões, História do movimento Hare Krishna.

social e aspectos fundamentais”. Para alguns autores, diz ele, “os membros do movimento Hare Krishna se viam mais védicos que os próprios hindus”.³⁴

Em resumo, todas essas instruções védicas são aceitas pelo movimento Hare Krishna que entende o Bhagavad-Gita,³⁵ como um livro sagrado, sendo a essência dos Upanisads e a explicação introdutória às literaturas dos Vedanta-sutras. É portanto, a essência dos Vedas, uma vez que é falado pelo Senhor Sri Krishna, a Suprema Personalidade de Deus. Há também o Srimad-Bhagavatan ou Bhagavata Purana, que são importantes literaturas sagradas. Segundo a filosofia da consciência de Krishna, o Bhagavad-Gita foi falado por Krishna ao seu amigo e discípulo Arjuna (Figura 3), há cerca de cinco mil anos, no campo de Batalha de Kuruksetra na Índia, contém dezoito capítulos.

Considerado pelos vaishnavas uma verdadeira bíblia. Também divulgado no ocidente por meio da música popular brasileira, como por exemplo, o cantor Raul Seixas, “Eu nasci a dez mil anos atrás”, em seu álbum no ano de 1976.

Conforme Marcos Silva da Silveira:³⁶

Uma das características mais importantes do Movimento Hare Krishna é que ele é um movimento literário. Quando estamos falando de uma cultura espiritual sendo trazida da Índia para o Ocidente, temos que ter em mente que o trabalho principal de Srila Prabhupada sempre foi a transliteração da literatura vaishnava, sua publicação e sua divulgação, através de seus discípulos. Ele os instruiu pessoalmente para isso. Mesmo que nem todos os devotos a conheçam inteiramente, seu conteúdo circula por todo o meio de influência dos adeptos do Movimento.

A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada, afirma que na Índia todos os mestres espirituais e escrituras concordam que Krishna é a Suprema Personalidade de Deus. Todas as autoridades o reconhecem como o Senhor Supremo e quando ele esteve presente neste planeta provou isso com suas atividades extraordinárias e suas opulências. Nesse sentido, Krishna é considerado a Suprema Verdade Absoluta e todos os seres vivos possuem relação eterna com ele. É o proprietário e o controlador Supremo, onipotente, onisciente e onipresente, não há ninguém que o iguale ou que o supere, ele é

³⁴ CARVALHO, Leon Adan Gutierrez. “A Suave Invasão”: Práticas e Representações do movimento Hare Krishna em Pernambuco (1973-1996). 2017, p.39-40 e 85.

³⁵ Trata-se de um dos capítulos do Mahabharata, considerado como o mais conciso e sistemático livro de religião, ética, filosofia e metafísica jamais escrito. Sendo adotado como referência teórica fundamental no movimento.

³⁶ SILVEIRA, Marcos Silva da. Hari Nama Sankirtana - Estudo Antropológico de Um Processo Ritual. 1999, p. 16.

pleno de poder, de riqueza, de fama, beleza, conhecimento e renúncia.³⁷



Figura 3 – Krishna passa ensinamentos a seu discípulo e amigo Arjuna no campo de Kuruksetra em plena batalha.³⁸

A sucessão discipular (Figura 4) com o passar do tempo foi interrompida e há cinco mil anos Krishna precisou vir à terra para restabelecê-la. Novamente no século XV e XVI esse método de transmissão do conhecimento já havia sido interrompido novamente e então Krishna adveio como o Senhor Caitanya Mahaprabhu,³⁹ (1486-1534) para instituí-la mais uma vez⁴⁰.

³⁷ BHAGAVAD-GITA. *Bhagavad-gita Como Ele é*. Tradução e comentários de A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada. São Paulo BBT. 2008, c.9, v.11, p. 437.

³⁸ Fonte: ><http://spiritual.motivateme.in/5-political-lessons-to-learn-from-mahabharata-ta-politics-is-all-about-mind-game/> 12/12/2017.

³⁹ Mahaprabhu significa "o grande mestre". Apareceu em Bengala, Índia, em 1486 e viveu apenas 48 anos; contudo, iniciou uma revolução na consciência espiritual que afetou profundamente a vida de milhões de pessoas. Célebre como um grandioso santo mesmo na juventude, proponente do uso do mantra "Hare-Krishna" como meio de elevação espiritual, da linha de pensamento vedantista.

⁴⁰ SILVEIRA, Marcos Silva da. Max Weber e o Movimento Hare Krishna. In: SIQUEIRA, D. ; Lima, R. B. de. Sociologia das adesões: novas religiosidades e a busca místico esotérica na capital do Brasil. Rio de Janeiro, 2003, p. 274.



Figura 4- Sucessão discipular a partir de Krishna até os dias atuais.⁴¹

O movimento de sankirtana⁴² (tombado pela Unesco) foi inaugurado por Caitanya (Figura 5), há 500 anos na Bengala Ocidental. Ele também é conhecido como Sri Gouranga, devido à sua cor dourada. Seu nascimento, no ano de 1486, em Mayapur, Índia, fora predito pelas milenares escrituras védicas.

Enquanto viajava por toda a Índia, multidões de pessoas juntavam-se a ele. Sri Caitanya recitava com frequência um verso sânscrito, descrevendo a essência de seus sentimentos, que dizia que nesta era de *Kali*, era das desavenças e hipocrisia, momento atual em que vivemos, não haveria outra maneira para o progresso espiritual, senão cantar os Santos Nomes de Deus. Percorrendo por toda a Índia, multidões de pessoas juntavam-se a ele.⁴³

⁴¹ Fonte: <https://i.pinimg.com/originals/7e/38/f2/7e38f26d866aff053cfdcf7c6195f360.jpg>. Acesso 02/10/2016.

⁴² O verbo sânscrito *kir* significa “glorificar”, “narrar”, “elogiar”. *Kirtana* é o substantivo. E *san* significa “juntos”. “Juntos elogiando a Krishna”, neste caso, *sri krishna sankirtana*. Junto da Yoga, a lista da Unesco, para a Índia, é constituída pela dança Chhau; pelo canto Budista Ladakh; pelo **Sankirtana** – ritual de canto, música e dança de Manipur; pelo Ramlila – tradicional performance do épico Ramayana e mais 8 manifestações. Disponível:><https://www.nowmaste.com.br/unesco-ja-declarou-que-yoga-e-um-patrimonio-imaterial-da-humanidade/>. Acesso em 12/12/2017.

⁴³ Ibid, loc.cit.



Figura 5 – Ilustração Caitanya, Nityananda e seus associados, presente no Salão do BHM.⁴⁴

Caitanya Mahaprabhu pronuncia-se “Cheitanya” ou “Tieitanya”, que significa “força viva”. A palavra mantra é originária do sânscrito e traduzida para o português como instrumento da liberação da mente, ou seja, é um som transcendental. *Maha* significa grande ou maior, portanto, sugere, grande mantra ou o maior dos mantras. Considerado o grande canto para a liberação, e uma das formas de se conectar com Deus, conforme o movimento Hare Krishna.⁴⁵

Aceito por muitos eruditos e teólogos como encarnação de Krishna, ou Deus, Sri Caitanya Mahaprabhu estabeleceu um revolucionário movimento espiritual, como já foi dito, baseado na antiga literatura védica. Caitanya, colocando de lado as sufocantes

⁴⁴ Fonte: ><https://harekrishnarana.wordpress.com/2015/06/08/meditacao-hare-krishna-como-pratica-la/>. Acesso em 13/12/2016.

⁴⁵ GOSVAMI, Krishnadasa Kaviraja. Sr. Caitanya- Caritamrta Adi-Lila. Tradução: Prabhupada. 1967, p.1.

restrições do sistema de castas da Índia, permitiu que as pessoas transcendessem as barreiras sociais e alcançassem, através do cantar do Maha Mantra – “Hare Krishna, Hare Krishna, Krishna Krishna, Hare Hare, Hare Rama, Hare Rama, Rama Rama, Hare Hare” – entendida como a máxima plataforma de iluminação espiritual que antes estava restrita a uma pequena parte da população, os brahmanas.⁴⁶

Caitanya prediz que este canto seria ouvido em “todas as cidades e povoados” do planeta. Deu instruções à massa sobre a filosofia vaishnava, recomendou a todos a cantar os Santos Nomes do Senhor, pois estes nomes, segundo ele, são a encarnação sonora do próprio Deus, Krishna. Diz ainda que, como o Senhor é absoluto, não existe diferença entre seu nome e sua forma transcendental. Assim sendo, ao praticar esta vibração sonora o devoto está se conectando diretamente com o Senhor Supremo.⁴⁷ Os Goswamis, principais seguidores de Caitanya (1486-1534) levam adiante este movimento, após seu desaparecimento.

Mais tarde, no século XIX, na Bengala, o movimento obteve novamente uma revitalização por intermédio de Bhaktivinoda Thakura (1838-1914) (Figura 6), que se tornou um adepto do vaishnavismo, abrindo em 1887 uma gráfica onde publicava vários escritos da filosofia, fazendo circular o conhecimento da referida escola. Importante magistrado do Governo Britânico da Índia, na Bengala, pertenceu a Renascença Hindu. Segundo Carvalho⁴⁸, Bhaktivinoda Thakura (Figura 6 a) deixou vários escritos sobre o *Vashnavismo*. tais como: poemas, novelas e comentários.

O filho de Bhaktivinoda Thakura, Bhaktisiddhanta Sarasvati Thakura⁴⁹, (1874-1937) (Figura 6 b), deu continuidade ao trabalho de seu pai, foi o responsável pela institucionalização do Gaudiya Vaishnavismo, além de construir escolas, foi quem publicou os livros dos Goswamis (principais seguidores diretos de Caitanya) e provou a importância destes ensinamentos para o mundo moderno.

⁴⁶ MITTELSADT, Dulcnéia Doneda. *Krishna: Os três Mundos e a noção de Pessoa Vaishnava*. Porto Alegre. Ciências Sociais, 2012, p. 28.

⁴⁷ GOSWAMI, Satsvarupa dasa. *Prabhupada: um santo no século XX*. São Paulo: BBT, 2014, p. 59.

⁴⁸ CARVALHO, 2017, p. 51.

⁴⁹ Em 1918, fundou a Gaudya Math Institute for Teaching Krishna Consciouness que organizou a devoção a Krishna. Ele introduziu muitas inovações para expandir a pregação. Por toda Índia organizava exposições teístas grátis e dioramas retratando os passatempos de Deus, Sri Krishna e Sri Chaitanya Mahaprabhu. Empregando a mais recente tecnologia, usava até bonecos animados. Para comemorar os muitos locais sagrados visitados pelo Senhor Chaitanya ele instalou impressões de mármore dos pés de lótus do Senhor. Quebrando a tradição, permitia que seus discípulos renunciados usassem roupas costuradas, que andassem em carros e barcos a motor, e carregassem a mensagem de Deus, atravessando o mar até a Europa. http://radioharekrishna.com/Bhaktisiddhanta_Saraswati_Thakur_Biografia.htm. Disponível em 10/09/2017 às 20:33 Hs.

Foi o preceptor do mestre Prabhupada que divulgou a filosofia vaishnava no Ocidente na década de 1960.⁵⁰



Figura 6a- Bhaktivinoda Thakura (1838-1914).⁵¹

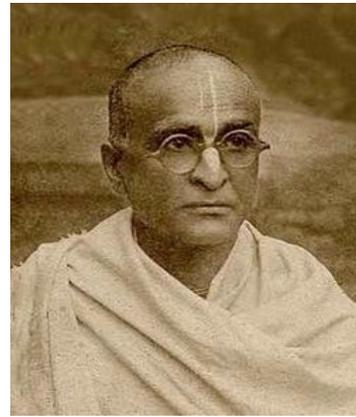


Figura 6b- Bhaktisiddhanta Sarasvati Thakura (1874-1937).⁵²

Sua Divina Graça A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada, 1896-1977, (Figura 7), nasceu em Calcutá, Índia. O seu pai Gour Mohan De era um comerciante pertencente à aristocracia da comunidade mercantil *suvana-vanik*, e sua mãe chamava-se Rajani.

Nasceu como Abhay Charan De em 1º de setembro de 1896. Seus pais contrataram um astrólogo, seguindo a tradição a fim de calcular seu mapa astral e este teria predito que aos 70 anos, a criança cruzaria o oceano, tornar-se-ia expoente da religião e abriria 108 templos.⁵³

Prabhupada chegou ao Ocidente em um contexto de modernização e globalização em meio a um clima de revolta social nos Estados Unidos nos anos 1960, conhecido por Contracultura.

⁵⁰ SILVEIRA, Marcos Silva da. Hari Nama Sankirtana – Estudo Antropológico de Um Processo Ritual. 1999, p. 19.

⁵¹ Fonte: >https://es.wikipedia.org/wiki/Bhaktivedanta_Swami_Prabhupada#/media/File:Bhaktisiddhanta2.jpg Acesso 14/12/2017.

⁵² Fonte: ><http://prabhupadasevasm.blogspot.com.br/2011/02/hoje-e-aparecimento-de-srila.html>. Acesso 14/12/2017.

⁵³ GOSWAMI, Satsvarupa dasa. *Prabhupada*: um santo no século XX. São Paulo: BBT, 2014, p. 11.



Figura 7- A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada (1896-1977).⁵⁴

Segundo Guerriero, o orientalismo oferece uma espiritualidade exótica para aqueles jovens ansiosos por liberdade, loucos para romper com as instituições hegemônicas do poder, como o cristianismo. Estes encontram no movimento algo contrário a religiosidade institucional vigente. '[...] o ativismo político da década de 60 mostrava-se com uma forte inclinação para o ocultismo, para a magia e para o ritual exótico que se tornou parte integrante da chamada contracultura'.⁵⁵ Neste contexto dá-se as primeiras iniciações no Ocidente (Figura 8), os novos adeptos em sua maioria *hippies*, ansiavam por experiências transcendentais.

⁵⁴Fonte:>https://es.wikipedia.org/wiki/Bhaktivedanta_Swami_Prabhupada#/media/File:Bhaktisiddhanta2.jpg
Acesso 14/12/2017.

⁵⁵ GUERRIERO, Silas. Novas Configurações das Religiões Tradicionais: Resinificação e Influência do Universo Nova Era. Revista da UFS. 2009, p. 46-48.

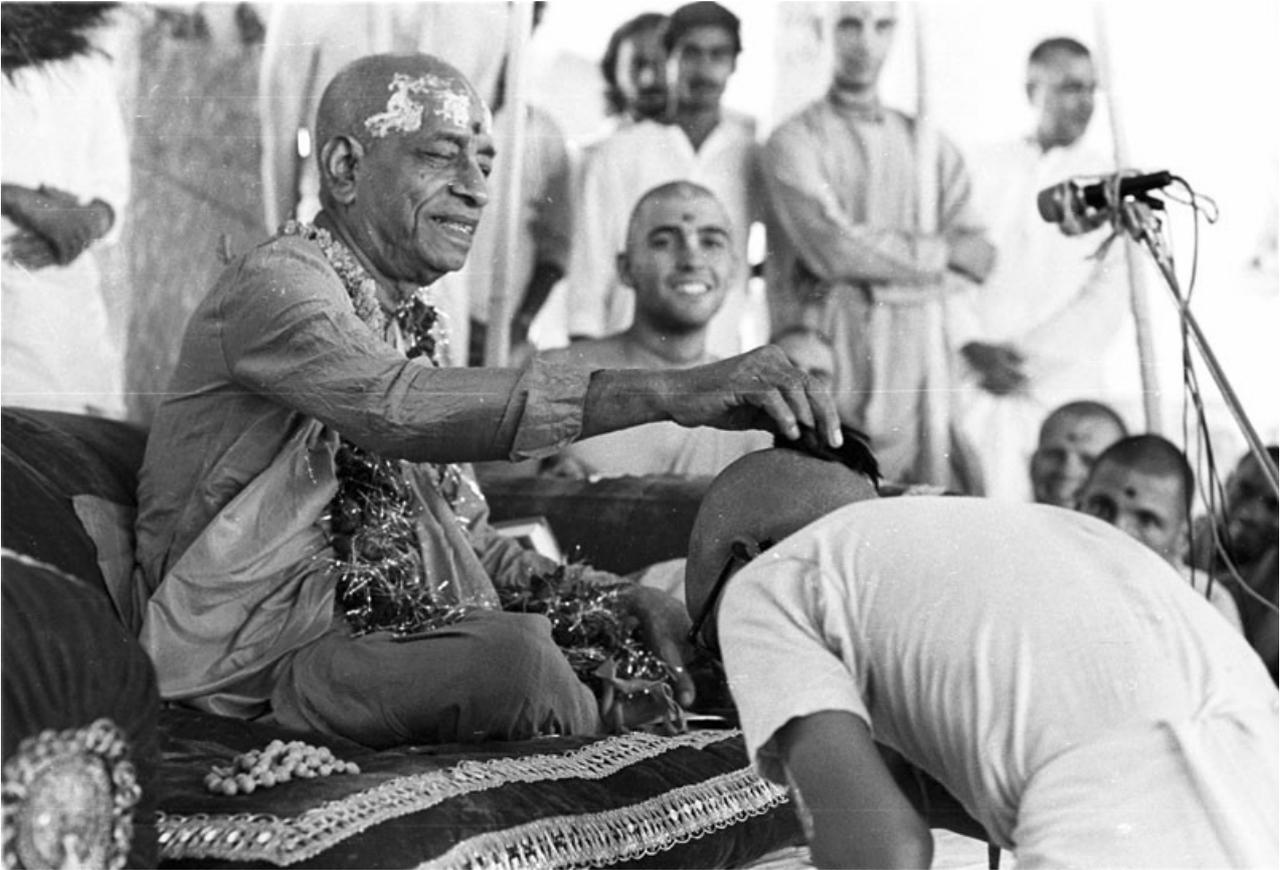


Figura 8 - Srila Prabhupada dá iniciação aos jovens americanos. 1966⁵⁶

Esses jovens passaram a ignorar quase completamente sua antiga orientação religiosa, pois esperavam de suas religiões mais do que uma instituição ético-social, buscando experiências místicas; queriam alcançar uma “renovatio individual e, ao mesmo tempo, coletiva, [...] que se dá pela iniciação e, conseqüentemente, numa revelação de segredos antigos e veneráveis”.⁵⁷

Mircea Eliade esclarece que a iniciação espiritual, naquele contexto, atribui ao adepto um novo status, e ele se sente um eleito, um escolhido no meio da sociedade. O ritual de iniciação no vaishnavismo é a formalização da conexão do devoto com a linha de conhecimento, que descende de mestre em mestre até tempos imemoriais, onde o devoto faz seus votos e torna-se um representante da tradição.

O movimento Hare Krishna se adaptou bem a essa ânsia de respostas,

⁵⁶ Fonte:>http://www.prabhupadaconnect.com/Srila_Prabhupada_Tompkins_Square_Park.jpg

⁵⁷ ELIADE, M. *Ocultismo, bruxaria e correntes culturais*: ensaios em religiões comparadas. Tradução: Noemi da Piedade Lima King. Belo Horizonte: Interlivros, 1979, p. 69.

possibilitando ao adepto romper com o passado e com todos os tipos de regras e dogmas em busca de uma instância sacramental da existência humana. Nesse contexto, surgiu em Nova Iorque (1966) a *International Society for Krishna Consciousness* – ISKCON, por meio do trabalho missionário do pensador indiano, renunciante e líder religioso A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada.⁵⁸

O Vaishnavismo ampliou significativamente a divulgação de sua tradição pelo mundo, em grande parte através das ações de expansão dos devotos. Houve também a participação de artistas e intelectuais dessa geração, a exemplo do cantor George Harrison, guitarrista dos Beatles, que conheceu o movimento em 1967 e muito ajudou na divulgação do *mahamantra*, chegando a produzir o álbum “Radha Krishna Temple”, a canção “My Sweet Lord”. Outro que apoiou o movimento foi John Lennon. (GOSWAMI, 2014. p. 294).

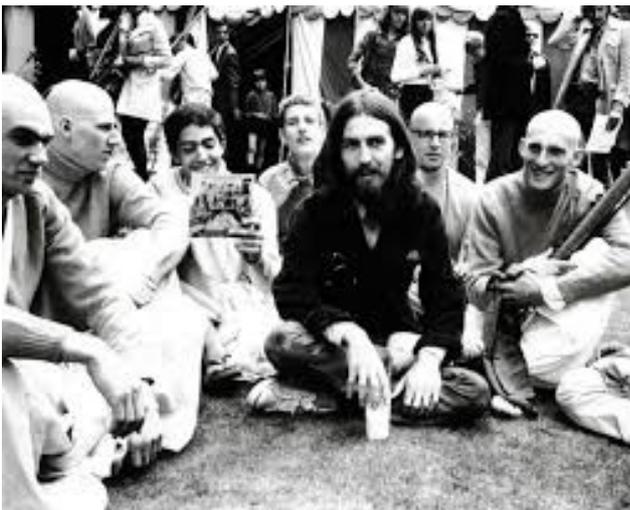


Figura 9 a Cantor George Harrison, e devotos Hare Krishna. Lançamento LP -1970.⁵⁹



Figura 9 a Cantor George Harrison, e Prabhupada Hare Krishna. .⁶⁰

Prabhupada fez várias viagens (Figura 10), deu palestras em diferentes partes do mundo e construiu uma confederação mundial de templos, comunidades rurais e escolas, confirmando a predição feita por astrólogos em seu nascimento, de que ele seria um grande pregador, comparado a Nara Muni⁶¹ moderno. Prabhupada viajou o equivalente a quatorze voltas ao mundo entre os anos de 1965 e 1977 com o exclusivo propósito de

⁵⁸ GOSWAMI, Satsvarupa dasa. um santo no século XX. São Paulo: BBT, 2014, p. 294.

⁵⁹ Fonte: <https://voltaaosupremo.com/artigos/artigos/srila-prabhupada-um-narada-muni-moderno/> Acesso em 12/09/2017.

⁶⁰ Fonte: <https://voltaaosupremo.com/artigos/artigos/srila-prabhupada-um-narada-muni-moderno/> Acesso em 12/09/2017.

difundir a consciência de Krishna.



Figura 10- Prabhupada em uma de suas várias viagens ao redor do mundo.⁶²

Sua pregação consistiu em essência em que os seres vivos são almas espirituais eternas, cuja posição constitucional é servir e amar a Krishna, alcançando a perfeição da vida⁶³. Ensinou seus seguidores um método de se aproximar e amar a Deus, por meio de práticas devocionais tais como: os pujas (adoração às deidades), meditações, cânticos, mantras e *japa mala*.

Além de todas essas práticas devocionais que são entendidas como disciplinas de preparação mental, de apreciação ao todo, segundo Mukunda dasa, no Prólogo do livro “*A Ciência da Auto Realização*”, Prabhupada ensinou ciência espiritual, filosofia, bom senso, belas artes, idiomas, o modo de vida védica – higiene, culinária, (Figura 11) medicina, etiqueta, vida familiar, agricultura, organização social, educação escolar,

⁶¹ Sri Narada Muni, um dos filhos do Senhor Brahma (o primeiro ser criado no universo), é um dos doze *mahajanas*, ou autoridades da consciência de Krishna. Em um comentário ao canto seis do *Srimad-Bhagavatam*, Srila Prabhupada fala de uma semelhança entre ele e Narada Muni. Depois que Narada havia convencido milhares de *prajapatis*, ou progenitores da humanidade, a renunciarem a vida familiar para se dedicarem por completo à vida espiritual, Daksha, o pai deles, disse a Narada: “És um homem néscio que não sabe como se conduzir em relação a outros. Podes viajar por todo o universo, mas te amaldiçoou a não ter residência em parte alguma”.

⁶² Fonte ><https://voltaaosupremo.com/artigos/artigos/srila-prabhupada-um-narada-muni-moderno/Acesso> em 12/09/2017.

⁶³ Diferente de outras religiões como o Budismo, autorrealização para os *gaudiya-vaishnavas* não se limita a libertar-se do ciclo de reencarnações e mortes fundindo-se no vazio impessoal, mas refere-se principalmente a desenvolver o amor puro por Deus.

economia, adoração, – e muitas outras coisas às várias pessoas interessadas no conhecimento védico. Levou estes seguidores ao reconhecimento de uma realidade mais fundamental do que aquela captada pelos sentidos. Tudo isto foi adaptado e ensinado pelo Mestre Prabhupada, as pessoas⁶⁴.

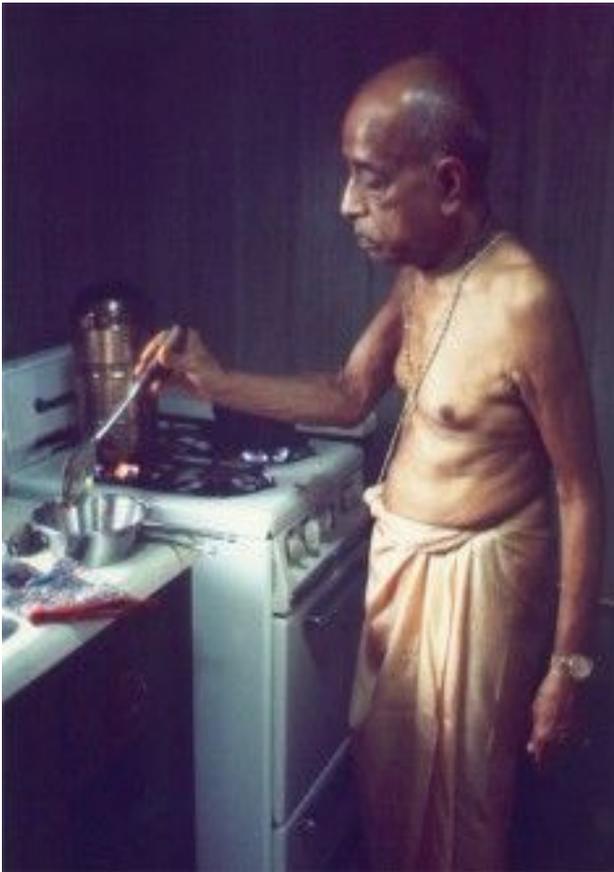


Figura 11 a- Prabhupada e seus ensinamentos. Nova York- 1966. Figura 11 b-c Devotas praticantes na cozinha e no altar do BHM- 2001 e 2004. Belo Horizonte – Brasil.

Conforme Declaração do GBC – Comissão do Corpo Governante da ISKCON, podemos afirmar que a posição de Srila Prabhupada é a de fundador *Acharya*⁶⁵ da Sociedade Internacional para a Consciência de Krishna. Sendo que todos os membros da ISKCON o consideram o guru preeminente e são encorajados a procurar abrigo no mesmo, assim como ter uma relação pessoal com ele por meio de seus livros, ensinamentos, serviço e sua sociedade, a ISKCON.

Conforme Prabhupada,⁶⁶ todos os seres são originalmente entidades conscientes

⁶⁴ PRABHUPADA, A. C. Bhaktivedanta Swami. *A ciência da auto-realização*. São Paulo: Editora B.B.T., 2011, p. 13.

⁶⁵ Aquele Mestre que ensina pelo próprio exemplo.

⁶⁶ BHAGAVAD-GITA, 2008. v.3 c.10, p. 165.

de Krishna. Por causa do contato com a matéria desde tempos imemoriais, a consciência está poluída pela atmosfera material. É impossível dominar a natureza material, pois ela está sob suas rigorosas leis universais. O processo de cantar o mantra Hare Krishna Hare Krishna/ Krishna Krishna Hare Hare/ Hare Rama Hare Rama/ Rama Rama/ Hare Hare, desperta a consciência pura e original da entidade viva e as livra do *sansara*, (Figura 12) decorrente do *karma*.

Segundo Bhakti Thirtha Swami, *karma* é um princípio universal da causa e do efeito resultante do ato. A implicação ética é independente do bem ou mal que alguém fizer; esse alguém deve colher seus resultados: ações boas levam à felicidade, ações ruins levam ao sofrimento, o céu ou o inferno.



Figura 12- Samsara, transmigração da alma, Lei do karma, causa e efeito⁶⁷.

Os resultados retribuídos são proporcionais à gravidade da ação. 'O que fazemos agora prepara o que receberemos no futuro. Isto é *karma*. Nossos pensamentos e

⁶⁷ O conhecimento básico da consciência de Krishna é entender que não somos estes corpos e sim almas espirituais eternas, somente com esta consciência nos livramos do Sansara, ou seja, dos nascimentos e mortes. Fonte:><http://www.metalsucks.net/wp-content/uploads/2012/11/Samsara.jpeg>. Acesso 14/12/2017.

atividades atuais produzem certas reações futuras⁶⁸.

Conforme Prabhupada a finalidade da vida humana é se livrar de nascimentos, doenças, velhice e morte. Segundo ele o primeiro passo em matéria de auto-realização é compreender que nossa verdadeira identidade não tem nada a ver com o corpo.

[...] a vida humana é especialmente destinada a auto-realização e diante deste fato o ser humano deve tomar conhecimento do que ele é, do que é o mundo, e do que é a Verdade Suprema. Somente nesta forma humana o ser vivo pode se livrar de todas as misérias da dura existência material, e pelo qual pode voltar ao seu verdadeiro lar, o mundo espiritual.⁶⁹

O mundo espiritual é descrito no *Srimad Bhagavatam* e se diz que nele existem planetas espirituais, conhecidos como *Vaikunthas*, que são a morada da Suprema Personalidade de Deus. Segundo Prabhupada, os *Vaikunthas* são planetas espirituais que constituem manifestações da potência interna do Senhor, e a proporção destes planetas para os planetas materiais (energia externa) é três para um. Entre esses planetas está o planeta espiritual mais elevado, o planeta de Krishna, Krsnaloka ou Goloka Vrndavana⁷⁰. (Figura 13).

O *maha-mantra*⁷¹ hare krishna origina-se diretamente da plataforma espiritual e é indicado como ferramenta para a elevação da consciência a Deus nesta era de *kali*.⁷² Para o movimento Hare Krishna, Deus tem uma forma transcendental, sendo uma pessoa, a Pessoa Suprema. Esse fato facilita a compreensão da importância que a imagem tem para a doutrina do movimento e para os devotos, pois segundo a perspectiva vaishnava, podemos ver Deus através da imagem.

⁶⁸ SWAMI, Bhakti Tirtha. *Guerreiro Espiritual I*. Belo Horizonte: Shakti Editora e Publicidade, 2009, p. 5

⁶⁹ BHAGAVATA PURANA. Tradução e comentários de A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada. São Paulo: BBT, 1995, 19 volumes. 1995, p.76.

⁷⁰ BHAGAVAD-GITA. 2008, c.8, v.13, p. 401.

⁷¹ O termo "Hare" é uma evocação à energia feminina de Krishna, energia de amor e serviço; o nome "Krishna" significa "o todo atrativo" ou "aquele que atrai a todos", e se refere à forma azulada de dois braços, que usa uma pena de pavão adornando sua cabeça e está sempre tocando sua flauta; e "Rama" refere-se à "fonte de todo o prazer". As três palavras que compõem o *maha-mantra* são diferentes nomes de Krishna.

⁷² Atual era, caracterizada pela desavença, inveja e ódio. PRABHUPADA, 2011, p.178.



Figura 13 – MAPA do mundo espiritual, segundo a Cosmologia Védica.⁷³

Escolhemos trabalhar as representações escultóricas das deidades que são adoradas no Belo Horizonte Mandir, porém é bom salientar que há no universo vaishnava inúmeras outras pinturas das múltiplas formas de Krishna. Tanto as esculturas quanto as pinturas o representam. Destacamos que Krishna⁷⁴, pelos que nele creem, é considerado um só e se expande em ilimitados aspectos devido à sua onipotência, a fim de se relacionar de várias maneiras com seus inúmeros devotos em cada cultura específica.

⁷³ Fonte:> <https://pt.scribd.com/document/206658586/Krishna-Loka-Poster>. Acesso 16/12/2017.

⁷⁴ Krishna é um dos principais nomes de Deus e significa “o todo atraente”. Vide <http://files.krishna.com/pt/audio/audiobooks/kb/KB_00-1.mp3>

2.2 Movimento Hare Krishna no Brasil

Os Novos Movimentos Religiosos tiveram o seu apogeu entre os adeptos da contracultura que passaram a se organizar em torno das suas buscas por religiosidade e espiritualidades alternativas aos padrões vigentes na década de 1960. Estes criaram, portanto, novas formas de fé e ao mesmo tempo se apropriaram de movimentos religiosos existentes, dando-lhes um novo sentido, em um processo de re-significação simbólica. Mantiveram-se por buscar técnicas e maneiras de agir que focam a vivência espiritual no aspecto experimental, sendo que tais técnicas, geralmente são oriundas de culturas antigas.

Silas Guerriero destaca três períodos do Movimento Hare Krishna no Brasil, o de 1974 a 1977, que se caracterizava pela existência de grupos isolados que começaram a trazer dos Estados Unidos e da Europa os livros do mestre indiano Prabhupada. Em São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador, formaram-se pequenas comunidades. A presença desses grupos na sociedade mais ampla era muito tímida e, quando saíam para as ruas em pregações, com roupas tradicionais da Índia, não deixavam de causar alguma estranheza e certo distanciamento da sociedade de modo geral.⁷⁵ Nesse contexto, não havia templos com deidades instaladas no Brasil.

Após 1977, segundo o autor, já sob a autoridade de Hridaynanda Acharyadeva, devoto norte-americano que ficou responsável pela região da Flórida e América do Sul, a ISKCON do Brasil⁷⁶ experimentou um forte avanço. Vários templos surgiram nas capitais e em outras cidades grandes. Foi um período de institucionalização e crescimento, através de uma propaganda arrojada que levou os devotos a aparecer nos meios de comunicação. Naquele momento as pessoas se mostravam abertas para ouvir o que diziam aqueles diferentes rapazes de cabeças raspadas e roupas alaranjadas.

Conforme Lúcio Valera⁷⁷:

⁷⁵ GUERRIERO, Silas. O Movimento Hare Krishna no Brasil: uma interpretação da cultura védica na sociedade ocidental. *Revista de Estudos da Religião*. n. 1, p. 44-45, 2001.

⁷⁶ Com seus atos constitutivos e estatutos sociais registrado em 11 de março de 1975 no 1º Ofício de Registro de Títulos e Documentos da Cidade de São Paulo, sob o nº 33723 do livro "a" nº 24 do Registro Civil de Pessoas Jurídicas.

⁷⁷ Doutor em Ciência da Religião pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de João Pessoa (2015). Tem nos temas: filosofia, ética, diálogo inter-religioso, religião comparada, filosofia e religiões orientais, hinduísmo e vaishnavismo. Devoto antigo, verdadeiro arquivo "vivo" do movimento Hare Krishna Brasil. Nome espiritual: Loka Sakhi Das.

A ISKCON se constituiu juridicamente em 28 de fevereiro de 1975, como a Sociedade Internacional para a Consciência de Krishna do Brasil – ISKCON. O templo de São Paulo permaneceu na Rua Afrânio Peixoto, por alguns meses, até que, devido a problemas com a vizinhança por causa do barulho, teve de mudar-se. Foi para a Rua Bolívia 180, no Jardim Aeroporto, onde permaneceu até os meados de 1976. Então, mudou-se para o bairro Liberdade, inicialmente na Rua Pandiá Calógeras, 84, e, depois, no número 54 da mesma rua. Ainda nos anos de 1970, além do templo de São Paulo, foram abertos vários outros, como filiais da ISKCON do Brasil, em Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Curitiba, Porto Alegre, Salvador e Recife.⁷⁸

A pregação do movimento baseava-se na venda dos livros de Prabhupada, publicados pela Editora Bhaktivedanta Book Trust (Associação BBT do Brasil). O desenvolvimento editorial possibilita forte arrecadação de recursos que financia tanto a manutenção dos templos como a compra de uma fazenda no interior de São Paulo, Pindamonhangaba, onde foi construída uma comunidade rural⁷⁹. Nesse período, os devotos e seus líderes tinham a expectativa de um crescimento quantitativo expressivo que pudesse causar uma mudança em toda a sociedade humana.

O movimento propunha mostrar a todos uma saída para a vida vazia e sem sentido que as pessoas vivenciavam. Percebe-se que a grande maioria dos devotos desse tipo de filosofia espiritual é integrada por jovens que tiveram uma formação religiosa pobre e praticamente nenhuma vivência.⁸⁰

O autor Eliade aborda que a nova explosão e interesse pelo ocultismo e pelas novas religiões se dá no interior das camadas urbanas e que 'a maior parte dos membros dos novos cultos ignora quase completamente sua herança religiosa, pois, sente-se insatisfeita com o que viu, ouviu ou leu sobre o cristianismo'.⁸¹

Segundo Valera, foi nesse ínterim que o movimento contou com a adesão do baiano Rogério Duarte um dos mentores intelectual do Movimento Tropicalista no Brasil:

No fim dos anos 1970, o Movimento Hare Krishna contou com a adesão de um importante intelectual baiano, o artista gráfico, músico, compositor, poeta, tradutor e professor doutor Rogério Duarte. Parceiro do poeta Torquato Neto e reconhecido como um dos mentores intelectuais do Movimento Tropicalista, Rogério Duarte foi também um dos primeiros presos políticos a denunciar publicamente a tortura no

⁷⁸ *Ibid.* p.8.

⁷⁹ COBRA, Cristiane Moreira. *Nova Gokula: uma escolha racional para os devotos Hare Krishna no Brasil*. Último Andar, n. 16, 2007, p. 39.

⁸⁰ ALMEIDA; ARAÚJO; OLIVEIRA; BUBGNIAK; FIUMARI. *ISKCON Belo Horizonte: Uma religião védica em Minas Gerais*. 2012, p. 36.

⁸¹ ELIADE, 1979. p. 68.

regime militar. Contudo, em decorrência do endurecimento desse regime e da promulgação do Ato Institucional No. 5, Rogério entrou na clandestinidade e iniciou a sua fase "transcendental". Esta o levou a estudar o Sânscrito e iniciar a tradução da *Bhagavad-gītā*, lançada por ele anos mais tarde, sob o título de *Bhagavad Gītā: Canção do Divino Mestre* (Duarte, 1998). Acompanha o livro um CD musical, que conta com a participação de astros da Música Popular Brasileira. Rogério Duarte foi iniciado com o nome de Raghunatha Dāsa⁸².

O terceiro momento, a década de 1990, foi de consolidação do movimento que deixou de ser revolucionário e inovador para acomodar-se em um campo mais amplo das demais denominações religiosas, com características de uma instituição religiosa. É o período em que quatro gurus brasileiros⁸³ já se encontram atuantes. A essa época, os gurus já atuavam e deixavam marcas de suas características.⁸⁴ Segundo Silas, o movimento sofreu um pequeno decréscimo de devotos internos e de templos instituídos. Deixa de haver, a grande rotatividade existente anteriormente entre aqueles que entravam no movimento mas que não permaneciam por muito tempo.

A presença da ISKCON na sociedade brasileira é quantitativamente desprezível, segundo estatísticas, mas representa algo significativo não só pela manifestação de entusiasmo de seus adeptos; mas também pela contribuição dada por elementos de sua teologia ao quadro cultural de religiosidade mais amplo.

Guerriero chama atenção para o fato de que hoje ninguém se espanta ao ver um hare krishna na rua e que suas concepções e visões de mundo deixaram de ser percebidas pela população como exóticas, passando a fazer parte do universo de crença das pessoas em diversos espaços, tais como a academia. E é possível não afirmar que 'os traços culturais do Oriente védico estão agora incorporados à sociedade brasileira'.⁸⁵

⁸² VALERA, 2015. Trabalho não publicado, p.11.

⁸³ Dhanvantari Swami, Purusatraya Swam, Param Gatti Swami e ChandraMukha Swami

⁸⁴ GUERRIERO, 2001.p.56.

⁸⁵ Ibid.p.54.

3 O BELO HORIZONTE MANDIR

3.1 Formação

Segundo historiadores, Belo Horizonte, cidade planejada e construída pelas elites do Estado de Minas Gerais para ser a capital política e administrativa das Minas Gerais, foi concebida sob a égide da ideologia republicana. Seu planejamento, fortemente influenciado pelas ideias positivistas dentro do paradigma de modernidade da época, buscava controlar, através da concepção urbanística, as instâncias política e privada da população. Em 1807 foi inaugurada a capital mineira com o nome Cidade de Minas Gerais, que foi mudado para Belo Horizonte em 1909.⁸⁶

O Belo Horizonte Mandir fica situado nesta capital a Rua Ametista, n. 212 no Bairro do Prado. Conforme o Estatuto da ISKON de Minas Gerais – Sociedade Internacional da Consciência de Krishna de Minas Gerais⁸⁷, nasce oficialmente em fevereiro de 1986. Trata-se de uma associação sem fins lucrativos, organizada e instituída pelos padrões apresentados pela ISKCON, segundo o Goerning Body Commission (Comissão do Corpo Governamental) fundado em 1970, por Sua Divina Graça Abhay Carana Bhaktivedanta Swami Prabhupada). A nível nacional, está filiada ao Conselho Governamental da ISKCON Brasileiro – GBC.

Nesta pesquisa, utilizamos fotografias para contar um pouco sobre a história da ISKCON de Belo Horizonte, Minas Gerais, ou do Belo Horizonte Mandir. Conforme Peter Burke, é aconselhável o uso da imagem no processo da reconstrução da cultura material, tanto em museus, quanto em livros de história, e ainda afirma que os recursos fotográficos se constituem em testemunhas sobre o passado, suplementando e apoiando as evidências dos documentos escritos, e/ou as complementando quando os textos disponíveis são insuficientes ou inexistentes.⁸⁸

A atuação da ISKCON de Belo Horizonte se dá a partir do contexto de divulgação dos livros de Prabhupada no Brasil, sendo o auge de suas vendas nos anos 70. Conforme Lúcio Valera, o primeiro devoto hare krishna chegou ao Brasil no ano 1973 a convite do

⁸⁶ Disponível em <<https://www.portalbrasil-cidades-bh.htm>> Acesso em 25/10/2017, às 19:00.

⁸⁷ ANEXO A

⁸⁸ BURKE, Peter. *Testemunha Ocular*. Bauru, SP: EDUSC, 2004, p. 121.

Sílvio Santos. Oficialmente foi estabelecido um Templo em São Paulo no ano de 1975 e, alguns devotos iam a Belo Horizonte no intuito de distribuir livros e logo após retornavam à São Paulo, pois naquela época somente lá era mantido um templo hare krishna⁸⁹.

Ocorreu no ano de 1975, a expulsão de devotos argentinos pela ditadura, e devotos de Buenos Aires vieram para o Brasil, fugindo do sistema militar, trazendo consigo as deidades Gaura e Nitay⁹⁰. Segundo devotos mais antigos, alguns deles vieram morar em Belo Horizonte, juntando-se a outros adeptos que já praticavam a *bhakti-yoga*. Nesse ínterim, surgiram novos interessados pela filosofia que passaram a se reunir em casas alugadas para fazer os estudos dos ensinamentos da doutrina⁹¹, espontaneamente.

O primeiro local de reuniões ficava localizado na Rua Araxá, bairro Lagoinha (1977-1979), onde se estabeleceram e montaram uma fábrica de incensos, local também usado como templo para adorações às deidades. (Figura 14).



Figura 14 – Sede do primeiro Templo Vaishnava de Minas Gerais. Rua Araxá, b. Lagoinha. De 1977 a 1979, BH. Arquivo Valera.

Após o fechamento da fábrica que funcionou até 1979 os devotos ficaram por um período sem templo e sem nenhum projeto Hare Krishna, em Belo Horizonte. Com a chegada de um discípulo de Srila Prabhupada por nome de Param Gati, natural de Pouso

⁸⁹ VALERA, 2015, p.3.

⁹⁰ Representações de Krishna.

⁹¹ <<https://krishnabh.wordpress.com>> Acesso em 02/ 08/2016, às 19:30.

Alegre, estudante da PUC Minas, reacenderam-se os ânimos do. Nessa época Param Gati, começou explorar a região do Bairro Serra (1980), até chegar no bairro de Lourdes. Sendo este local a maior casa em que o movimento esteve presente. (Figura 15)⁹².

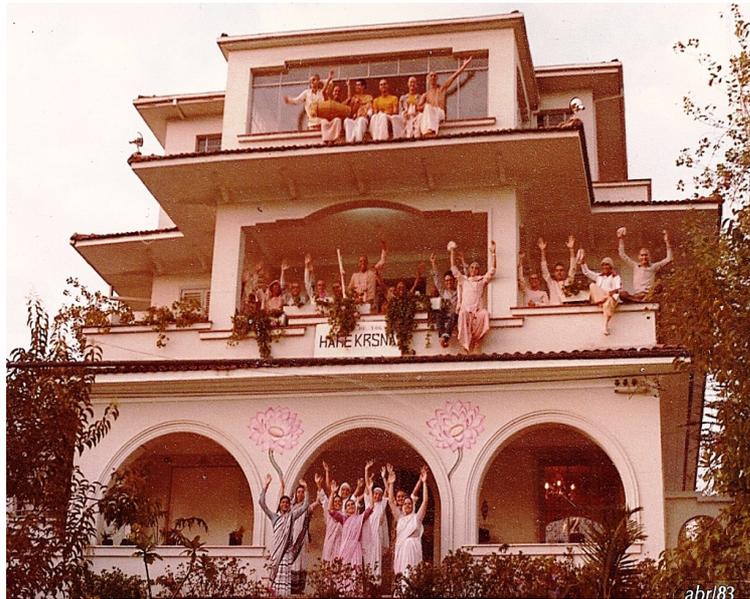


Figura 15-Templo da rua Gonçalves Dias, b. Lourdes. BH. 1983. Arquivo Valera.

Ocorreu o pedido da casa feito pela proprietária do imóvel da Gonçalves Dias, o que levou os devotos a se mudarem para uma casa na Avenida Getúlio Vargas (1984) (Figura 16), esquina com a Rua Maranhão, permanecendo neste endereço por um período maior.

⁹² ALMEIDA; ARAÚJO; OLIVEIRA; BUBGNIAK; FIUMARI, 2012, p.38



Figura 16- Devotos em kirtan na sede da ISKCON BH na Getúlio Vargas. Arquivo Valera.

Nesse ínterim ocorreu a primeira instalação das deidades que ora estudamos. Assim, o templo na Getúlio Vargas foi o primeiro a estabelecer as esculturas de Jagannatha, Baladeva e Subhadra.⁹³ (Figura 17).



Figura 17- RAVI (1984) - Esculturas Deidades instaladas. AV. Getúlio Vargas Arquivo Varela.

O templo Hare Krishna foi estabelecido oficialmente na capital mineira em 9 de fevereiro de 1986, na rua Sta. Helena, 39, apto. 402, no bairro da Serra⁹⁴.

Conforme Leon Adan⁹⁵, em 1980:

[...] a ISKCON teve de encarar uma grande mudança de perceptiva – do comunitário (monástico) para o congressional (famílias nucleares) – fazendo com que a maioria dos membros da ISKCON passassem a se inserir no mercado de trabalho em busca da manutenção de suas famílias.

Segundo devotos antigos do BHM, em face a um declínio do movimento no Brasil, onde a única fonte de renda dos devotos era a distribuição de livros, sendo que toda a

⁹³ Disponível > <https://krishnabh.wordpress.com>> Acesso em 02/ 08/2016, às 19:30

⁹⁴ ANEXO A.

⁹⁵ CARVALHO, 2017, p.79.

estrutura financeira do Templo girava em torno desta atividade; aqueles que moravam nos templos, principalmente os que já eram casados, passaram a buscar trabalhos seculares para a própria manutenção e das suas famílias. Assim, montaram suas moradias e continuaram seguindo os preceitos do movimento mantendo a tradição de prestar os serviços devocionais no templo e frequentar nos finais de semana os festivais.

De acordo com o arquivo fotográfico organizado por Lúcio Valera, depois dessa fase o templo passou pelos bairros Caiçara, Venda Nova e Vespasiano (região metropolitana), vindo a se estabelecer no bairro do Prado no ano de 1994 (Figura 18), em uma casa na Rua Aristóteles Caldeira. Na medida em que aumentava a congregação, foi possível adquirir uma casa própria, situada no mesmo bairro no ano de 1996, conforme Escritura de Venda e Compra – do imóvel adquirido⁹⁶

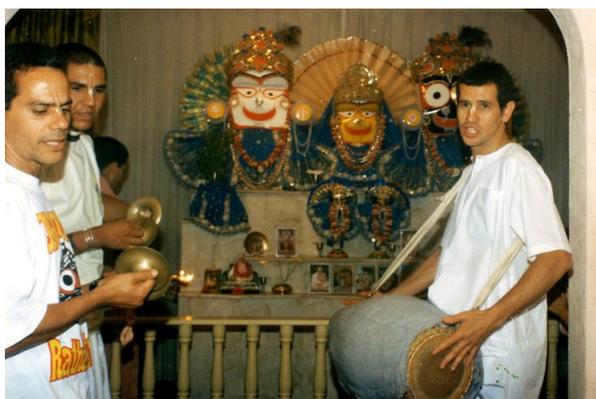


Figura 18 a- Adoração e kirtan



Figura 18 b- Sede da rua Aristóteles Caldeira. 1995. Arquivo Valera.

Devotos mais antigos contam que pelo fato da inflação ter se estabilizado um pouco no Brasil, ocorreu uma campanha para adquirir o imóvel do atual endereço. Sendo o Belo Horizonte Mandir, o primeiro templo urbano próprio no Brasil, pertencente a ISKCON; até então, todos os outros mantidos até aquele momento eram alugados. Apresentamos abaixo algumas fotos do templo no atual endereço datadas de 1996, época da aquisição, e 1998. (Figuras 19- 20-21e 22).

⁹⁶ ANEXO B



Figura 19ª e b- Vyasa Puja BHM- 1966.



Arquivo Valera.



Figura 20 a e b. Teatro no BHM. 1966.



Arquivo Valera.



Figura 21 a e b. Ratha-yatra BHM. 1966.



Arquivo Valera.

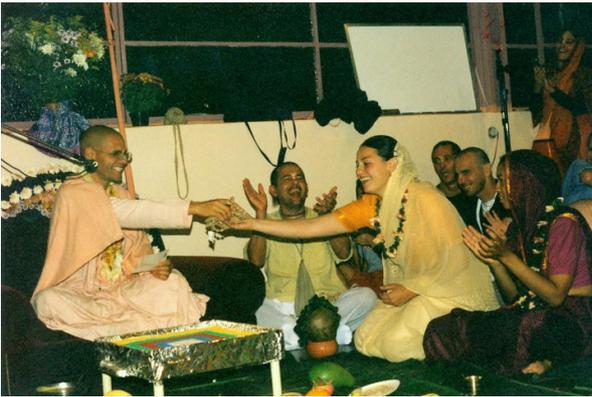
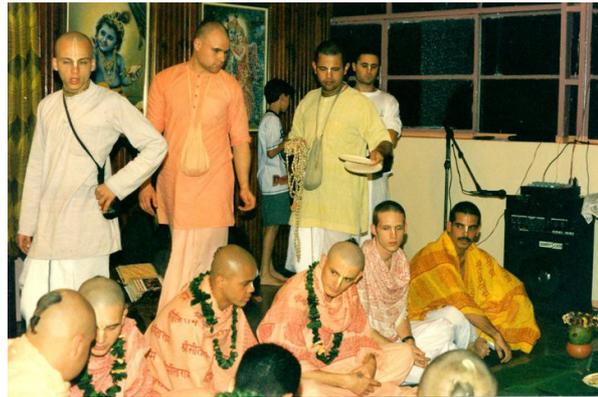


Figura 22 a e b. Iniciação no BHM. 1998.



Arquivo Valera.

Devemos entender que o que possibilitou a compra do imóvel foi o trabalho de *sankirtana*, ou seja, distribuição dos livros de Prabhupada, feita por devotos e devotas, do Belo Horizonte Mandir. Naquela época em geral, nos seus dias a dia, os devotos desenvolviam a distribuição dos livros no trânsito, nas calçadas, na rodoviária, praças, faculdades, etc. Por muito tempo, esta distribuição acompanhada de pedidos de doação foi a principal prática de sobrevivência dos devotos residentes, e a principal renda dos templos Hare Krishna. Eles passavam horas nas ruas para o cumprimento desta missão. Segundo Carvalho:

[...] foi no cotidiano das ruas, na interação com os transeuntes, que as práticas missionárias hare krishna foram evidenciadas, atraindo, muitas vezes, a simpatia, mas também a repulsa, a condenação ou deslegitimação dessas práticas por aqueles que de alguma forma, se sentiam ameaçados'.⁹⁷

Ressaltamos que as esculturas, objeto do nosso estudo que representam as deidades Jagannatha, Baladeva e Subhadra, foram instaladas em 1984 na sede do templo na Rua Getúlio Vargas, BH. Segundo os devotos, este foi o primeiro templo a estabelecer-se com deidades, graças aos esforços dos devotos e do Maharaja Param Gatit, monge da ISKCON há mais de 40 anos⁹⁸.

⁹⁷ CARVALHO, 2017, p. 88-89.

⁹⁸ ALMEIDA; ARAÚJO; OLIVEIRA; BUBGNIAK; FIUMARI, 2012, p.38.

3.2 Estrutura e Funcionamento

Sobre o funcionamento do templo BHM, Sri Krishna Murti Das⁹⁹, atual presidente do BHM, menciona que todos projetos oficiais da ISKCON seguem um padrão deixado pelo fundador da instituição, A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada. O Templo possui sua diretoria formada por Presidente, Secretário e Tesoureiro. Além disso, alguns departamentos possuem seus responsáveis, como Captação de Recursos, Adoração às Deidades, Alimentos Para a Vida e o Bistrô.¹⁰⁰

Quanto a conservação e preservação do edifício, o presidente nos informa que um casal de devotos, formados por uma engenheira civil e um mestre de obras, voluntariamente, são responsáveis pela conservação e modificações ocorridas na construção nos últimos anos.

Em relação aos recursos financeiros utilizados para a manutenção do BHM, segundo, o presidente, tem a sua entrada por meio de doações (devotos externos e CEASAMINAS)¹⁰¹, além das vendas na lojinha e no restaurante. Há também captação por meio de seminários e cursos pagos, eventos (festival de pizza beneficente, almoço vegano¹⁰² e festival de hambúrgueres vegetarianos). Quanto ao controle das despesas e gastos, mensalmente, há um balanço apresentado para a administração.¹⁰³

Sobre o método de inserção de devotos que queiram morar no templo, Sri Krishna Murti Das informa que o interessado deve ter um tempo de convivência com os membros da congregação e mostrar genuíno interesse na prática intensa de *bhakti-yoga*. Se não residir em Belo Horizonte, deve ter uma carta de recomendação escrita por algum membro da ISKCON de sua localidade de origem.

Ao ser questionado, sobre as disciplinas básicas a serem seguidas pelo devoto residente, o mesmo entrevistado afirma que o morador deve comparecer diariamente nos programas matinais do templo, que começam às 4h30; praticar diariamente o *maha-*

⁹⁹ Jornalista, com especialização em Jornalismo Cultural, membro da administração da ISKCON em Belo Horizonte desde 2004, presidente desde 2009 e Secretário de Comunicação da instituição em nível nacional desde 2014, reside fora do templo.

¹⁰⁰ DAS, Sri Krishna Murti. Entrevista, 2017.

¹⁰¹ Centro de Abastecimento de Minas Gerais. S. A.

¹⁰² Um estilo de vida que exclui totalmente o consumo de qualquer tipo de produto de origem animal.

¹⁰³ DAS, 2017.

mantra em sua *japa-mala*, totalizando um mínimo de 16 voltas diárias. Deve objetivar atingir os quatro pilares da vida espiritual (austeridade, pureza, compaixão e veracidade); seguir as regras estipuladas pelos mestres de *bhakti-yoga*, que incluem a abstenção de jogos de azar, sexo ilícito, alimentação de carnes, peixes e ovos, e intoxicação. Além disso, deve desempenhar as tarefas determinadas pelo comandante interno do templo.

Ao ser indagado sobre as reuniões administrativas e suas respectivas atas e como seria o acesso a elas, Sri Krishna Murti nos informa: “Acontecem reuniões periódicas, mas sem atas registradas. Isso só acontece quando há uma convocação pelo presidente ou uma reunião com decisões que afetem toda a congregação”.¹⁰⁴

Em relação aos programas internos e externos desenvolvidos pela ISKCON BH, o presidente do BHM nos informa que:

Além de toda a liturgia diária, que inclui meditação e palestras, oferecemos um festival gratuito semanal aos domingos, com todos os principais aspectos da nossa prática. Uma vez por mês temos festival de pizza beneficente, almoço vegano e festival de hambúrgueres vegetarianos. Às terças e quintas, às 19h, oferecemos um curso do livro *Srimad-Bhagavatam*. Às quartas, há um estudo de uma outra escritura, *Mahabharata*. Às segundas, temos um grupo de estudo intitulado *Bhakti-vriksha*, que faz parte de um programa mundial de interação congregacional. Além disso, temos dezenas de festivais especiais, seminários, cursos, workshops, palestras e eventos durante o ano. Um destes eventos ocorre no centro da cidade, chamado *Ratha-Yatra*¹⁰⁵, que consiste em uma procissão na Avenida Afonso Pena e diversas atrações no Parque Municipal.

Em relação ao planejamento para o *Ratha-yatra*, assim como outros eventos, segundo o presidente, são feitos por equipes específicas para estes festivais, que fazem organogramas e planejamentos estratégicos para o desenvolvimento destes.

Percebe-se que o templo reflete a solidez da comunidade hare krishna em Belo Horizonte na busca pela divindade. Para os Vaishnavas este local é uma recriação do espaço sagrado ritualístico que relembra a ancestralidade. É no Belo Horizonte Mandir que acontecem as celebrações, o lugar onde o rito sagrado é celebrado tanto individual quanto coletivamente.

Conforme o devoto Narasimhadeva¹⁰⁶ comentou, antes da construção dos templos indianos, há um ritual de fundação, envolvendo o estudo do espaço e da conformação dos céus; disto depende a escolha do local e a data na qual a primeira pedra é colocada.

¹⁰⁴ DAS, 2017.

¹⁰⁵ Devido a sua importância, trataremos deste tópico em separado mais adiante.

¹⁰⁶ NARASIMHADEVA, Das. Entrevista em março de 2016.

Está situado em um prédio de um andar, com várias vidraças e janelas de vidro com grades de ferro (Figura 24). Logo na entrada há um espaço dividido em duas alas, a saber: uma recepção, um bistrô, onde é vendida a *maha-prasadam*¹⁰⁹, para angariar fundos para o custeio do templo.



Figura 24- Prédio atual BHM. 2015- Foto: autor desconhecido.

Uma lojinha com produtos indianos: livros, artigos devocionais tais como *kantis*¹¹⁰, *japas* para meditação, *tilika*,¹¹¹ e roupas. Em seguida, uma sala de multimídia que contém livros e materiais audiovisuais sobre os ensinamentos da doutrina, com mesas e poltronas disponíveis para pesquisadores, e estudantes. Nota-se que os itens contidos na biblioteca

¹⁰⁹ Alimentos vegetarianos oferecidos a Deus tem poder purificadores.

¹¹⁰ Colares feitos de Tulasi, tipo de planta sagrada, serve para proteção.

¹¹¹ Um tipo de barro para decoração e proteção do corpo, aplica-se nos 12 chacras.

não se restringem apenas ao ensinamento védico, contando, com a presença da Bíblia Cristã e do Alcorão, indo, portanto, além de suas escrituras sagradas baseadas no Bhagavad Gita. Tal adaptação se dá de forma harmônica, uma vez que os devotos de Krishna não negam a santidade de profetas de outras religiões, como Jesus ou Maomé.¹¹²

No térreo ficam: a cozinha dos devotos com área de serviço, um quarto para devotas do sexo feminino, um pátio (Figura 25) com jardim, uma fonte de água formada por pedras e mesas de ferro próprias para jardim e eventualmente, serve como garagem.

Ainda no térreo, existe um *ashram* masculino, local onde vivem pessoas destinadas a praticar vida espiritual celibatária. Há um porão (que dá entrada para a Rua Chapecó, com quatro cômodos (sala, cozinha quarto e banheiro) onde moram um casal de devotos e seus três filhos pequenos. Deste modo, o templo não possui como única finalidade congregar os adeptos do movimento em torno dos rituais, caracteriza-se também por ser um local de habitação para o que se chama de devotos internos.

Em relação ao jardim e a fonte, que não existiam na construção original, entendemos ser um esforço dos devotos para aproximar o local do ideal para fundar um templo vaishnava. Normalmente, na Índia, segundo Narasimha, os templos são construídos 'no lugar onde está a conjunção de três elementos da natureza, rocha, água e plantas, simbolicamente significando a estabilidade, peregrinação e vida.'

Uma escada com 22 degraus (Figura 26 a) leva o convidado ao salão do templo (aberto ao público), cuja porta tem à frente um sino que deve ser tocado anunciando a chegada do visitante. Ao adentrar este ambiente as pessoas prestam reverências tocando a cabeça e as mãos no chão, (Figura 26 b) como uma forma de respeito e relacionamento com os devotos, durante o restante do dia ao se entrar no templo só é necessário oferecer reverências ao mestre espiritual e às deidades¹¹³.

¹¹² SWAMI, B.T. 2009, p.35.

¹¹³ Disponível > <http://sacrooficiosublime.blogspot.com.br/2009/08/ser-vaishnava-um-guia-de-comportamento.html>- Disponível em 15/12/2017 às 11:07.



Figura 25 a- Pátio e fonte do BHM- 2016.

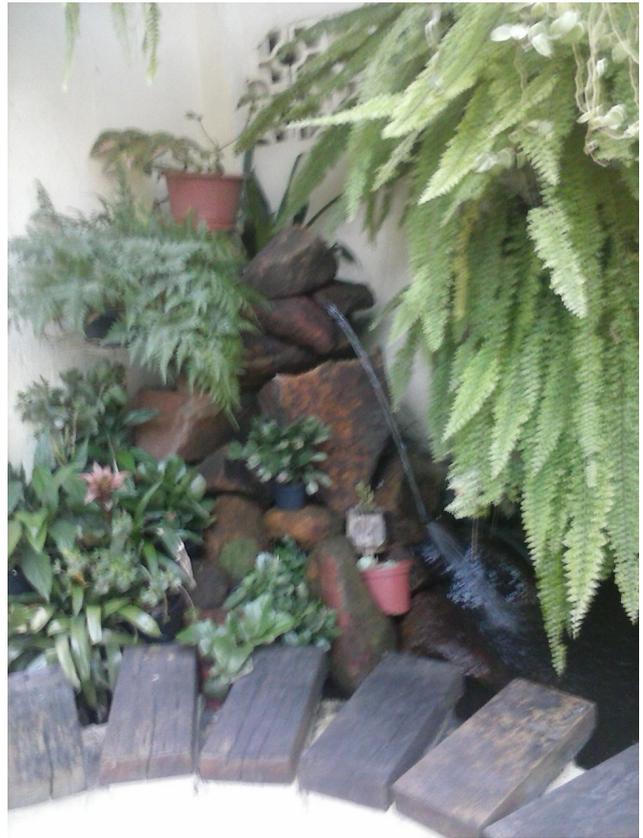


Foto autora.



Figura 26 a- Escada que leva ao salão do templo. BHM.



Figura 26 b- Devoto presta reverências na porta do Salão do Templo. Arquivo Valera.

Em frente à escada, ao lado da entrada do salão, encontra-se uma cadeira de dois lugares e uma sapateira para o visitante e devotos retirar os sapatos e colocá-los, antes de entrar na sala do templo. Tira-se os calçados por uma questão de higiene, sendo também uma demonstração de humildade.

O salão é amplo e bem decorado com plantas, as paredes são brancas e amarelas, e quadros com diferentes imagens de Krishna; ao fundo, encontra-se a *vyasa-sana*¹¹⁴ de Srila Prabhupada e outra destinada ao devoto (a) que ministra as aulas. (Figura 27). Há também diversos instrumentos de som no local, assim como dois bancos para as pessoas que não quiserem se sentar nas almofadas no chão, em estilo indiano. Do lado oposto, está imponente altar, coberto por pesadas cortinas de veludo na cor azul-marinho que vão do teto até o chão. Este é o principal lugar do templo, onde ficam as deidades e são realizados os rituais de adoração.

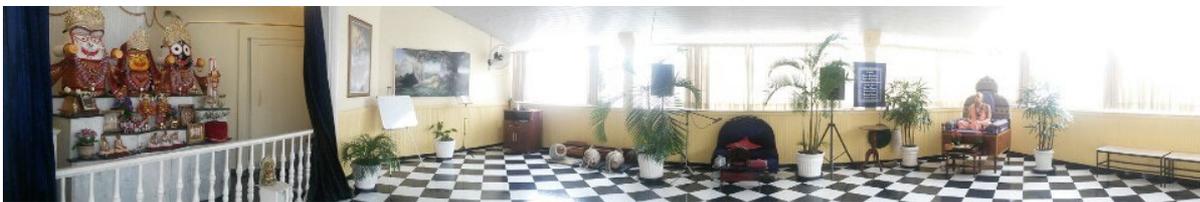


Figura 27- Visão geral do salão do BHM. Foto: autor desconhecido.

A Cozinha das Deidades e o *Pujari* também ficam neste andar superior, ambos com entradas restritas. Encontra-se ainda no segundo andar, outro *ashram* feminino e, do outro lado do pátio, há mais duas suítes para hóspedes, com escada que dá para o pátio. Ao todo existem sete banheiros, sendo dois públicos (masculino e feminino), localizados no pátio, os demais se encontram dentro dos respectivos *ashrams* ou quartos.

Existe também um pequeno elevador para transportar os alimentos e produtos para o primeiro andar, principalmente nos dias de festivais e comemorações.

A cor predominante na parte externa é o amarelo, com detalhes em branco e o portão na cor branca. Na parte do andar térreo, na entrada fica uma placa com os dizeres “Sociedade Internacional para a Consciência de Krishna Templo Hare Krishna. Fundador *Acarya A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada*”.

Os templos indianos são construídos à imagem simbólica do mundo criado, desenhado de acordo com as mandalas que são elaborados e mágicos sistemas gráficos baseados em formas circulares e quadradas. Estas formam diagramas simbólicos que representam o universo em sua constante evolução cósmica.

Como afirma Stierlin:

¹¹⁴ Acento honrado do Mestre Espiritual

A cosmologia hindu tem características distintivas, nas quais o círculo representa a terra e a natureza irracional, e o quadrado o Céu e a ordem cósmica. Por essa razão, o quadrado é a forma governante para a habitação dos deuses em sua forma concreta, o templo. E os *garbha grihas* que devem representar o mundo celestial, estão todos em planos rigorosamente quadrados¹¹⁵.

O altar do Belo Horizonte Mandir (BHM) está situado no primeiro pavimento do edifício, no salão considerado pelos devotos o ambiente basilar desta instituição. O salão mede aproximadamente 14 m² X 10 m², com piso em ladrilho branco e preto. Neste espaço acontecem além da adoração, outras atividades como: palestras, festivais, aulas de dança indiana, aulas de yoga, cursos diversos, ou seja, um encontro entre o sagrado e o profano, para citar Eliade.

Verificamos que o formato do altar tem a forma quadrada (Figura 28) exigida pelos padrões da arquitetura indiana para os altares. Ele é ladeado por duas colunas em estilo jônico, feitas em gesso, na cor branca, que ampara a pesada cortina de veludo. Uma cerca de madeira branca torneada de aproximadamente 1m de altura, separa o altar do público. O teto da área do altar foi todo rebaixado em gesso e a cor predominante é o salmão claro, com detalhes na cor branca.

O altar em si é uma plataforma em mármore branco com bancadas pretas, também em mármore, com aproximadamente 1,10 cm de altura, ocupa um espaço cerca de 3m² x 3m², no referido salão. A plataforma superior, mais alta do que as outras, sobre as quais se encontram as deidades objetos de estudo desta pesquisa. Decorado diariamente pelos pujares responsáveis, que utilizam flores frescas em forma de guirlandas, “joias” e roupas especificamente destinadas a este fim.

¹¹⁵ ANDRADE Apud STIERLIN, 1998, p. 64.



Figura 28- Forma quadrada do Altar BHM. 2015. Foto: autora.

Existe um espaço atrás do altar chamado de *pujari*, anexo à cozinha das Deidades. (Figura 29 a e b) O espaço do *pujari* comporta os equipamentos necessários tais como: guarda-roupa das deidades, uma grande bancada de mármore e armários com todos os acessórios que são utilizados diariamente para o atendimento a estas. Apesar de bem organizado e bem conservado, algumas recomendações poderão contribuir para a conservação das obras.

No ambiente do altar a iluminação artificial é feita com lâmpadas LED (Light Emitting Diode), o que é louvável, pois é a que oferece vários benefícios tais como: melhor dissipação de calor, baixo custo de manutenção, redução de custo fixo operacional, diminuição da emissão de gás carbônico (CO²). É recomendado que seja utilizado este modelo em todos os locais do templo, inclusive no *pujari*.

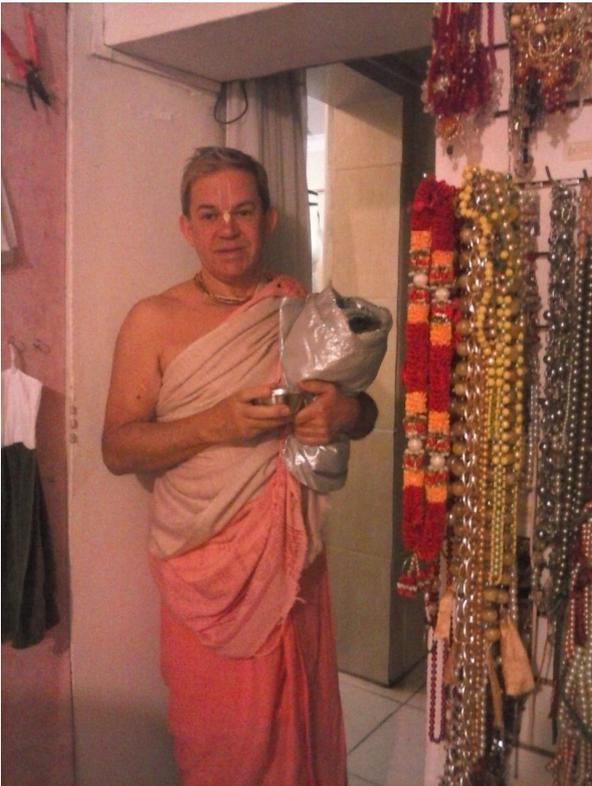


Figura 29 a- Ambiente do Pujari.



Figura 29 b- Cozinha das Deidades.

Os ambientes contam com poucos recursos para o controle da iluminação natural, apenas cortinas que evitam a exposição direta dos objetos e mobiliários ao excesso de iluminação e exposição ao sol, que, como sabemos danifica os objetos de formas irreversíveis. É necessário observar o que o recomenda o Serviço Philips de Orientação Técnica (SPOT), quanto à necessidade de estudo detalhado do objeto, tipo de material, a sua resistência aos raios ultravioleta e infravermelho. Aconselhamos, então, que sejam feitos cálculos e medição de incidência de luz¹¹⁶ nos ambientes para maior controle neste sentido. Recomendamos a climatização do BHM por meio de uma orientação de um profissional da área¹¹⁷.

¹¹⁶ Lux é a unidade de medida que se usa para medir a incidência da luz no ambiente por um lúmen a cada metro quadrado. (TEXEIRA, GHIZONE, 2012. p.21)

¹¹⁷ Ver TEXEIRA, GHIZONE, 2012, p.19.

4 ESTUDO DE IMAGENS DO BELO HORIZONTE MADIR

4.1 O método de Análise das Imagens

A nossa pesquisa envolve investigações e estudos que resultam em interpretações dos conteúdos históricos acerca do nosso objeto, as deidades do templo Hare Krishna de Belo Horizonte. É através da pesquisa que podemos saber sobre a origem e a historicidade que os referidos objetos carregam. A autora Letícia Julião enfatiza ainda que as informações não são latentes nos artefatos; para que se tornem testemunho da história é preciso interrogá-los como evidência do passado que se quer conhecer.¹¹⁸

Para a autora, fazer tal investigação tem o papel de aumentar as possibilidades de comunicação dos bens culturais estudados; tornando-os uma probabilidade para produção de conhecimento, e possibilita ter-se 'uma visão crítica a respeito dos contextos e realidades dos quais o objeto é testemunha' e está inserido¹¹⁹.

O que coaduna com a posição de Maria Inez Cândido, quando sintetiza que o potencial de um objeto museológico como bem cultural se estabelece a partir do somatório das informações de que ele se torna portador. Ou seja, materiais, técnicas, usos, funções, alterações, associados a valores estéticos, históricos, simbólicos e científicos, são imprescindíveis para a definição do lugar e da importância do objeto como testemunho da cultura material¹²⁰.

Nesse sentido, vemos a importância da pesquisa sobre o objeto de estudo proposto. Buscamos analisar com precisão procurando relacioná-lo com a sua utilidade social e religiosa na cultura Vaishnava, uma vez que este significa a memória da referida comunidade.

Sabemos que no sistema de Documentação Museológica, os objetivos consistem em recuperação de informações e assim o museólogo armazena os dados, complementa as informações diante das fontes documentais e iconográficas e torna-as acessível aos usuários que querem pesquisá-las e utilizá-las em projetos expositivos, por exemplo. Portanto, transversal ao método iconográfico e iconológico realizamos a documentação

¹¹⁸ JULIÃO, Letícia. Pesquisa histórica no museu. In: CADERNO de diretrizes museológicas. 2. ed. Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio / Histórico e Artístico Nacional/ Departamento de Museus e Centros Culturais, Belo Horizonte. 2006, p. 98.

¹¹⁹ Ibid, p.94.

¹²⁰ CÂNDIDO, Maria Inez. Documentação museológica. In: CADERNO de diretrizes museológicas, Brasília, 2. ed., 2006, p. 34-78.

das imagens de Jagannatha, Baladeva e Subhadra.

Os *Silpasastras*, coletânea de textos em sânscrito escritos por artistas conhecidos como *silpins*, são baseados em antigas tradições transmitidas oralmente e tratam da iconografia hindu. Segundo o autor Eck:

[...] estes Silpasastras tratam da produção de imagens, junto à arquitetura e a construção de cidades [...] e garantem que a imagem não é simplesmente a expressão de um artista individualmente, mas a imagem escrita – o ícone – do divino”.¹²¹

De maneira que a arte se torna religião e a religião reflete-se na arte. Conforme Andrade, este fenômeno poderia ser percebido sob o ponto de vista do artista e também sob o ponto de vista do devoto. Sob o ponto de vista do artista, a criação de uma imagem é parte da disciplina religiosa, pois ao entrar no estado de meditação e concentração ele visualiza toda a imagem da divindade em sua mente (forma dentro da mente). Conforme os *Sastras*, 'o silpin, antes de começar um novo trabalho, submete-se a um ritual de purificação e reza para que possa trazer e materializar com sucesso a divina imagem que viu'.¹²²

No entanto, sob o ponto de vista do devoto hare krishna ocorre a prática mais comum entre os hindus, que é a visita aos templos para o *darsan* – contemplação da imagem divina. Segundo Eck¹²³: 'O ato central da adoração hindu, do ponto de vista do leigo, é se posicionar na presença da deidade e contemplar a imagem com os próprios olhos, para ver e ser visto pela deidade'.¹²⁴ O mesmo autor recomenda que se deve '[...] começar a ver o Senhor de seus pés de lótus, subindo gradualmente para as coxas, a cintura, o peito e o rosto.' Prahupada revela que não se deve tentar olhar o rosto do Senhor sem que esteja acostumado a ver os seus pés de Lótus.¹²⁵

Tratamos de elementos que estabelecem uma conexão direta com o universo da iconografia, os quais, por sua vez, trazem intrinsecamente um discurso antropológico. Na interconexão da antropologia com a história da arte e a museologia, analisamos as três imagens escolhidas no templo de Belo Horizonte – BHM – adoradas no atual contexto.

¹²¹ ECK, Diana. *Darsan: Seeing the Divine Image in India*. New York: Columbia University Press, 1985, p. 52.

¹²² *Ibid.*, loc. cit.

¹²³ *Ibid.*, p. 4.

¹²⁴ *Ibid.*, loc. cit.

¹²⁵ PRABHUPADA, A. C. Bhaktivedanta Swami. *Ensinaamentos da Rainha Kunti*. Book Trust Internacional. 2003, p. 40.

4.2 As imagens de Jagannatha Baladeva e Subhadra

As três esculturas encontradas no BHM, nosso objeto pesquisa, foram sacralizadas em 1984, esculpidas pelo artista Ravi, (Figura 30) brasileiro adepto ao Vaishnavismo. Como ele, existem muitos artistas participantes deste movimento.



Figura 30- RAVI (1984). Esculturas no altar do BHM. 2003. Arquivo Varela.

Tais esculturas são feitas pela técnica do desbastamento em um bloco de madeira, sendo apenas os braços feitos à parte, acoplados depois. Após esculpidas e lixadas recebem policromia, nas cores branca, preta, vermelha e amarelo-ouro. (Figura 31).



Figura 31- Ilustração das deidades sem as indumentárias.¹²⁶

A configuração e a policromia dessas esculturas respeitam a iconografia das representações desses ícones na Índia. Contudo, as dimensões das imagens no BHM são de altura mediana, enquanto em Puri as esculturas medem aproximadamente seis metros de altura¹²⁷.

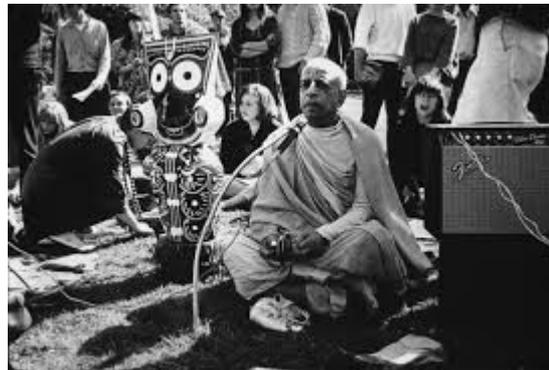


Figura 32 – SHYAMASUNDARA- (1967). Primeira Deidade instalada da ISKCON OCIDENTAL.

A representação de Jagannatha na escultura que se encontra no BHM mede cerca de 80 cm de altura, feita em um só bloco de madeira de lei, assim como a primeira imagem (Figura 32) construída no Ocidente, citada no artigo *O que É Isso, Swamiji: A História do Primeiro Jagannatha da ISKCON*, na revista *Volta ao Supremo*, 2015.¹²⁸

¹²⁶ Fonte: ><http://www.mayapurmemories.com/wooden-jagannath-baladev-and-subhadra-deities> Acesso em 29/05/2017.

¹²⁷ Disponível <http://maktubeart.blogspot.com.br/2012/01/jaganatajagannath.html>. Acesso em 29/05/2017.

¹²⁸ Disponível em ><https://voltaaosupremo.com/?s=O+que+%C3%A9+isso+Swami>. Acesso em

Etimologicamente, Jagannatha significa “Senhor do Universo”. Vários escritos mencionam que o Senhor Jagannatha é Krishna. (Figura 33).



Figura 33- Jagannatha “Senhor do Universo”. Autor desconhecido.

A imagem de Jagannatha esculpida em um só bloco de madeira tem uma enorme cabeça quadrada, fundindo-se com o peito sem qualquer demarcação do pescoço. O topo superior da cabeça da divindade tem forma triangular. Os braços foram inseridos em uma

linha com o lábio superior, direcionados para a frente. Embora Krishna seja absoluto e transcendental, surge na natureza material para aceitar o serviço amoroso de seus devotos e se materializa sob formas feitas em madeira, pedra, metal, ou pintada.¹²⁹

Postula-se em uma das histórias míticas que a forma de Jagannatha, aparece inacabada, foi quando o rei Indradyumna pediu ao artista dos planetas celestiais, Visvakarma, que as esculpisse, ele concordou – com a condição de que ninguém interrompesse seu trabalho. O rei esperou por um longo tempo, enquanto o escultor trabalhava a portas cerradas.¹³⁰

No entanto, certo dia, o rei sentiu que não podia continuar esperando e forçou sua entrada no quarto para ver em que ponto o trabalho estava. *Visvakarma*, o escultor, fiel à sua palavra, desapareceu, deixando para trás as formas incompletas das três Deidades como se apresentam hoje.¹³¹

A cor da escultura é predominantemente preta, ou seja a cor de Krishna quando veio à terra em Dvapara-yuga, a era antes da presente era de Kali¹³². A cor negra significa justiça e autoridade.¹³³

Suas vestes, em um tipo de tecido com aparência de seda em cor clara, ricamente trabalhado com bordados coloridos como imagens de pavões, pássaros e flores. Compõe sua indumentária um manto e *khanduas*¹³⁴, e nos seus ombros vemos uma guirlanda confeccionada com belíssimas rosas vermelhas e flores amarelas. Suas “joias” consistem em um rico colar em safiras vermelhas, acompanhados de cinco colares em pérolas, vermelho e branco, além de brincos vermelhos, combinando com o pirce, também vermelho.

A escultura de Jagannatha traz no braço direito uma *shanka* (búzio); o seu sopro significa o despertar da consciência de quem o ouve e chama atenção para a meta final da evolução humana – a realização do Ser – que está simbolizado pela flor de lótus que vemos no braço esquerdo.¹³⁵

A flor de lótus na cultura hindu, sinaliza que conhecer a si mesmo é a meta suprema da vida. Também indica os vários mundos e seres vivos em diferentes estados de desenvolvimento ou evolução, e é o símbolo da pureza do corpo e da mente, e

¹²⁹ DAS, Basanta Kumar. Senhor Jagannatha Símbolo da integração Nacional. Orissa Review. 2009, p. 84.

¹³⁰ OSHI, Dina Krishna. "*Lord Jagannath: the tribal deity*". Orissa Review: 81-82.. 2012.

¹³¹ IDEM.

¹³² Era das desavenças.

¹³³ Disponível > <http://idesigns.com.br/blog/design-grafico/89-significado-das-cores>. Acesso em 17/12/2017.

¹³⁴ Tipo de roupa especial para este fim.

¹³⁵ Disponível:> <https://www.simbolos.net.br/simbolos-indianos/>. Acesso em 17/12/2017.

principalmente, da pureza espiritual. A água lodosa que acolhe a planta é associada ao apego e aos desejos materiais, e a flor imaculada que desabrocha sobre a água em busca de luz é a promessa de pureza e elevação transcendental, mesmo neste mundo material¹³⁶.

Os olhos são redondos e grandes, para se enxergar além do que se vê, como por exemplo, o amor dos seus devotos por ele. Apresentam três círculos concêntricos – vermelho e branco e preto no centro. Em posição vertical, cabeça virada para frente, com o olhar direcionado para o horizonte. O ícone carece de pescoço, orelhas e membros, é identificado por um grande rosto circular que simboliza alguém que é *anadi* (sem começo) e *ananta* (sem fim). Traz na cabeça um turbante em seda nas cores vermelha, branca, e dourada, enfeitado com cintilantes pérolas brancas e flores amarelas.

Porta na cabeça uma pena de pavão que simboliza a visão de Deus pela alma, associado à beleza e à perfeição. O pavão na Índia é considerado um animal sagrado.¹³⁷ Jagannatha usa a pena de pavão como símbolo do domínio sobre a vaidade, a luxúria, e o desejo desenfreado. Representa também a beleza implícita de Krishna que é infinita¹³⁸.

Ao lado direito de Jagannatha, vemos em uma coluna de madeira, a representação *chakra nila*¹³⁹, na cor branca e detalhes vermelho, amarelo e laranja. Trata-se de uma arma de extraordinário poder de destruição no formato de um disco que representa a mente e a criatividade, serve para mostrar ao homem o inevitável fim ao qual chegará, se permanecer desatento aos avisos da natureza.

A forma do Sr. *Jagannatha* é bastante incomum, na visão dos vaishnavas, conforme relata os devotos:

Em seu rosto negro, vê-se um sorriso largo e olhos grandes em orbitas brancas. Essa é a forma de Deus extasiado pelo amor de seus devotos, Jagannatha entrou em êxtase quando sentiu o amor que seus devotos sentem por Ele. Os olhos bem abertos não querem parar de olhar seus devotos, seu corpo mudou de cor e o sorriso é de plena satisfação espiritual. Os braços estendidos querem abraçar a todos no universo¹⁴⁰.

¹³⁶ IDEM.

¹³⁷ Disponível:><http://setasparaoinfinito.blogspot.com.br/2012/08/pavao-passaro-sagrado.html>. Acesso em 17/12/2017.

¹³⁸ Disponível:> <http://setasparaoinfinito.blogspot.com.br/2012/08/pavao-passaro-sagrado.html>. Acesso em 17/12/2017. <http://www.contioutra.com/saiba-porque-a-flor-de-lotus-e-um-dos-simbolos-mais-antigos-e-profundos-do-nosso-planeta/>. Acesso em 17/12/2017.

¹³⁹ Disponível:>BR&sl=en&u=<http://threeinformation.blogspot.com/2011/12/nila-chakra-org-tv-album.html&prev=search/> Acesso em 22/12/ 2017.

¹⁴⁰ JÓIA, do Universo – Histórias do Senhor Jagannatha. São Paulo: uma publicação da Brhāta-Mirdanga- editora BBT. 1996. p. 96.

O Senhor Baladeva¹⁴¹ ou Balarama, como também é conhecido, visto em uma escultura situada no altar ao lado direito da escultura de Jagannatha. (Figura 34).



Figura 34- Escultura de Baladeva "Deus da força". BHM- 2015. Foto: autor desconhecido.

Baladeva significa "deus da força" do sânscrito (bala) "força" combinado com (deva) "deus". A imagem mede aproximadamente 80 cm. Suas vestes e adornos, seguem o mesmo padrão das roupas de Jagannatha. Tem a cabeça branca e na forma quadrada, olhos margeados de vermelho e um leve sorriso; seus braços são projetados para frente.

Traz em seu braço direito a Clava que representa a força elemental da qual os poderes físicos e mentais se derivam, e é também um aviso para chamar a atenção do homem para as severas leis da natureza.¹⁴² Baladeva traz o arado que desvia os rios para os lugares secos, e ara a Terra para semear a semente da devoção. Ele é a superalma

¹⁴¹ Disponível em: <<http://www.gopala.blog.br/products/os-santos-e-avatars-do-calendario-vaishnava/>> Acesso em 23/11/2017, às 20:32 h.

¹⁴² Disponível:> voltaaosupremo.com/artigos/obras-completas/os-mil-nomes-do-senhor-balarama/. Acesso em 16/09/2017.

que habita no coração de todos os seres.

No centro do altar está a escultura de Subhadra, ladeada por seus irmãos, Jagannatha e Baladeva. A palavra Subhadra, significa “Auspiciosa”. (Figura 35). Ela abre o caminho para o progresso espiritual do devoto removendo tudo o que é negativo de suas vidas¹⁴³.

A escultura mede aproximadamente 60 cm, esculpida em um bloco de madeira, sua cintura é demarcada com o limite entre o corpo e a parte superior deste. A imagem possui uma enorme cabeça quadrada, fundindo-se com o peito, sem qualquer sinal do pescoço. O topo superior da cabeça da divindade traz uma forma triangular, na cor amarelo-ouro, que representa a fonte de toda fortuna e riqueza. Cabelos negros, a boca é vermelha e parece sorridente. Os olhos amendoados na cor branca com pupilas pretas. Diferente dos dois ídolos não apresenta os braços.

Esplendidamente vestida com um rico manto bordado, em figuras de pássaros, pavão e flores; toda a sua roupa traz o mesmo bordado do manto. Os cabelos negros, se apresentam em uma grossa trança que se encontra ornamentada com várias “joias”; belíssima guirlanda feita com flores frescas na cor amarela com acabamento em uma rosa vermelha.

¹⁴³ Disponível:><http://sagradofeminino.saberes.org.br/saberes-ancestrais-femininos-sabedoria-espiritualidade-psicologia-saude-danca-feminina/as-deusas-vedicas/>. Acesso em 16/09/2017 às 18:30



Figura 35- Escultura de Subhadra, “A auspiciosa”, BHM. Autor: desconhecido.

Sua testa está marcada com *tilika*, marca dos devotos e associados a Krishna. Traz em sua cabeça uma rica coroa trabalhada com pedras brilhantes. Assim apresentamos a iconografia de Subhadra, “A auspiciosa”.

4.3 Iconologia de Jagannatha, Baladeva e Subhadra

Na Índia, assim como no Belo Horizonte Mandir são três as histórias mais populares contadas a respeito a estes ícones. A primeira história reporta-se a um devoto do Senhor Krishna, o rei Indradyumna, que há mais de dois mil anos, queria uma imagem de Krishna, tal como ele aparecera em viagem, com seu irmão e sua irmã, em quadrigas

em direção ao campo sagrado de Kurukshetra (Índia) durante um eclipse solar.

Quando o rei pediu a um famoso artista dos planetas celestiais, Visvakarma, que esculpisse as formas, este concordou – com a condição de que ninguém interrompesse seu trabalho. O rei esperou por um longo tempo, enquanto o escultor trabalhava a portas cerradas. No entanto, certo dia, o rei sentiu que não podia continuar esperando e forçou sua entrada no quarto para ver em que ponto estava o trabalho. *Visvakarma*, fiel à sua palavra, desapareceu, deixando para trás as formas incompletas das três Deidades. No entanto, o rei ficou tão satisfeito com as maravilhosas formas de Krishna, Balarama e Subhadra que decidiu adorá-las como estavam. Instalou-as num templo e começou a adoração com grande opulência¹⁴⁴.

É dito que em uma certa noite, Jagannatha falou com o rei em um sonho explicando que ele estava se revelando dessa forma por seu próprio desejo inconcebível, para mostrar ao mundo que ele pode aceitar oferendas sem mãos e se mover sem pés. Além disso revelou ao rei que este poderia ofertá-lo com ricos ornamentos em ouro e prata na forma de pés e mãos¹⁴⁵.

Segunda história: Jagannatha como o Krishna de Vrindavana. O ícone, objeto de nosso estudo, costuma ser identificado como Krishna, príncipe com grande opulência, de um lugar chamado Dwaraka, no entanto sua real identidade é como Krishna de Vrindavana, o amante de Radharani¹⁴⁶. O êxtase resultante do amor de Krishna por Radharani é a causa de sua transformação na forma de Jagannatha, ele é famoso por Seus relacionamentos, especialmente com os residentes de Vrindavana, e os devotos às vezes se referem ao Senhor Jagannatha nesse humor. Em Vrindavana, Krishna¹⁴⁷ assume a graciosa forma com três curvas corporais (*tribanga-lalita*) (Figura 36), usa uma pena de pavão e toca sua flauta.

¹⁴⁴ PATRA, Avinash. Origem e Antiguidade do culto do Senhor Jagannatha. Imprensa da Universidade de Oxford. 2011, p. 16-17). Disponível em > <https://books.google.com/books?id=RIwTCwAAQBAJ>> Acesso em 16/09/2017, às 19:40.

¹⁴⁵ Disponível em: [/iskconbangalore.co.in/lord-krishna-appears-lord-jagannath/&prev=search](http://iskconbangalore.co.in/lord-krishna-appears-lord-jagannath/&prev=search)> Acesso em 16/09/2017, às 21:30.

¹⁴⁶ Forma da energia feminina do próprio Krishna que representa o Amor Devocional, tida como sua amante, quando este viveu em Vrindavana.

¹⁴⁷ A oitava encarnação de Vishnu é Krishna, uma das mais populares divindades hindus. Krishna era um rapaz excepcionalmente amável e adorável.



Figura 36- Krishna em Vrindavana.¹⁴⁸

O livro *Chaitanya-Caritamrta*¹⁴⁹ explica que Krishna vem como Caitanya a fim de entender os sentimentos de Radharani. (Figuras 37 a e 37 b). Para tanto, ele assume as atitudes devocionais e amorosas da mesma, para mostrar ao mundo como amar a Deus.

Durante o ratha-yatra, Caitanya dança (Figura 38) em êxtase perante o Senhor Jagannatha (Krishna) e no mesmo humor das *gopis* pensa em levá-lo de volta à Vrindavana. Em resposta, Jagannatha o consola: “Eu nunca esqueci nenhuma gopi ou gopa, muito menos Você, Srimat Radhika. Como poderia eu esquecê-la?”. (Narada Muni revelou a Gopa-kumara no *Brihad-bhagavatamrita* (2.5.212–214).¹⁵⁰ Estas são as duas versões mais ouvidas no BHM.

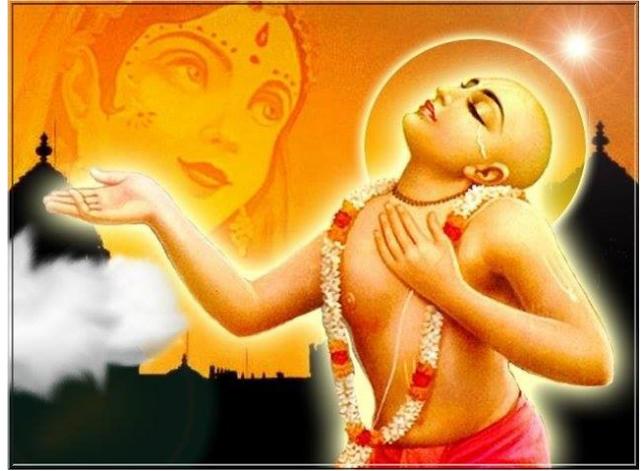
¹⁴⁸ Disponível >.bp.blogspot.com/-eCnjlSglOdQ/VSQDbkzSkRI/AAAAAAAAlE8/5uj9S TGMX0/s1600/krishna_lullaby_by_vishnu108-d414woe.gif. Acesso em 17/12/2017.

¹⁴⁹ GOSVAMI, Krisnadasa Kaviraja. Sr. *Caitanya- Caritamrta* Adi-Lila. Tradução por A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada. 1967, p. 23-24.

¹⁵⁰ GOSVAMI, Krisnadasa Kaviraja. Sr. *Caitanya- Caritamrta* Adi-Lila. Tradução por A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada. 1967, p. 23-24.



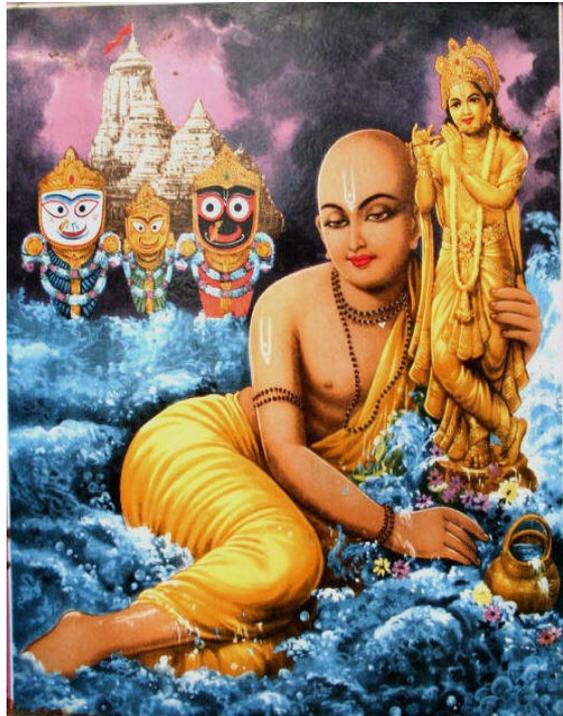
Figura 37 a e b- Krishna vem como Caitanya



Para ensinar ao mundo Amor a Deus, século XV.¹⁵¹



Figura 38 a-b. Caitanya dança em êxtase para Jagannatha.¹⁵²



¹⁵¹ Fonte:>https://girirajswami.files.wordpress.com/2008/08/ka1_186.jpg . Acesso em 18/12/2017.

¹⁵² Fonte:>https://www.stephen-knapp.com/chaitanya_print_nineteen.htmAcesso em 18/12/2017.

Terceira história: A forma de Jagannatha¹⁵³ representa o grande êxtase do prazer de Krishna, quando este se encontrava em Devaraka, sentindo grandes saudades de Radharani. Podemos dizer que esta forma se deve ao que há de mais transcendental nos passatempos amorosos do Senhor. Certa feita o Senhor Krishna chegou em casa e estavam Baladeva e Subhadra conversando sobre a beleza e o amor de Radha e Krishna. Este ficou escondido ouvindo sobre a sua amada, de modo que entrou em êxtase. Isso foi tão contagiante que seus irmãos também entraram em êxtase, e todos ficaram na forma conhecida das Deidades aqui presentes¹⁵⁴.

Conforme relatos dos devotos, todas estas coisas são *lilas* ou passatempos. Esta forma do Senhor Jagannatha é tão antiga quanto o mundo. E é, provavelmente, além do *Shivalinga*¹⁵⁵, uma das formas milenárias de Deus mais reverenciadas pelo homem.

A história de Baladeva ou Balarama conta que ele é a primeira expansão do Senhor Krishna, só a cor de seus corpos são diferentes. (Figura 39). Trata-se de uma divindade servidora de Krishna, responsável por todos os assuntos relacionados com a existência e o conhecimento. O Senhor Baladeva carrega um arado e uma maça, e é conhecido pela sua grande força, usada sempre de forma correta e justa.



Figura 39- Reprodução do quadro de Baladeva e Krishna, igual a exposta no BHM.¹⁵⁶

¹⁵³ Disponível > <http://sanatanadharman.blogspot.com.br/2010/10/quem-e-subhadra.html>. Acesso em 18/12/2017.

¹⁵⁴ SWAMI, Chandramuka. *Reflexões sobre a Identidade Espiritual dos Santos Nomes*. Petrolina, PE. 2007, p. 76.

¹⁵⁵ Uma das formas mais antigas de Krishna, adorado em uma pedra.

¹⁵⁶ Disponível > <http://girirajswami.com/blog/wp-content/uploads/2013/08/Balarama+massages+Krishna.jpg>. Acesso 16/09/2017.

Seu nome é Baladeva, (bala) significa força e (deva), deus, portanto, Deus da Força, aquele que dá força espiritual ao devoto. O Senhor *Baladeva* é o grande companheiro de aventuras de Krishna. Os dois irmãos se divertem nas florestas e bosques pastoreando os bezerros, brincando com os outros vaqueirinhos seus amigos, lutando contra as pessoas e/ou animais que venham a perturbar a paz e ameaçar os habitantes da encantadora *Vrmdavana*¹⁵⁷. Como já foi dito, sempre quando o Senhor Krishna aparece, o Senhor Baladeva também se manifesta.

A história de Subhadra conta que o seu nome significa “Auspiciosa”. É uma deidade que abre o caminho para o progresso espiritual do devoto fornecendo o que é auspicioso e removendo tudo o que é negativo.



Figura 40- Durga.¹⁵⁸

Ela é a forma espiritual de *Durga* (Figura 40 acima), considerada pelos vaishnavas a mãe do universo personificada também em *Yogamaya*, uma das suas formas que funciona na plataforma de shuddha-sattva, a existência transcendental pura, é reconhecida como a irmã de Krishna no mundo material¹⁵⁹.

¹⁵⁷ GOSVAMI, Krishnadasa Kaviraja. Sr. Caitanya- Caritamrta. Volume- Adi-Lila, trad. por A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada. 1967, p. 66.

¹⁵⁸ Fonte:><http://www.hinduhumanrights.info/wp-content/uploads/2013/04/586px-MotherdurgaCrop.jpg>. Acesso em 18/12/2017.

¹⁵⁹ Disponível><http://sagradofeminino.saberes.org.br/saberes-ancestrais-femininos-sabedoria->

Devemos entender que o Senhor Krishna, e a sua energia externa (feminina) *Yogamaya*, vieram juntos na ocasião dos seus passatempos em Vraja, quando o rei *Kamsa* reinava de forma tirânica. Sendo assim, compreendemos que ela veio com Krishna com o objetivo de limpar o mundo das trevas da ignorância e a escuridão da falta de amor por Deus.¹⁶⁰

Subhadra, além de ser conhecida como *Durga*,¹⁶¹ recebe outras denominações¹⁶², sendo a personificação da energia material, na qual todos os seres vivos materialmente condicionados estão abortos em pensamentos, ações e identidade. É a potência que manifesta os três modos da natureza, a saber, modo da bondade, paixão e ignorância¹⁶³. Considerada o poder do sono, ou *yoga-nidra*, no qual o Senhor *Vishnu* descansa entre os ciclos da criação. Também é a personificação da sabedoria, bem como do sacrifício, ou penitência. Sua energia habita todo o universo. Embora seja a mais bela, é, ao mesmo tempo, furiosa e terrível, pode causar dificuldades e também matar os demônios masculinos, com os quais luta em uma situação cósmica.

Para a autora Maria Helena, Durga representa o arquetípico do desenvolvimento pleno da mulher, segundo ela, este mito modifica a ordem na qual a mulher é relegada a um segundo plano e mostra que o demônio só será vencido quando este princípio, simbolizado pela força e ação feminina, puder ser expresso em toda sua plenitude.¹⁶⁴

[espiritualidade-psicologia-saude-danca-feminina/as-deusas-vedicas/](http://www.espiritualidade-psicologia-saude-danca-feminina/as-deusas-vedicas/). Acesso em 16/09/2017.

¹⁶⁰ IDEM.

¹⁶¹ Disponível ><http://umjeitomisticodeser.blogspot.com.br/2011/10/kali-forca-feminina.html>. Acesso em 10/09/2017.

¹⁶² Que não trataremos no presente estudo.

¹⁶³ BHAGAVAD-GITA, c.14, v.6, 2008, p. 640.

¹⁶⁴ Disponível ><http://www.jungnapratica.com.br/deusa-durga-uma-imagem-arquetipica-do-desenvolvimento-pleno-da-mulher/>. Acesso em 12/10/2017 às 14: 45 hs.

5 ETNOGRAFIA DE RITUAIS NO BELO HORIZONTE MANDIR

Este estudo em que ora nos debruçamos, como já foi dito, é oriundo de uma cultura milenar, trata-se de um conhecimento feito por meio da oralidade que é passado de geração em geração. Conforme Goody, não apenas este aspecto religioso do relacionamento humano, mas de um modo geral, a comunicação que adota a forma literária e artística ainda é feita de boca a boca. A exemplo, os Vedas, do qual tratamos nesta pesquisa, que foram decorados e recitados em vez de ser lidos para a população como um todo, pelos brâmanes,¹⁶⁵ há milênios.

É dito que somente por meio de um mestre espiritual fidedigno e a associação com os devotos é possível aproximar-se, conhecer, entender e adorar a Suprema Personalidade de Deus. Segundo Praphupada, nem mesmo os grandes filósofos por meio da especulação mental, estão aptos a tal feito. Portanto é aconselhável se aproximar de uma linha de sucessão discipular fidedigna e buscar o conhecimento tal qual estão nas escrituras sagradas.¹⁶⁶

Nesse caso, buscamos ouvir os vaishnavas detentores dos conhecimentos ritualísticos utilizados nos pujas do templo Hare Krishna, BHM – Belo Horizonte – MG.

Ao acompanharmos as práticas de adoração às deidades do BHM e seu processo ritual, constatamos a existência de uma relação aparentemente sem sentido para a maioria das pessoas, como cozinhar e oferecer alimentos para uma estátua, que para olhos menos familiarizados não seria nada mais do que um objeto material. No entanto, tais processos e atos tornar-se-iam uma relação considerada altamente elevada, íntima, transcendental e central no culto da *bhakti-yoga*, ou serviço devocional, praticada no referido templo.¹⁶⁷

Tratamos, portanto, nesta pesquisa do cotidiano dos monges adoradores do BHM, baseando-nos na inserção que tivemos no dia a dia devocional deste. Esta etnografia se baseou em dois fundamentos sendo um deles a descrição destas práticas dentro da filosofia vaishnava, escola onde tais ensinamentos são professados.

O outro eixo foi um aprofundamento reflexivo propiciado pela literatura

¹⁶⁵ GOODY, Jack. O Mito, o Ritual e o Oral. 2010, p. 45.

¹⁶⁶ PRABHUPADA, Bhaktivedanta Swami. Sri Isopanisad: O Conhecimento que nos aproxima de Deus. 1999, p.5.

¹⁶⁷ BHAGAVAD-GITA. 2008. c.12, v.1, p. 613.

antropológica que trata acerca de temas como ritual, símbolos e religião. Pois conforme Laplantine (2000) foi a antropologia que se empenhou em mostrar a lógica precisa dos sistemas de pensamento mitológicos, cosmológicos que são das sociedades ditas tradicionalistas.¹⁶⁸

Deste modo, o cerne da reflexão se dá ao focar a prática ritual protocolar de adoração às Deidades do referido templo: como esta se manifesta, influencia e direciona a rotina diária dos devotos. A partir da nossa convivência, observamos como a devoção às deidades se constitui em um aspecto central o qual se insere no cotidiano do templo, uma vez que os horários e as atividades executadas devem-se a cuidados pré-estabelecidos.

Sendo assim, observamos que todas estas atividades contém uma metafísica e uma concepção transcendental que se realiza através de um cotidiano de relações, associações e atividades, que tornam real e plausível a transcendência. Tal como afirma Peirano (2003), o conceito de ritual deve ser definido dentro de um contexto etnográfico:

[...] se estabelecemos que a definição é etnográfica, então um ritual não se caracteriza pela ausência de uma aparente racionalidade ou pela falta de uma relação instrumental entre meios e fins. Estes são critérios da nossa sociedade e só podem confundir a percepção se os consideramos uma medida universal. Afinal, somos nós que nos acreditamos mais racionais, mais espontâneos, mais pragmáticos. Assim sendo, definições antecipadas — de ritual ou, aliás, de qualquer outro fenômeno — só tendem ao empobrecimento se não coincidem com nossos valores explícitos.¹⁶⁹

O salão do templo, recinto sagrado, onde na concepção dos devotos é possível a comunicação com os deuses, constitui, por assim dizer, a “abertura” para o alto e assegura a comunicação com Jagannatha, o Deus do Universo, e demais ícones. Para os adeptos, a porta do salão BHM é o limite, a fronteira, é o meio que opõe dois mundos e ao mesmo tempo o lugar de união entre eles e os deuses ali representados.¹⁷⁰

Conforme Diana Eck, de modo geral não existe qualquer ritual ou *puja* sem uma consagração da imagem.

A imagem é purificada com uma variedade de substâncias ritualmente purificadoras, como as folhas de banana, pétalas de rosas, mel e manteiga clarificada. Então, através de um rito chamado *nyasa*, literalmente “toque”, várias deidades são posicionadas em partes diversas da imagem: *Brahma* no peito, *Indra* na mão, *Surya* nos olhos, os guardiães da direção na orelha, e assim por diante.

¹⁶⁸ LAPLANTINE, François. Aprender Antropologia. 2000, p. 111.

¹⁶⁹ PEIRANO, Mariza. *Rituais Ontem e Hoje*. Petrópolis: Vozes. 2003, p. 8.

¹⁷⁰ ELIADE, M. *O sagrado e o profano*. Tradução Rogério. Fernandes – São Paulo: Martins Fontes. 1992, p. 27-30.

[...]. Finalmente, o *prana* [sopro vital], é infundido na imagem no rito central chamado *pranaprastha*, estabelecendo o sopro da vida.¹⁷¹

Uma vez consagradas, as imagens são levadas em procissão para o templo, onde são instaladas através de uma celebração ritualística. Tornam-se, assim, o Deus vivo, que estabelece a comunicação com seus devotos.

Conforme Sanatana Swami, a veneração a uma deidade não é algo apenas ritualístico, mas sim, rudimentos de um modo de vida espiritual que conecta o devoto a divindade. Onde o templo se torna o centro desta ligação, por isto deve ser sempre bem cuidado e preservado para este fim. Lugar em que os devotos poderão 'amorosamente cozinhar e oferecer alimentos à Deidade e, em seguida, honrar a misericórdia da Deidade na forma de *prasadam*, isto é, ingerir o alimento após a consagração' para seu próprio benefício e purificação¹⁷².

O vaishnava tem o desejo de viver o mais perto possível de Krishna e servi-lo. Para ele, uma vez perdido este contato transcendental, a existência no mundo já não é possível. De acordo com Eliade, existem três níveis cósmicos: terra, céu e regiões inferiores que se tornaram comunicantes através do contato simbólico, os rituais, e entre essas três instâncias está a humanidade. Segundo o devoto é por meio do ritual que ele consegue se comunicar com o mundo espiritual que se encontra além deste céu material¹⁷³.

No *Bhagava-Gita Como Ele É*, Krishna diz a Arjuna: “[...] aqueles que me adoram, dedicando todas as suas atividades a Mim [...] ocupando-se no serviço devocional e sempre meditando em Mim [...] para eles eu sou o salvador do oceano de nascimentos e mortes [...]”¹⁷⁴. Conforme os *pujaris*¹⁷⁵ do BHM, a Suprema Personalidade de Deus, devido a sua misericórdia imerecida em relação ao ser humano, aparece na forma transcendental de uma deidade, para assim oportunizá-lo a manter uma relação de amor com Deus.

No momento em que o devoto pinta ou esculpe uma forma e invoca gentilmente o Senhor a aceitá-la (com mantras específicos), a fim de receber o seu serviço devocional, Deus aceita habitar naquele artefato denominado *arcã-vigraha*, apesar da sua

¹⁷¹ ECK, Diana. *Darsan: Seeing the Divine Image in India*. New York: Columbia University Press.1985, p.52.

¹⁷²Disponível em <https://voltaaosupremo.com/entrevistas/entrevistas-com-outros-convidados/por-que-e-necessaria-afinal-a-adoracao-a-deidade/> Acesso em 26/03/2017 às 11:50

¹⁷³ ELIADE, 1992. p. 29.

¹⁷⁴ BHAGAVAD-GITA, 2008. c. 12, v.6-7, p. 578.

¹⁷⁵ Monges adoradores

materialidade, pois em sua onipotência e onisciência, conforme sua indulgência, pode transformar matéria em espírito e espírito em matéria. Deve-se salientar que todo este processo ritualístico deve ser de acordo as regras e regulações das escrituras sagradas, caso contrário, a adoração às deidades é pura idolatria¹⁷⁶.

Em relação a adoração devemos entender que se trata de elaborações de complexas riquezas ritualísticas, e são conforme Goody, uma categoria de comportamentos padronizados (costumes) em que o relacionamento entre os meios e o fim não são puramente racionais e envolvem seres sobrenaturais.¹⁷⁷ Os *pujaris* do templo BHM, por meio destes rituais de consagração e devoção diárias, mantêm a presença espiritual no templo por intermédio da adoração às Deidades, seguindo a rotina abaixo descrita.

Estes acordam geralmente por volta das 3:30 da manhã. O primeiro ritual que é praticado por todos os devotos é o prestar reverência e entoar o mantra ao mestre espiritual. Em seguida, após o banho, passa-se a *tilika*, segundo este verso do *Srimad-Bahagavatam*:

O adorador primeiro deve purificar seu corpo escovando os dentes e banhando-se. Logo deve realizar uma segunda limpeza aplicando marcas em seu corpo com tilaka (argila) e cantando mantras tântricos e védicos¹⁷⁸.

A este respeito Trilokesvara, pujari residente em BHM, nos relata um pouco do seu cotidiano:

O dia no templo começa bem cedo, quando levanto, às 3h:50, e me preparo tanto física quanto mentalmente para me aproximar das deidades. Recolho os artigos necessários para a adoração, tais como: flores, fogo, água e alimentos que possam ser oferecidos. Em seguida, por meio de mantras praticamos a yoga propriamente dita, que significa se unir ou se identificar como servo de Krishna (Deus). Este processo de meditação na forma do Senhor que será adorado, faz-se, sobretudo cantando o mantra Hare Krishna".¹⁷⁹

Este processo de se preparar para adorar Bhagavan (Deus) é chamado

¹⁷⁶ PRABHUPADA, Bhaktivedanta Swami. Sri Isopanisad: O Conhecimento que nos aproxima de Deus. 1999, p.39.

¹⁷⁷ GOODY, Jack. O Mito, o Ritual e o Oral. 2010, p. 39.

¹⁷⁸ PRABHUPADA, 1995. SB. 11.27.10.

¹⁷⁹ TRILOKESVARA, Das. Entrevista cedida em 2016.

abhigamana, segundo *Ramanujacharya*, existem cinco tipos de métodos de adoração, que se chamam: *abhigamana*, *upadana*, *ijya*, *sadhyaya* e *yoga*. Quando devotos vão ao templo, limpam o templo ou o acesso ao templo, e o decoram de várias maneiras, tais atividades se chamam *abhigamana*. Coletar ingredientes como flores e outras parafernálias para adoração se chama *upadana*; adoração do Senhor no templo se chama *ijya*. *Sadhyaya* é cantar diferentes mantras e oferecer diferentes tipos de orações e *yoga* significa meditar ou lembrar das atividades do Senhor em plena absorção¹⁸⁰.

O passo seguinte, conforme o devoto, é pedir ao Senhor para que desça. É neste ponto que começa a adoração propriamente dita. A última etapa, consiste em oferecer os artigos que representam os quatro elementos: Terra, Água, Fogo e o Ar, acompanhados de mantras apropriados para este fim. O devoto salientou também que as práticas¹⁸¹ de *sravanam* (ouvir) e *kirtanam* (cantar) também estão presentes na adoração formal às imagens do Senhor *Jagannatha*, *Baladeva* e *Subhadra*¹⁸².

No que concerne à adoração, purificar-se significa perder identificação com o corpo, ver a si mesmo e aos outros seres vivos como almas espirituais, servos de Krishna. Esta atitude os tornam aptos a se colocar no nível de relacionamento direto com Krishna por meio de suas formas¹⁸³.

Acerca da necessidade de adoração às Deidades, a resposta está sempre associada ao elemento fundamental da *bhakti-yoga*, o personalismo, contrário ao impersonalismo¹⁸⁴, ou seja, a compreensão filosófica segundo a qual *Jagannatha* “Senhor do Universo” é essencialmente uma Pessoa, e assim se desenvolver um relacionamento com ele se torna o objetivo da prática espiritual no *vaishnavismo*.

Os *Vedas* afirmam diretamente que o Brahman Supremo é o criador original do universo (*jagat-karta*). A partir dessa afirmação, é lógico inferir que o Supremo é a causa das muitas entidades vivas. As muitas entidades vivas, portanto, têm o

¹⁸⁰Disponível em: <http://bhaktitattva.blogspot.com.br/2007/08/srila-prabhupada-evedanta.html>. Acesso em 20/10/ 2016, às 10:20.

¹⁸¹ Os outros seis processos são: *smaranam*, recordar o nome, forma, qualidades e passatempos do Senhor; *pada-sevanam*, servir aos pés de lótus do Senhor; *vandanam*, oferecer orações ao Senhor; *sakhyam*, desenvolver relação de amizade íntima com o Senhor; e *atma-nivedanam*, entregar-se completamente ao Senhor.

¹⁸² IDEM.

¹⁸³ PRABHUPADA, “O Néctar da Devoção – A ciência completa da Bhaktiyoga”. Editora Bhaktivedanta Book Trust. 2012. p.7.

¹⁸⁴ Shankaracarya (788-820 d.C.) viveu em um período no qual o Budismo predominava por toda a Índia. Ele buscou reafirmar a autoridade das escrituras védicas, as quais Buda havia negado completamente. Sua interpretação da literatura védica chama-se *advaita-vedanta* (vedanta não dualista), que propunha que *jiva* (*alma*) e Deus são idênticos, ou seja, que as *jivas* são a própria verdade absoluta.

Supremo como seu criador. Esse é o significado direto da instrução Védica¹⁸⁵.

Outro ponto que foi mencionado pelo devoto foi sobre os quatro princípios reguladores do movimento Hare Krishna, que devem ser seguidos por todos, principalmente pelo pujari, o que coaduna com o que Prabhupada diz no livro *Néctar da Instrução*:

[...] pelo simples fato de seguir os princípios reguladores da consciência de Krishna – o abster-se de sexo ilícito, do consumo de carne, da intoxicação e dos jogos de azar – e pelo simples fato de se ocupar a serviço do Senhor Supremo sob a orientação do mestre espiritual genuíno.[...] consegue ultrapassar todas as práticas do controle da mente¹⁸⁶.

O outro ritual que o devoto iniciado pratica diariamente é a meditação, *japa-mala*, (Figura 41) durante a qual manuseia conta por conta, em um rosário de 108 contas, pelo menos 16 vezes, o que representa 1728 repetições do mantra. Essa prática deve ser feita bem cedo, antes de o sol nascer, e dura aproximadamente uma hora e meia.

O *pujari* é geralmente o primeiro a acordar e realizar *japa-mala*, e após este rito, dirige-se ao altar e soa o búzio três vezes indicando que os demais devem se levantar e executar esse mesmo ritual de purificação para após, participar do primeiro ritual do dia, *Mangala-arati* (adoração auspiciosa)¹⁸⁷.

Antes de entrar no altar, assim como na cozinha das deidades, e no recinto do pujari, realiza-se outro ritual purificatório que se dá da seguinte maneira: utilizando um pequeno recipiente com água e uma espécie de concha (chamado *panca-patra*) joga-se um pouco de água três vezes em cada mão. Segurando a concha com a mão direita, verte-se água três vezes na própria mão direita; em seguida utilizando a mesma mão, coloca-se água na mão esquerda três vezes jogando a água. Em seguida, pegando a pequena concha com a mão esquerda joga-se água na palma da mão direita três vezes, sendo que a cada vez entoa-se um mantra específico, sorvendo a água logo após dizer o mantra. Pegando novamente a concha com a mão direita, joga-se algumas gotas de água em cada pé e, por último, lança-se uma um pouco de água no topo da cabeça.

¹⁸⁵ Disponível em <<https://voltaaosupremo.com/artigos/obras-completas/sri-tattva-muktavali-o-colar-de-perolas-da-verdade/>> Acesso em: 14/06/2016.

¹⁸⁶ PRABHUPADA, *Néctar da Instrução*. Ed. BBT. Trad. Isvara dāsa (Enéas Guerriero). 2002. p.13.

¹⁸⁷ TRILOKESVARA, Das. Entrevista cedida em 2016.

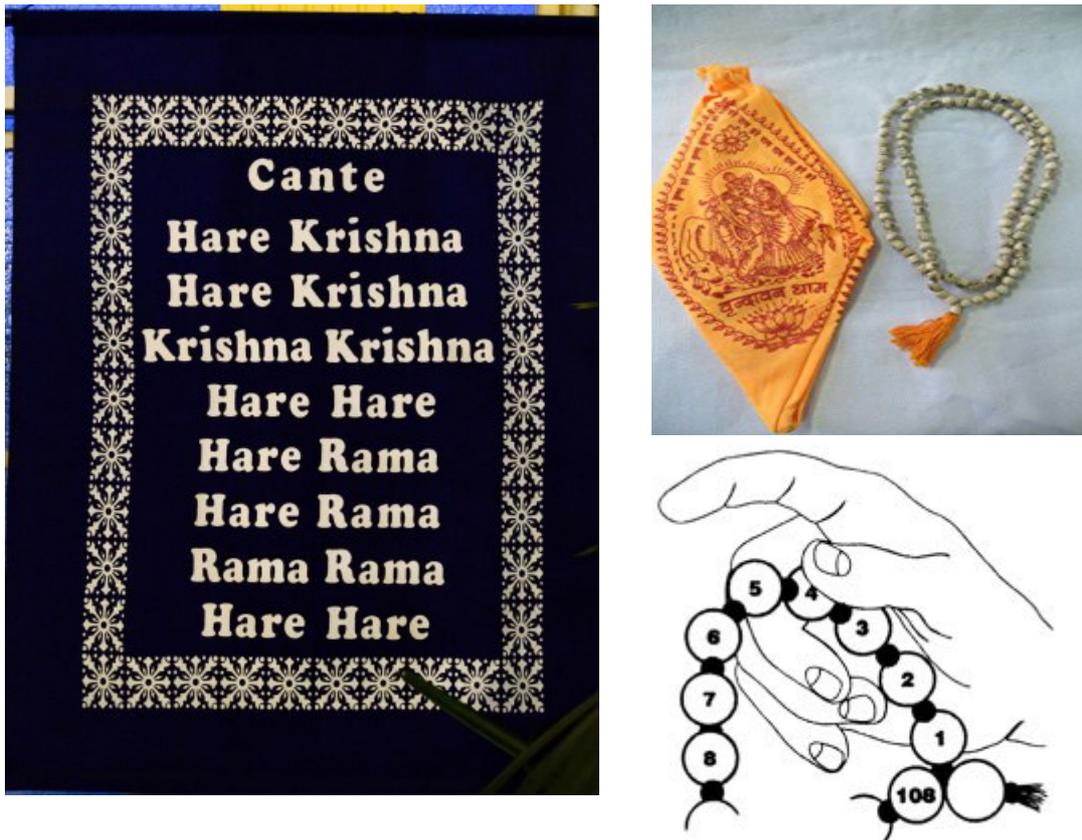


Figura 41- Maha-mantra Kare Krisna e Japamala.¹⁸⁸

Os mantras utilizados nesse processo purificador são: *om kesavaya namah*, *om naranaya namah*, *om madhavaya namah*, *om padmanabhaya namah* e *om govindaya namah* (nomes de Vishnu). Após esta purificação, o devoto poderá adentrar nas áreas do *pujari* e da cozinha das Deidades, vestidos com roupas devocionais a saber, *doty* para os homens e *sari* para as mulheres.

O monge encarregado em acordar as Deidades (Figura 42 a) oferece a primeira oferenda do dia, que já é deixada pronta no dia anterior, composta por doces (*burfi*, doce de leite) e leite morno adoçado. Antes de oferecer o alimento, chamado de *bhoga*, direciona-o às Deidades. Para oferecer o alimento, é entoado por três vezes um *mantra* específico para este fim.

Conforme o *pujari*, o alimento é colocado em pequenos pratos de inox, e deixado dentro do altar por volta de 15 minutos para que estas o “comam”. Passado este tempo, as oferendas são retirados do altar e levados para a cozinha de Krishna.

¹⁸⁸ Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=japamala+hare+krishna>. Disponível em 12/010/2016.



Figura 42 a- Deidades de pijama, BHM.



Figura 42 b- *Mangala-arati*, oferenda de fogo.

O *pujari* então faz o gesto simbólico de lavar a boca das Deidades, oferecendo os elementos com a mão direita enquanto toca o sino com a mão esquerda. Os elementos são oferecidos a cada deidade através de movimentos circulares da mão direita, e em seguida são colocados de volta a bandeja. A ordem em que são oferecidos é a que segue: primeiramente os palitos de dente, seguido de água de rosas – usada para “lavar” os pés (oferecida aos pés das deidades) e *achamania* (água com cravo) usada para “enxaguar” a boca, em seguida seca com um lenço.

Após acordadas e devidamente alimentadas, as deidades, às 4h30 (madrugada), recebem a primeira cerimônia de adoração (Figura 42 b acima), o *mangala-arati*¹⁸⁹. Para indicar que o altar será aberto, um búzio é soado três vezes. Os devotos que já estão prontos se dirigem para a sala do templo para pegar o *dharsan*¹⁹⁰. Logo que o altar é aberto, todos os presentes prestam reverência, menos o *pujari*, que está posicionado dentro do altar.

¹⁸⁹ A palavra em sânscrito literalmente significa "cessar" ou "concluir" adoração das 4.30hs da manhã, muito auspiciosa, significado do Arati: arati simboliza rendição — a renúncia final do ego a Deus.

¹⁹⁰ O termo *darshan* deriva da raiz sânscrita "drsh", que significa "ver", e é utilizado em referência às ocasiões em que alguém se coloca diante de um guru ou uma deidade e é agraciado com o compartilhamento do ver.



Figura 43 a- Manteiga clarificada ou ghee essencial para o fogo da adoração e as mechas embebidas. Figura 43 b- Flor fresca- Figura 41 (2015). Foto: autora.

Então ele, com a mão esquerda, toca um sininho enquanto a sua mão direita, em movimentos circulares, oferece os quatro elementos – Terra, Fogo, Água e Ar – contidos em um prato de *arati*, representados por respectivamente, incenso, lamparinas de *ghee* (mechas embebidas em manteiga clarificada) (Figura 43 a), pequeno jarro com água, que é colocada em um búzio para ser oferecida, logo após a qual é oferecido um lenço para secar, e uma flor é recentemente colhida (Figura 43 b).

Para efetuação do arati o pujari se posiciona de pé, a cabeça levemente inclinada, e oferece cada um dos elementos para as imagens presentes no altar. Com o braço direito esticado, ele (a) faz sete movimentos circulares com a mão direita, direciona a oferenda primeiramente ao seu mestre espiritual, oferece para Prabhupada, e após, às deidades principais, Jaganntha, Baladeva e Subhadra. Depois oferece para *Sri Caitanya e Nityananda*¹⁹¹, as *Shalagram-shilas*¹⁹², (Figura 44) em seguida para *Nrsimhadeva*. Cada

¹⁹¹ Outras representações de Krishna.

¹⁹² A representação de Vishnú na forma de mineral, uma das mais antigas formas de Deus adorada pelo homem. No BHM elas são pintadas e recebem olhos na parte lisa da pedra, todos os dias são ricamente

elemento também é oferecido para *Tulasi e Panca-tattva*.

Após o *kirtan* (danças e cantos em conjunto) é oferecido para Nrsinhadeva¹⁹³ um palito de dente com a ponta de algodão mergulhado em óleo perfumado, sendo depois passado na mão direita dos devotos e todos presentes na adoração, para ser cheirado.



Figura 44- *Caitanya e Nityananda, Shalagram-shilas* presentes no altar do BHM. Autor desconhecido.

Após oferecidos os elementos são passados para um devoto na audiência que os repassa aos outros presentes, e assim sucessivamente, começando pelos mais antigos, em seguida para os não iniciados, e depois para os visitantes. Em seguida entrega a uma devota que repetirá o mesmo processo, oferecendo às demais mulheres presentes. Os elementos que circulam entre os devotos e visitantes são as lamparinas de *ghee*¹⁹⁴, (Figura 45), a flor, e o palito com algodão embebido no óleo de essência. A água oferecida é também aspergida pelos devotos(a) na cabeça dos presentes.

decoradas e vestidas pelo pujari..

¹⁹³ Forma de Krishna metade homem metade leão.

¹⁹⁴ Tipo de manteiga clarificada.



Figura 45- Elemento fogo sendo passado aos devotos e visitantes para purificação. Autor desconhecido.

De acordo com o *pujari*, o objetivo de se oferecer os elementos às Deidades e em seguida oferecê-los aos devotos e aos visitantes é o de purificar os sentidos destes. Acredita-se que quando se cheira, vê ou toca algo que foi primeiramente oferecido a *Bhagavam*¹⁹⁵, têm-se os sentidos purificados, possibilitando a evolução espiritual¹⁹⁶.

Para este ritual, existem mantras específicos em sânscrito fornecidos em pequenos livretos, “*Manual do Vaishnava*”, onde os devotos mais novos do movimento e os visitantes podem acompanhar os cantos. Deve-se cantar e dançar de maneira suave, havendo melodias que devem preferencialmente ser tocadas.

Neste processo de se cantar os mantras, o padrão é que um (a) devoto (a) lidere, cantando primeiramente os versos, os quais são em seguida repetidos pelos demais. Um outro devoto toca a *mrdanga*, (Figura 46) instrumento indiano de percussão e outros tocam *kartalas*, que são pequenos címbalos, não é comum, mas as vezes usa-se instrumento brasileiro como a sanfona por exemplo. O búzio é novamente soado três vezes pelo *pujari*, marcando o fim do *arati*; todos prestam reverência e um devoto mais

¹⁹⁵ A origem de tudo, Deus em sânscrito.

¹⁹⁶ TRILOKESVARA, 2017.

antigo entoam as orações. Na sequência, é cantado o mantra de Narasimhadeva. Depois disto o altar é fechado e os presentes prestam reverências novamente.



Figura 46- Kirtan BHM, 2017. Foto autor desconhecido.

Tem-se o início ao *puja à Tulasidevi*. Todos prestam reverência enquanto entoam o *mantra* de veneração a planta divina. Como já foi dito, todos os alimentos que são oferecidos a Krishna devem levar folhas de Tulasi para que Krishna fique satisfeito. Enquanto os devotos circum ambulam a planta, outro mantra é cantado, como oração à Tulasi. Um dos *devotos*, utiliza o *panca-patra*, fazendo uma rápida purificação nas mãos, pés, boca e cabeça, com a água, e em seguida se posiciona em cima de um pequeno tapete e começa a purificar com a água os elementos utilizados nesta adoração e em seguida os oferece á deusa. Depois um a um, os devotos(a) colocam uma porção de água com a mão direita, e molham a planta de Tulasi, voltam ao lugar de origem e prestam reverência.

Após esta cerimônia, todos se sentam e repetem simultaneamente o *Sri Sri Siksastaka*, (*Siksa* significa “instrução” e *astaka* significa “contido em oito estrofes”) conhecidos como “*Os oito versos para o Amor a Deus*”, são considerados a essência da *bhakti-yoga*. Estes oito versos são os únicos escritos deixados por Sri Caitanya Mahaprabhu, servem para desenvolver o amor puro a Deus¹⁹⁷. Os devotos iniciantes e visitantes têm o manual vaishnava à mão para acompanhar a recitação que é feita por todos em conjunto. Em seguida um dos devotos lê as Dez Ofensas:

1. Blasfemar os devotos que tem dedicados suas vidas à propagação dos santos nomes do Senhor.
2. Considerar que os nomes dos semideuses tais como o

¹⁹⁷ SIKSASTAKA, Sri Sri. Oito Versos de Amor a Deus. Composição de Sri Caitanya Mahaprabhu. Comentários de Bhakiti Vinoda Thakura. Tradução de Bhagavan dasa, 2012.

Senhor *Shiva* e o Senhor *Brahma* estão à altura ou são independentes do nome do Senhor *Vishnu*. 3. Desobedecer as ordens do mestre espiritual. 4. Blasfemar a literatura védica ou a literatura que segue a versão védica. 5. Considerar que as glórias de cantar Hare Krishna são produtos da imaginação. 6. Interpretar os santos nomes do Senhor de alguma maneira deturpada. 7. Cometer atividades pecaminosas apoiando-se na força de cantar os santos nomes do Senhor. 8. Considerar o cantar de Hare Krishna como uma das atividades ritualísticas auspiciosas oferecidas pelas Vedas como atividades frutivas *karma-kanda*. 9. Instruir um infiel sobre as glórias dos santos nomes. 10. Não ter fé completa no cantar dos santos nomes e manter algum apego material mesmo após ter recebido tantas instruções sobre este assunto. Também é considerado uma ofensa estar desatento durante o cantar.¹⁹⁸

É dito que estas ofensas devem ser evitadas por todos os devotos ao cantar os Santos Nomes do Senhor. Em seguida, o devoto que está puxando as orações, diz: “então todo aquele que afirma ser um vaishnava deve precaver-se contra essas ofensas, a fim de alcançar rapidamente o objetivo da vida que é: “*Krishna prema, amor puro por Krishna*”. Dando continuidade, ele recita “ofereçamos agora nossas respeitadas reverências a todos os Vaishnavas, devotos puros do Senhor, que estão cheios de compaixão pelas almas caídas e são comparados a árvores dos desejos que podem satisfazer os desejos de todos”. Em seguida, todos se põem em posição de reverência e entoam o *mantra* utilizado pelos devotos para se cumprimentar.

Às 5h15, aproximadamente, encerram-se as atividades referentes ao *mangala-arati*. Os devotos permanecem na sala do templo cantando a meditação individual diária a *japa-mala*. O *pujari*, único devoto que não se ocupa em cantar *japa* neste momento, prepara-se para dar o banho do dia nas deidades e decorá-las com nova decoração e outras indumentárias, diferentes do dia anterior.

Neste momento as Deidades são banhadas e trocadas, sendo que somente as pequenas recebem o banho completo, enquanto nas grandes é passada uma toalha seca. O banho completo (Figura 47) consiste em colocar a deidade em uma travessa, despindo-a. Ao transferir a *murti* (sempre com a mão direita) deve-se gesticular com as mãos indicando que irá transportá-la de um lugar para o outro, além de tocar o sino para avisar a transferência. Neste momento são oferecidos a água de rosas, a qual é usada para lava-lhes os pés e em seguida a *charanamrta* (iogurte com mel) para a deidade beber, depois *achamania* (água de cravo) para lavar a boca¹⁹⁹.

¹⁹⁸ SWAMI, Chandramuka. Reflexões sobre as Dez Ofensas no Cantar dos Santos Nomes. 2007, p.17e 18.

¹⁹⁹ COSTA, Ana Paula Ribeiro Dala. *Adoração Ritual a Deidades no Templo Hare Krishna de Curitiba*. 2013, p. 37.



Figura 47 - Banho completo deidades pequenas em um festival no BHM. 2011. Arquivo Valera.

Após este processo, com um pedaço de algodão, usa-se o óleo de essência no corpo todo, limpando o excesso com um algodão seco. Em seguida passa-se a *tilaka*, previamente dissolvida em água, em todo o corpo. Para enxaguar utiliza-se água morna. Trocam -se a roupa, e novamente com o tocar do sino, indica a remoção para o lugar de origem. Para o banho simples procede-se da mesma forma, apenas não é utilizado o óleo de essência, *tilika* ou água. Neste caso, usa-se somente a toalha seca e oferece os elementos²⁰⁰.

Seguindo a programação do templo, às 6 h, o devoto encarregado da cozinha, começa a preparar a oferenda de *Govinda* (significado literal, “aquele que dá prazer às vacas e aos sentidos”). Narasimhadeva, o devoto encarregado da cozinha diz:

Vou para a cozinha das deidades e passo a fazer as preparações da oferenda de *Govinda*. Para cozinhar para as deidades, é necessário seguir os quatro princípios regulativos, devendo preferencialmente ser um *brahmana*, ou seja, aquele devoto que recebe segunda iniciação. Isto se deve à noção de pureza ritual presente na concepção *gaudiya-vaishnava*²⁰¹.

Narasimhadeva continua explicando: “[...] esta oferenda consiste em um tipo de *sabji* (preparo de vegetais), *chapati*, (tipo de pão indiano), *halava* (tipo de doce indiano

²⁰⁰ Ibidem.

²⁰¹ DASA, Narasimhadeva, 2017.

feito com semolina e frutas), grão-de-bico com gengibre fritos, suco de fruta e água' (Figura 48).



Figura 48- Bhoga para ser servido às Deidades.
Foto: Mateus.

Segundo o Bhagavad-gita, os alimentos no modo da bondade aumentam a duração de vida, purificam a existência e dão força, saúde, felicidade e satisfação àqueles que os consumem. “[...] Estes alimentos são suculentos, nutritivos, saudáveis e agradáveis ao coração[...]”²⁰². No capítulo 9 verso 26, Krishna diz [...] Se alguém Me oferecer, com amor e devoção, uma folha, uma flor, frutas ou água, Eu as aceitarei. [...].²⁰³ O suco, assim como a água é servido em copos, os vegetais, colocadas em pratos pequenos de inox e expostos em uma bandeja e a oferenda é levada para o altar, onde é oferecida as divindades pelo *pujari* através de mantras específicos.

Enquanto isso, por volta das 7: 30 h, quando o búzio é soado três vezes, tem início o *guru-puja*²⁰⁴. Onde são oferecidos os elementos a Srila Prabhupada, que se encontra na forma de uma *murti*, grande estátua em fibra em seu tamanho natural, (Figura 49) no salão do Templo, a saber, em frente às Deidades, sentado na *vyasasana*²⁰⁵. Apesar de cada devoto ter o seu próprio guru, todos participam desta adoração.

Prabhupada, que é chamado de *jagad-guru*, mestre espiritual do universo, pois foi quem trouxe o *parampara* (linha de sucessão discipular) para o Ocidente, sendo assim

²⁰² BHAGAVAD-GITA. *Bhagavad-gita Como Ele é*. Tradução e comentários de A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada. São Paulo BBT. 2008, c.17, v.8 p.725.

²⁰³ Ibid p. 455

²⁰⁴ Adoração diária feita a Srila Prabhupada, considerado o mestre “maior” de todos os devotos da ISKCON.

²⁰⁵ Assento do mestre espiritual. Literalmente, assento oferecido ao representante de Vyasadeva (expansão de Krishna que transcreveu os Vedas).

chamado *patita pavana*, o salvador das almas caídas. Sendo portanto a própria representação Divina aqui na terra. A referida cerimônia mostra a importância do *guru* para a vida devocional de um devoto e todo membro desta sociedade para a consciência de Krishna é aconselhado a refugiar-se em Srila Prabhupada.²⁰⁶



Figura 49- Murti de Prabhupada. BHM- 2016. Foto autor desconhecido.

No ambiente do pujari são preparadas duas bandejas com objetos utilizados no

²⁰⁶ SWAMI, Chandramuka. *Iniciação Espiritual & Consciência de Krishna*. 2004, p. 54.

guru-puja que consiste nas seguintes etapas:

1º Passo:

Disposição da bandeja grande: sino, búzio pequeno, isqueiro, incenso, pequeno jarro c/água, lamparina com as mechas de algodão embebidas no *ghi*, prato pequeno c/lenço, prato pequeno c/ uma flor fresca, prato pequeno de louça c/ sândalo (quando estiver fazendo calor). (Figura 50 a).

As guirlandas para colocar em Prabhupada e em *Garuda*²⁰⁷, são dispostas numa bandeja média (Figura 50 b).

2º Passo:

a) Levar a bandeja arrumada e colocar em uma pequena mesa redonda próximo a Prabhupada no salão do templo. Usa-se um pequeno tapete e uma toalhinha para secar o piso. Coloca o búzio próximo aos pés do adorador, que no caso, não é o pujari, que se encontra dentro do altar, e sim outro devoto. Após isto, prestar reverências e purificar as mãos esquerda e direita, purificar as guirlandas a serem oferecidas primeiro à *Garuda* depois à Prabhupada. Retirar a *japa-mala* das mãos de Prabhupada e o manto, que o garante durante a noite, guarda no lugar apropriado a este fim.

3º Passo:

b) Em seguida, purificar as mãos novamente, a boca (três golinhos), os pés e a cabeça, só então, pisa-se no tapete. Joga-se água três vezes no búzio, assoprando-o em seguida ou batendo com a palma da mão três vezes.

c) Logo após, purificar os objetos utilizados no ritual: sino, incenso, lamparina, etc. Acender o incenso e a lamparina. Com a mão esquerda tocar o sino (na altura da própria cintura), e com a mão direita oferecer o Incenso sete vezes, fazendo círculos ao redor do corpo de Prabhupada, em seguida oferece o incenso aos devotos de modo geral, liberando o incenso para devoto (a) colocar aos pés de Prabhupada.

d) Oferece-se a lamparina 4x nos pés, 3x no peito e 2x na cabeça, mais 7 ao redor do corpo e oferece aos devotos presentes e visitantes (tocando sempre o sino).

e) Purificar as mãos novamente, a água, assim como o búzio. Purificar as mãos novamente, a água, assim como o búzio. Pega a água do *pancharatra* e despeja no búzio, oferece 4 x no peito, 2x na cabeça e 7x no corpo, em seguida oferece aos devotos. A água do búzio volta para o recipiente inicial para ser distribuída entre os presentes.

f) Purifica as mãos novamente, pega o lenço, e oferece 7x no corpo de

²⁰⁷ Pequena estatueta da figura de Garuda, presente nos mitos do hinduísmo, originariamente uma águia, é a montaria do deus Vishnu. Se encontra em uma coluna ao lado de Prabhupada no salão do BHM.

Prabhupada e para os devotos novamente.

g) Em seguida, sai do tapete e pega a camara (acessório feito com crina de cavalo-branco) purifica-a, assim como a mão direita, e com o sino na mão esquerda abana 7x o corpo de Prabhupada e toda a audiência.

h) Repete tudo novamente com o abano de cauda de pavão.

i) Purifica novamente as mãos e os pés, e o búzio soprando-o 3x. Faz reverências e guarda os objetos utilizados²⁰⁸.

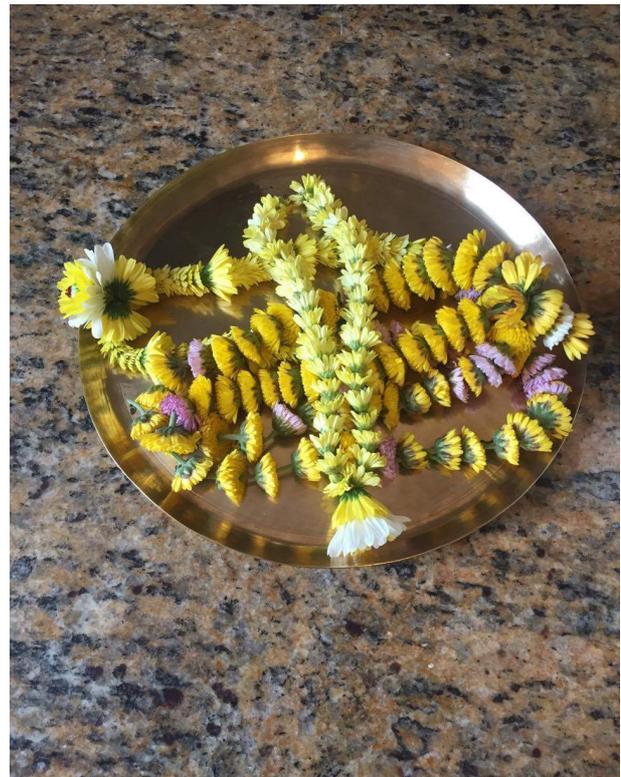


Figura 50- Bandejas com objetos utilizadas no Guru-puja. BHM. 2017. Foto: Autora.

Enquanto isto os devotos presentes no guru-puja fazem um *kirtan* que se inicia com um mantra específico para esta cerimônia, seguido dos mantras padrão (mantra de Srila Prabhupada, do *panca-tattva* e o *maha-mantra Hare Krishna*). O devoto cita o primeiro mantra cantado, que é repetido por todos em uníssono logo que acaba o *kirtan*:

Os pés de lótus de nosso mestre espiritual são o único caminho pelo qual podemos alcançar o serviço devocional puro. Eu me prostro perante os seus pés de lótus com grande respeito e veneração. Por sua graça uma pessoa pode cruzar o oceano de sofrimento material e alcançar assim a misericórdia de Krishna. Meu único desejo é ter a minha consciência purificada pelas palavras que emanam de sua boca de lótus. O apego aos seus pés de lótus é a perfeição que satisfaz todos os desejos; ele abre os meus olhos obscurecidos e enche o meu coração com

²⁰⁸ Lista fornecida pela auxiliar de pujari Lucilene Luiz – auxiliar há 5 anos no BHM.

conhecimento transcendental. Ele é meu Senhor, nascimento após nascimento. Dele o *prema* extático emana, por ele a ignorância é destruída. As escrituras védicas cantam seu caráter; nosso mestre espiritual é um oceano de misericórdia, amigo dos pobres, senhor e amo dos devotos. Ó mestre, sê misericordioso comigo e concede-me a sombra de seus pés de lótus. A sua fama se espalha por todos os três mundos e nós caímos aos seus pés de lótus.²⁰⁹

Conforme Narasimhadeva, cada devoto, começando pelos devotos mais velhos, seguindo a hierarquia padrão, oferece pétalas aos pés de Srila Prabhupada e presta reverência. Enquanto isso, algum outro devoto puxa o mantra seguinte, também dedicado ao guru. Conforme Eliade, a mediação que os mestres espirituais da Índia atual operam para com os seus discípulos, entre o tempo rotineiro histórico e o eterno tempo cósmico, permitem aqueles viverem na irrealidade do primeiro, subordinando-se aos valores do segundo. O mesmo autor afirma que esta posição indiana prolonga de certa forma o comportamento do “homem primitivo” diante do Tempo”.²¹⁰

O devoto Maha Krisna explica: 'a segunda iniciação, dada pelo guru, é quando o discípulo recebe o mantra gayatri, um mantra secreto que jamais deve ser pronunciado em voz alta. [...] A primeira iniciação chama-se *hari-nama*. [...]'. Segundo ele somente com a segunda iniciação o devoto pode adorar e cuidar das deidades como se fossem filhos, portanto, estas são consideradas essencialmente uma pessoa, e assim, pode-se desenvolver um relacionamento com elas.²¹¹

As deidades se tornam o objetivo da prática devocional, e devem ser cuidadas diariamente, tendo suas roupas trocadas e lavadas, sendo decoradas, tomam banho e recebem oferendas de alimentos, incenso, flores, água e fogo, e são colocadas para dormir toda noite. A adoração e o serviço às deidades são fundamentais sendo que o próprio motivo da existência das deidades é para que possamos ocupar nossos sentidos em serviço à Krishna.²¹²

Após o guru-puja, o *pujari* retira a oferenda do altar, “lava a boca deidades” e termina de arrumá-las, colocando guirlandas, colares, brincos e pulseiras para incrementar sua aparência, para o novo dia que se inicia. Decora o altar com flores, leques, pequenos animais como o pavão, a vaca, elefantes, borboletas, etc. O búzio é soado novamente, e o altar é aberto, momento em que todos prestam reverência.

O som é ligado com a canção *Govinda* do álbum “*Chant and Be Happy*”, gravado

²⁰⁹ Bhaktivedanda, Trust, the Manual Vaishnava. www.harekrishna.com.br.

²¹⁰ ELIADE, M. *Imagens e Símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes. 1996, p. 53.

²¹¹ MAHA, Krisna. Entrevista concedida em 2017.

²¹² IDEM.

por George Harrison²¹³ e os devotos de Londres, no ano de 1970. Acompanha-se a canção tocada, alguns batem palmas e cantam, outros dançam suavemente, enquanto o pujari oferece às deidades incenso e flor.

Observa-se que o entoar dos mantras é utilizado para despertar a conexão com o divino. Geralmente as músicas são cantados antes das práticas ritualísticas naquele espaço. Segundo a autora Dulcinéia a musicalidade vaishnava não pode ser separada da espiritualidade, os cantos são todos orientados para a adoração às divindades.²¹⁴

Em seguida todos os presentes no salão do templo, prestam reverência e sentam-se (Figura 51 a e b) para ouvir a aula do *Srimad Bhagavatam*, conjunto ao Bhagavad-gita que se constitui em um dos meios diários de doutrinação do movimento. O devoto que ministra as aulas no Belo Horizonte Mandir, relata:

A aula do *Srimad-Bhagavatam* e do *Bhagavad-gita* é um momento muito importante para todos presentes. A leitura destas escrituras, bem como todo o cotidiano devocional, foi um *sadhana* (prática espiritual) estipulada por Sua Divina Graça Srila Prabhupada. Este é um momento de instrução e iluminação, pois esta leitura irá nos dar ensinamentos profundos sobre como regular nossas vidas em consciência de Krishna ²¹⁵.



Figura 51- Devotos prestam reverências.



Aula do Bhagavad-gita. Autor desconhecido.

Segundo Maha Krisna, ouvir é considerado como um dos nove processos do serviço devocional, sendo o mais importante, pois o contato constante com o som transcendental (*sabda brahman*), que se manifesta através do *maha-mantra*, das

²¹³ GOSWANI, 2014. p. 294.

²¹⁴ MITTELSADT, Dulcnéia Doneda. *Krishna: Os três Mundos e a noção de Pessoa Vaishnava*. 2012, p. 15.

²¹⁵ KRISNA, Maha. 2017.

escrituras e das palavras do guru, é capaz de despertar a consciência espiritual adormecida no ser humano²¹⁶.

Em 2003, Maha Krisna diz ter ido à Campina Grande, onde participou do Seminário Hare Krishna de Filosofia, Teologia e *Bhakti-shastri*, idealizado e coordenado pelo mestre espiritual Dhanvantri Swami, um dos primeiros discípulos brasileiros, originário de Salvador, BA. Neste seminário, através de uma carga horária distribuída em nove meses, em sistema de internato, Maha Krisna estudou os principais livros das escrituras védicas, ou seja o curso *bakti-sastri* que abrange o estudo da *Bhagavad-gita*, *Sri Isopanisad*, *Upadesamrta* e *O Néctar da Devoção*, livros sagrados muito importantes na escola vaishnava²¹⁷.

Conforme relato do devoto o seminário se propõe a facilitar a pesquisa, o ensino e a capacitação para a docência, tanto na filosofia como na teologia védica de maneira sistemática e acadêmica conforme modernas metodologias do ensino superior. Ensinamentos estes, que conduzem a vida do candidato de acordo os princípios regulamentares do seminário, que são: pontualidade, limpeza, gentileza, humildade, sobriedade, produtividade e coerência²¹⁸.

O devoto ministrante, se senta na *vyasa-sana*, assento destinado a palestrantes e mestres, canta uma série de mantras, iniciando por *Jaya Radha Madhava*, mantra que é sempre cantado antes de ler as principais escrituras, seguido pelo *maha-mantra Hare Krishna*, e os mantras específicos para serem recitados antes da leitura do *Srimad Bhagavatam*. Outro mantra que sempre é cantado antes de se ler as escrituras ou o *Bhagavad-gita* é “*Om namo bhagavate vasudevaya*” (Ó Senhor Onipenetrante, ofereço a ti meus humildes respeitos). Maha Krisna explica:

Leio primeiramente o verso, o qual é geralmente transcrito em uma lousa para que os devotos possam acompanhar a pronúncia, que é entoado em sânscrito por mim ou pelo devoto que preside a aula, logo após o verso é repetido por cada um presente individualmente, seguindo a ordem hierárquica do mais velho ao mais novo [...]. Em seguida é lida a tradução palavra por palavra; depois de lida a tradução, a qual foi repetida pelos devotos; em seguida leio o significado do verso, elaborado por Srila Prabhupada. [...] Após a releitura do verso e de sua tradução, comento o trecho lido de acordo com minha percepção e inspiração espiritual. Após o fim da aula é aberto um espaço para perguntas.²¹⁹

²¹⁶ IDEM.

²¹⁷ MAHA, Krisna. 2017.

²¹⁸ IDEM.

²¹⁹ MAHA, Krisna. 2017.

Em seguida toma-se o desjejum com a comida oferecida as deidades, *prasadam*, que literalmente significa “misericórdia divina”. Tudo o que foi oferecido a Krishna é considerado sagrado, tornando-se, portanto, espiritualizado, podendo ser saboreado pelos devotos e visitantes. Ao falar-se em “honrar a *prasadam*”, indica-se uma série de costumes ao comê-la, como prestar reverência a ela, nunca comer em pé ou andando e cantar em agradecimento antes de ingeri-la”²²⁰.

Conforme as instruções de Prabhupada, apenas utensílios exclusivos das divindades podem ser usados no preparo de alimentos a serem oferecidos, evitando a “contaminação” e mantendo a pureza do uso; conforme Dumont os objetos não são poluídos pelo simples contato, mas pelo uso feito²²¹.

A concepção vaishnava é que o corpo humano é naturalmente “contaminado”, sendo a boca um dos lugares mais impuros, por isso a restrição de compartilhar os talheres no preparo e não poder experimentar a comida ao fazê-la. Não pode lavar a louça usada pelos devotos após as refeições na cozinha. As louças utilizadas pessoalmente pelos devotos são lavadas em uma pia em separado que fica no pátio, em uma área coberta.

O próximo ritual é por volta das 16 h, *bhoga aratik*, este é um horário menos frequentado pelos devotos e visitantes de modo geral. Oferece-se suco e salada de frutas. Depois da *bhoga*²²² ser oferecida às deidades, o *pujari* lava-lhes a boca e após isto, soa o búzio para abrir o altar e realizar um outro *aratik*. Em seguida oferta às Deidades com flor, fogo e incenso, como no *aratik* de Govinda.

De segunda a sábado, às 19 h, acontece o *goura-arati*. Normalmente visitantes comparecem ao templo para participar deste programa á noite. Tudo procede da mesma forma: o altar é aberto, soa o búzio e se realiza a oferenda dos elementos novamente. A audiência canta e dança. O *pujari* toca o búzio indicando o fim da cerimônia. Então é cantado o mantra de Nrsimhadeva por outro devoto, e fecha-se o altar. Geralmente neste horário é ministrado algum curso sobre as literaturas sagradas utilizadas pelo movimento, quando não, é feito a leitura do Bhagavad- gita, por um devoto indicado para este fim. Após, é servida a *prasadam* novamente aos devotos e visitantes.

²²⁰ DAS, Narasimhadeva, 2017.

²²¹ DUMONT, Louis. “Homo hierarchicus. O sistema de castas e suas implicações” São Paulo: Edusp. 1992, p. 100.

²²² Comida que ainda não foi oferecida a Deus.

Enquanto isto, com as cortinas cerradas, o *pujari* permanece no altar preparando as deidades para dormir. Ele troca a roupa do dia das deidades por “pijamas”, retira as joias e adornos. Oferece leite morno a elas, espera que “tomem”, “lava” suas bocas e coloca-as para dormir.

Percebemos que para os Vaishnavas, as deidades são formas de Krishna, a Pessoa divina, que se apresenta no plano material para que os devotos possam adorá-lo e se relacionar com ele. Assim as deidades são elas mesmas pessoas divinas, possuem corpos transcendentais e a *shakti* – potência espiritual – de Krishna. Esta relação dinâmica entre o devoto e Krishna é mediada pelos serviços ativos e reguladores realizados para as deidades, através do qual Deus se faz acessível ao adorador.²²³

Conforme Prabhupada, Krishna é o desfrutador Supremo, por isto criou as almas para atuarem como fonte de prazer para ele, sendo que é pela própria ação ritual em questão que se pode atingir o objetivo de dar prazer a Krishna, desde quando feitos com amor e devoção²²⁴. A antropóloga Dala Costa clarifica esta questão ao dizer que:

Os Gaudiya-vaishnavas acreditam que Krishna está no coração de todos os seres vivos na forma de Paramatma, portanto quando ele fica satisfeito, a *jivatma* (entidade viva, alma espiritual individual) também fica satisfeita. Conclui-se que é através da satisfação de Bhagavan que o *bhakta* se satisfaz, não havendo outro caminho para a verdadeira felicidade do último. A eficácia deste se evidencia pelo prazer que sente o devoto e mais do que isso pela purificação que ele passa a vivenciar, sendo, por sua vez, esta medida pelo apego/desejo que ele passa a desenvolver em relação ao serviço devocional e à associação com os outros devotos.²²⁵

Como foi visto, através da satisfação de Krishna o devoto se satisfaz por meio das diversas formas de servir as deidades: cantar, dançar, oferecer alimentos, oferecer os elementos, fogo, incenso, água e flor, realizar serviço no templo, oferecer orações, prestar reverência, escrever sobre Krishna, distribuir livros, cantar os Santos Nomes, etc., são atividades consideradas altamente purificantes pelos vaishnavas.

5.1 O Altar

As deidades principais presentes no altar são cinco, sendo que três delas são *Jaganntha*, *Baladeva* e *Subhadra*, que se situam na parte mais destacada do altar. (Figura

²²³ COSTA, 2013, p. 46.

²²⁴ BHAGAVAD-GITA. 2008, c.9 v. 14, p. 443.

²²⁵ *Ibid.* p.50.

52). No segundo nível, vemos duas estátuas de *Sri Caitanya Mahaprabhu* e *Sri Nityananda*, conhecidas como *Goura* e *Nitai*, que são reverenciadas pois são também representações de Krishna.

Além destas estão presentes no altar outras deidades, a saber, as *Shalagram-shila*, Krishna se apresenta no forma mineral, uma pedra, e significa Mukunda, “aquele que outorga liberação”. Diferente das outras Deidades, a Shalagrama Shila não precisa ser instalada, pois acredita-se que Krishna sempre esteve nela desde o princípio dos tempos²²⁶.

Ao lado de *Caitanya*, vemos um quadro de *Nrsimhadeva*, manifestação da ira do Senhor, sob a forma metade homem metade leão, que aparece para defender seu devoto *Prahlada*, que se trata de uma criança de cinco anos, cujo pai era um tirano, que o maltratava por conta da sua devoção a Deus; o ateísta *Hiranyakashipú*, o pai, é morto espetacularmente por Nrsinhadeva. Em todos os *aratis*, depois que termina o *kirtan* é cantado o mantra de *Nrsimhadeva*, como um pedido de proteção a todos os devotos²²⁷.

Logo a baixo vê-se uma imagem do *panca-tattva*, *Sri Caitanya* e seus quatro associados: *Sri Nityananda*, *Sri Advaita*, *Sri Gadadhara* e *Srivasa*, logo ao lado e acima destes se encontra o livro sagrado *Srimad-Bhagavatam*. O *Sudarshana chakra Nila*, o mais venerado símbolo icônico no culto de Jagannatha, se encontra ao lado direito deste.

²²⁶ MITTELSADT, 2012. p.36.

²²⁷ Ibidem.



Figura 52- Composição do Altar do BHM. 2015. Arquivo Valera.

Além das deidades propriamente ditas, encontra-se presente no altar uma árvore de *Tulasi*, manifestação de uma devota do mundo espiritual, que na Terra se manifesta como uma árvore, cujas folhas acompanham todas as oferendas à Krishna.²²⁸

Esta e todas as demais imagens citadas, são decorados com “joias” e flores regularmente. As deidades maiores e a sucessão discipular, recebem além dos acessórios as guirlandas feitas com flores frescas confeccionadas por um grupo específico de devotos, diariamente, como serviço devocional.

No nível inferior do altar fica a sucessão discipular composta pelas pequenas *murtis*²²⁹ de Srila Bhaktivedanta Swami Prabhupada, *Srila Bhaktissidanta Sarasvati Thakur*, *Srila Bhaktivinoda Thakur*, *Srila Goura Kishora Babaji*, *Srila Jaganatha Babaji*, e um quadro dos *Seis Goswamis de Vrindavan* –discípulos diretos de Sri Caitanya Mahaprabhu. (Figura 52 acima). Todos estes são mestres da linha de sucessão discipular,

²²⁸ MITTELSADT, 2012. p.34.

²²⁹ Pequenas representações em forma de estatuetas.

parampara, da escola vaishnava.

As principais personalidades relacionadas e descritas acima, presentes no altar do BHM, são consideradas as “Proprietárias do Templo”, e é em função delas que os devotos realizam os rituais descritos acima e uma série de outras atividades que descreveremos a seguir.

5.2 Festas, Festejos e Festivais

As festas periódicas existentes no calendário do BHM, é um momento esperado pelos devotos e santificado pelos deuses por ocasião da comemoração de suas histórias. Segundo o autor Eliade, há tempo para o sagrado e para o profano. O maior exemplo disto é o que acontece aqui no Belo Horizonte Mandir, existem os momentos em que o templo é eminentemente sagrado e há o tempo profano, materializados nas festas e festejos que fazem parte da programação desta instituição. 'A duração temporal ordinária na qual se inscrevem os atos de significados religiosos'²³⁰.

O devoto hare krishna vive assim duas espécies de tempo: o tempo sagrado que se apresenta de forma circular, reversível e recuperável, espécie de eterno presente mítico que o homem se reintegra periodicamente pela linguagem dos ritos e o tempo profano do qual faz parte uma lista de festejos bastante ampla que são respeitados e vivenciados por aqueles²³¹.

Aqui no entanto só trataremos de algumas festividades que estão relacionadas com o nosso objeto de estudo, as Deidades patronais do referido templo. Os festivais de domingo, estipulados pelo mestre Prabuphada quando instituiu a ISKCON – Sociedade Internacional da Consciência de Krishna, acontecem em todos os templos e centros culturais Hare Krishna do mundo. Segundo o autor Eliade, há tempo para o sagrado e para o profano.

No BHM este festival acontece impreterivelmente todos os domingos, sendo de muita importância para a pregação do movimento (Figura 53). Os devotos de modo geral aproveitam esta oportunidade para falar aos visitantes sobre a importância de cantar o

²³⁰ ELIADE, M. *O sagrado e o profano*. Tradução Rogério. Fernandes – São Paulo 1992, p. 63.

²³¹ *ibid.* p. 64.

Maha-Mantra Hare Krishna e atraí-los à Consciência de Krishna ²³². Sendo também uma oportunidade de interação e contato dos devotos internos e externos.

O Festival de Domingo traz um bom número de visitantes. Neste dia ocorrem várias atividades tais como: realização de *Bhajan*, o cantar do Maha Mantra de forma conjunta, palestras sobre o Bhagavad-gītā, momentos de meditação interativa como mantras e danças, e ao final, a noite, é servido um delicioso jantar lactovegetariano, prasadam, totalmente grátis. Segundo Sri Krishna, o presidente do templo, para o desenvolvimento deste festival há equipes específicas de devotos externos que fazem organogramas e planejamentos estratégicos para este fim.



Figura 53- Festival de domingo no BHM. Foto autor desconhecido.

Listaremos as principais celebrações²³³ que ocorrem no BHM: 1- *Sri Krishna Janmastami*, trata-se do aparecimento do Senhor Krishna nesse mundo. Astami significa oitavo, isso quer dizer o oitavo dia da lua do mês de Hrsiksha, Agosto-Setembro. Observação: o calendário védico é lunar e não solar como no Ocidente, devido a isso as datas mudam de ano a ano, mas são sempre comemoradas na exata fase da lua do dia original. 2- *Radhastami*, refere-se ao aparecimento da consorte de Krishna, *Sri Radha*, ocorre quinze dias depois do Janmastami. 3- *Goura- Purmina*, aparecimento de *Sri Caithanya Mahaprabhu*. A palavra purmina significa lua cheia; ocorre em Fevereiro-Março.

²³² GOSWAMI, 2014, p.190.

²³³ Vide calendário vaishnava ISKCON - Belo Horizonte Mandir.

4- A festa do aparecimento de Jagannatha de acordo com os devotos, o Jyeshtha-purnima, o dia de lua cheia do mês de maio-junho, é o aniversário do Senhor Jagannatha. Jagannatha é Krsna, mas o aniversário de Krsna é o Janmastami, no mês de Bhadra (agosto-setembro). Esta aparente contradição é solucionada se entendermos que o Jyeshtha-purnima é o momento quando Krsna aparece na forma do Senhor Jagannatha com grandes olhos dilatados e membros reduzidos. Essa forma é conhecida como mahabhava-prakasha, a forma extática de Krishna. 5- Aparecimento e desaparecimento do fundador da Sociedade Internacional para a Consciência de Krishna, Sua Santidade A.C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada. São essas algumas das celebrações do BHM.

Para além destas celebrações, existem ainda uma variedade de festividades referentes a diferentes aspectos (casamento, nascimento, batismo, morte, etc.) e comemorações das divindades e dos mestres espirituais da linha de sucessão discipular.

As comemorações, na maioria dos casos, se seguem com jejuns prescritos, em uma determinada parte do dia, às vezes até meio-dia, e outras vezes até o pôr do sol ou nascer da lua. Duas vezes por mês, no ekadasi,²³⁴ décimo primeiro dia da lua, pratica-se jejum completo de grãos e cereais. Alguns devotos fazem jejum completo. E dito que esse dia específico é especialmente auspicioso para o cultivo da vida espiritual. Passamos a relatar a festividade principal do Belo Horizonte Mandir: o Ratha-yatra.

5.3 Ratha-yatra

A Índia é um berço de variadas culturas sendo reconhecida pela sua diversidade espiritual e cultural. Lá existem muitas histórias dos passatempos do Sr. Jagannatha o qual é adorado e venerado há milênios. De acordo com estudos arqueológicos este tipo de adoração se encontra no vale do Indo, assim como a veneração de símbolos como pedras e árvores sagradas. Com a presença dos gregos do noroeste (século I d.C) no entanto, as estátuas se fizeram populares até a atualidade.²³⁵

²³⁴ Disponível em: <<https://voltaaosupremo.com/artigos/artigos/ekadashi-um-dia-especial-para-todos/>> Acesso em: 14/01/2017.

²³⁵ FALLON, P. Image Worship In: Religious Hinduism. DE SMET, R.; NEUNER, J. (ed). Mumbai, St. Pauls, 1997, p. 229-221.

Há um templo muito antigo na cidade de Puri, Índia, que é visitado por muitos peregrinos, foi nesse templo que se iniciou o Festival de Ratha Yatra. (Figura 54). Trata-se de um desfile que é feito uma vez por ano em que as deidades, Jagannatha, Baladeva e Subhadra, saem do conforto do seu templo e passeiam pelas ruas da cidade, onde os devotos puxam o carro que mede aproximadamente 15 m de altura.



Figura 54- Ratha-yatra em Puri - 2015²³⁶.

O Ratha-yatra é um festival muito auspicioso, pois as Deidades saem do conforto do templo para dar o seu *darsana*²³⁷ e audiência aos seus devotos e a todos de modo geral, distribuindo a sua misericórdia sem nenhuma restrição.

As imagens de Jagannatha, Baladeva, Subhadra e Chakra Nila na Índia, periodicamente sofrem um processo de conservação denominado *navakalevar*, do idioma *oriya* e significa literalmente “corpo novo” ou “nova corporificação”, (*nava* significa novo, e *kalevar*, corpo). Este processo consiste na troca de corpo das deidades por conta da sua provável deterioração²³⁸.

²³⁶ Disponível em ><http://news.maffat.com/2015/07/jagannath-rath-yatra-2015-puri-rath-yatra-2015-date-details/>. Acesso em 10/12/2017.

²³⁷ Contato visual com a imagem de uma deidade, é originalmente um elemento fundamental do culto vaishnava.

²³⁸ JÓIA, do Universo – Histórias do Senhor Jagannatha. Coletânea de diferentes obras e autores, publicação Brhâta-Mrdanga, divisão editorial da BBT. S/d, p.156-157.

Segundo o livro “Jóia do Universo – Histórias do Senhor Jagannatha, na Índia seguem-se um processo de cinco fases principais para o navakalevar:

1. Encontrar o *daru*, ou a madeira sagrada e levá-la para o templo. Isso inclui:

a) A busca do *daru*. Um grupo sai para a floresta em busca do daru com características pré-estabelecidas.

b) Depois de encontrar o *daru* realiza-se uma cerimônia de fogo perto da árvore para eliminar os maus espíritos e para a purificar a árvore..

c) Depois de cortar a árvore, o daru, deve ser levado ao templo num pequeno carro.

2. Esculpir a estrutura de madeira das imagens.

3. Consagração das imagens e a inserção do *Brahmapadartha*, ou substâncias vital das imagens.

4. Enterro das imagens antigas e os ritos purificatórios dos daytas (monges responsáveis por todo o processo).

5. Dar a forma final das imagens aplicando as sete coberturas e a pintura. Considerando que a parte de madeira.²³⁹

O processo de dar forma às imagens, conforme o livro “Joia do Universo”, consiste em sete camadas de diferentes substâncias, considerando a parte de madeira a parte óssea do corpo, estes ossos são untados com óleo perfumado, que representa a medula no interior dos ossos. Em seguida fios espessos de tecido vermelho são enrolados em todo o corpo, que simbolizam as veias e o sangue. Em seguida uma camada de almíscar, pasta de sândalo e cânfora é aplicada em todo o corpo, que corresponde as carnes da imagem. Em seguida esta camada é revestida com um forte tecido de algodão que representa a pele da Deidade. Por último, a escultura é revestida com goma de arroz ou farinha de trigo, que por sua vez simboliza o sêmen do corpo. Após, é aplicada a policromia, propriamente dito²⁴⁰.

No caso das imagens do BHM, tal cerimonia ainda não ocorreu, pois as Deidades são as mesmas construídas no ano de 1984, já fizeram mais de trinta anos. O que ocorre todos os anos com as referidas imagens, é o recebimento de uma nova pintura no sentido de conservá-las. Este processo se chama, Sri Anga. Os métodos, procedimentos e as medidas das diferentes partes das Deidades, são segredo na Índia e pelo que percebemos no BHM também. Se quer, conseguimos localizar o artista.

²³⁹ Ibid, p. 162.

²⁴⁰ Ibid, p. 177.

Conforme os devotos mais antigos do movimento, se as pessoas tocarem no carro ou nas cordas que o puxam, beneficiam-se como se estivessem a tocar os pés de lótus da Deidade – o próprio Senhor. Portanto, segundo estes, o Senhor é extremamente magnânimo ao distribuir a Sua misericórdia durante o Ratha-yatra. 'Quando Ele sorri e derrama Seu olhar sobre Seus devotos e em todas as almas, todos recebem a Sua misericórdia e amor mais sublime.'²⁴¹

Em Belo Horizonte todos os anos, desde de 1995, conforme arquivos fotográficos, (Figura 55 a, b, c, d) Jagannatha, Baladeva e Subhadra, nossos objetos de pesquisa, se encaminham em seu suntuoso carro até a principal avenida da capital mineira para dar suas bênçãos e são vistos por todos, devotos e não devotos.

Em 2008 o Ratha-yatra (Figura 56 a,b,c,d,e,f,g,h) invade a Pampulha que se torna palco de um belíssimo cortejo onde as deidades Jagannatha, Baladeva e Subhadra desfilam em meio aos monumentos mineiros.



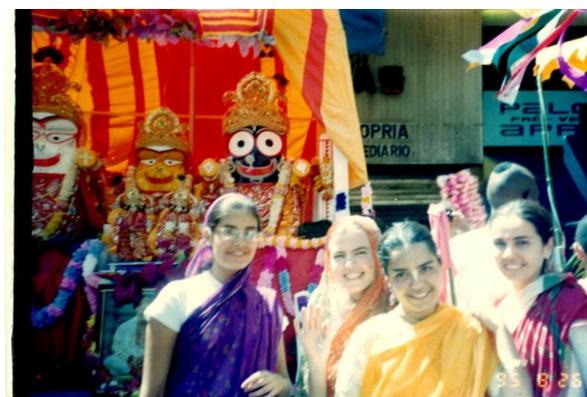
Figura 55 a e b- Ratha-yatra Av. Afonso Pena, BH.



1995 - Arquivo Valera.



Figura 55 c/d- Ratha-yatra – 1995. Av. Afonso Pena, BH.



Arquivo Valera.

²⁴¹ Entrevistas informal com devotos antigos



Figura 56 a /b- Ratha-yatra na Pampulha- 2008.



Arquivo Valera.

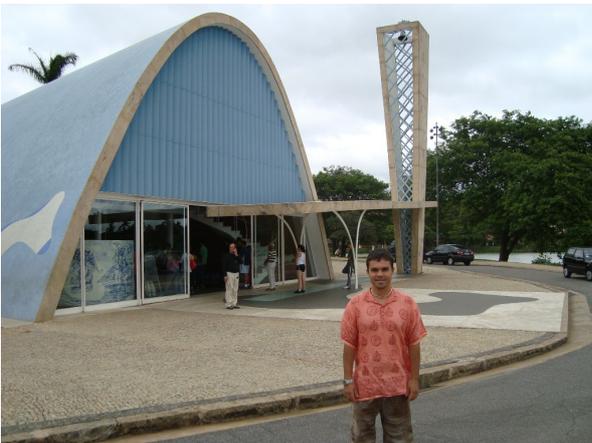


Figura 56 c/d- Ratha-yatra na Pampulha - 2008.



Arquivo Valera.



Figura 56 e/f- Ratha-yatra na Pampulha - 2008.



Arquivo Valera.

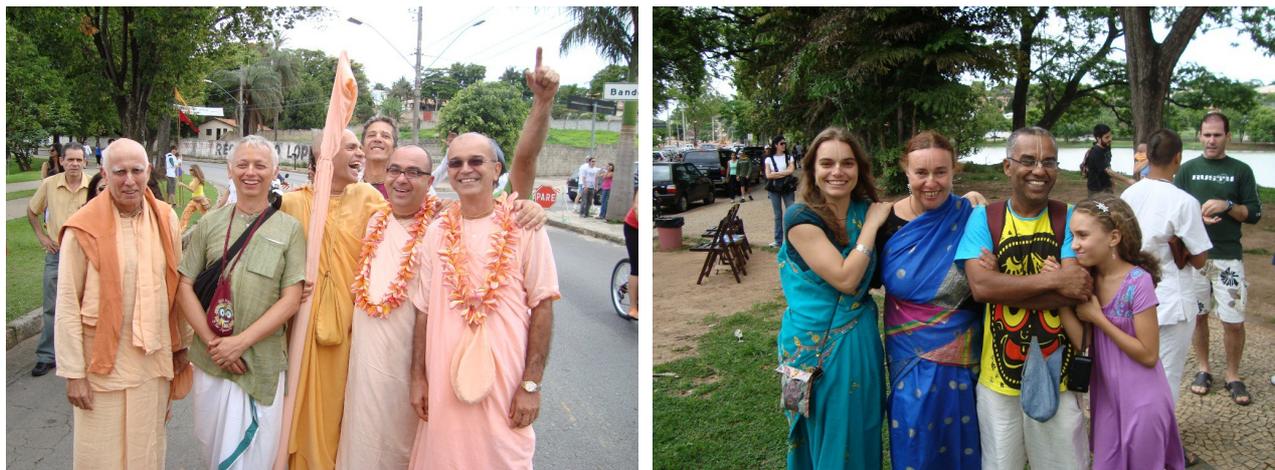


Figura 56 g/h- Ratha-yatra na Pampulha - 2008.

Família Vaishnava. Arquivo Valera.

Tivemos a oportunidade de acompanhar o Ratha-yatra do Belo Horizonte Mandir no ano de 2017 (Figura 57). O evento é promovido pela Sociedade Internacional para Consciência de Krishna de Belo Horizonte. O Ratha-Yatra, maior festival cultural/religioso anual da Índia, como já foi dito, acontece em Belo Horizonte todos os anos. Este ano aconteceu no dia 26 de agosto, com sua procissão saindo da Praça Sete em direção avenida Afonso Pena, rumo ao Parque Municipal ao lado do Teatro Francisco Nunes, onde diversas atrações culturais aconteceram das 10 h até as 16 h, com entrada gratuita²⁴².

²⁴² Disponível em: <<http://www.soubh.com.br/eventos/festival-india/>> Acesso em: 10/10/2017 às 3:30.



Figura 57 – Ratha-yatra do BHM, Av. Afonso Pena, Belo Horizonte- MG. 2017. Foto: Eliezer Albanaz.

As atrações culturais apresentadas durante o Ratha-yatra em Belo Horizonte variam entre música, mantras, palestra, yoga, dança clássica indiana, (Figura 59 abaixo), incluindo um espaço destinado às crianças, além da tradicional culinária indiana vegetariana. Cerca de mil refeições vegetarianas (Figura 58 a, b abaixo) gratuitas foram distribuídas pelo programa Alimentos para a Vida.

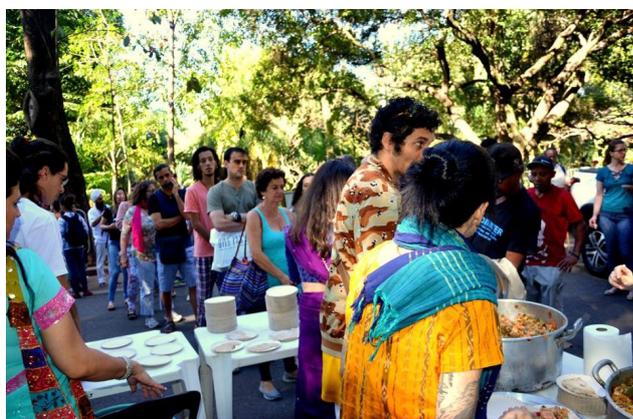


Figura 58 a/ b- Distribuição de refeição. BHM.



Parque Municipal. Fotos Eliezer Albanaz.



Figura 59- Cortejo Ratha-yatra puxado pelas dançarinas de música clássica indiana, BH. 2017. Foto Eliezer Albanaz.

Este ano, em termos musicais destacou-se a banda Vrindavan, que tem viajado pelo país e apresentam uma interpretação dos estilos indianos mesclados à música brasileira. Estiveram presentes no Ratha-yatra neste ano os mestres do *bhakti-yoga* Purushatraya Swami e Chandramuka Swami, que já lançaram vários álbuns de músicas com os clássicos das canções de bengali, mantras em sânscrito fundidos com ritmos brasileiros. Várias outras atrações musicais com diversas participações especiais se fizeram presentes na programação deste evento que se renova a cada ano.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho tem como objetivo contribuir para os estudos da iconografia hindu no Brasil, tema pouco explorado por pesquisadores na academia. Esta cultura se ampliou significativamente assim como a divulgação de sua tradição pelo mundo, em grande parte graças as ações expansionistas dos devotos Hare Krishna. Neste estudo tivemos a compreensão das concepções e práticas da tradição vaishnava contemporânea que foram deslocados da sua origem até o ocidente.

Prabhupada, o preceptor do movimento, deu palestras em várias partes do mundo e construiu uma organização internacional de templos, comunidades rurais e escolas. Sua pregação consiste em essência, de que os seres vivos são almas espirituais eternas, cuja posição constitucional é servir e amar a Deus, alcançando assim, a perfeição da vida. Ensinou seus seguidores as práticas devocionais tais como: pujas, meditações, cânticos, mantras, japa mala, dentre outros, afim de ajudá-los a reviver as relações com o divino. Todas essas práticas devocionais são aceitas pelos seus adeptos como disciplinas de preparação espiritual, para a contemplação ao Todo, e de reconhecimento a uma existência mais completa do que aquela percebida pelos sentidos materiais.

O Movimento para a Consciência de Krishna chegou ao Brasil nos anos 70. Permanece até os dias atuais como uma das mais sólidas instituições religiosas de cunho orientalista, não sendo vinculada a grupos étnicos e nem se caracteriza como seita. Não é necessário a conversão, constituindo-se assim, em uma opção a mais de escolha religiosa individual às pessoas na atualidade.

Dos métodos de pesquisa empregados a etnografia nos possibilitou ter uma visão desta cultura, e vivenciar os modos de vida do grupo que pratica o Vaishnavismo no BHM. Tivemos a oportunidade conhecer um pouco das suas concepções e preocupações em seguir os ensinamentos védicos no Brasil. Observamos também como desenvolvem uma série de instrumentos de conservação e preservação da referida cultura, originalmente oral, passados de mestre para discípulos. Apesar de estarem no Ocidente os seus seguidores levam adiante este estilo de vida, dando continuidade a sucessão discipular original. Algumas adaptações tiveram de serem feitas no processo de conciliação entre a vida externa e interna ao templo.

Por meio da Iconografia seguida da Iconologia captamos neste trabalho várias

narrativas sobre o templo, que nos deram ciência dos significados dos objetos ali encontrados e seus simbolismos. Ao questionarmos a relação das obras com o ambiente histórico de um dado período, nação, crença religiosa e filosófica, podemos compreender melhor esta comunidade e sua relação com as divindades ali presentes. Relação esta que se encontra qualificada pelas personalidades condensadas nas obras estudadas, as esculturas que representam Jagannatha, “o Deus do Universo, Baladeva, o “Deus da Força” e Subhadra, a “Auspiciosa”, cujo autor deve ser investigado.

Em relação as esculturas propriamente ditas, podemos observar que foram feitas em um só bloco de madeira de lei, seguindo o padrão indiano deixado por Srila Prabhupada. Os métodos, procedimentos e as medidas das Deidades não foram revelados, pois não conseguimos localizar o artista, como já foi dito. Ficou claro que a construção das representações constitui-se em um ritual, sendo necessária a segunda iniciação para executar tal projeto, assim como para atendê-las nas respectivas práticas do bhakti-yoga.

Em relação a preservação e conservação das obras constatamos que todos os anos, antes do *Ratha-yatra*, as três esculturas recebem uma nova pintura, o que tem muito sentido e tem sido eficiente para preservação das mesmas, pois já contam com mais de trinta anos e continuam em um bom estado de conservação. Os cuidados e limpeza diária assertivos contribuem também para tanto.

Em relação aos rituais de consagração das imagens, Jagannatha, Baladeva e Subhadra, foram submetidas a estes duas vezes: tanto na primeira instalação (1984), como na segunda instalação em (2004) no atual endereço²⁴³. Pois segundo os vaishnavas, não existe qualquer ritual ou *puja* sem uma devida consagração das imagens.

Ao acompanharmos a prática de adoração às deidades do Belo Horizonte Mandir, pudemos compreender sobre este processo, assim como, a relação entre os devotos e as mesmas. Tivemos também a oportunidade de observar o quanto o papel da imagem é fundamental para estabelecer esta relação. Sendo o ritual o meio para realizar este relacionamento, considerado altamente elevado, profundamente transcendental, sendo por assim dizer, a parte central no culto do bhakti-yoga, ou serviço devocional ali desenvolvido.

Tanto as esculturas quanto as pinturas encontradas neste santuário representam

²⁴³ Conforme arquivo fotográfico fornecido por Lúcio Valera.

Krishna, no caso, Deus, considerado um só, pelos que nele creem, expandindo-se em ilimitados aspectos devido à sua onipotência, a fim de se relacionar de várias maneiras com seus inúmeros devotos.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São. Paulo: Contexto, 2008.

ALMEIDA; ARAÚJO; OLIVEIRA; BUBGNIAK; FIUMARI. 2012. *ISKCON Belo Horizonte: Uma religião védica em Minas Gerais*. 2012. Disponível em: <https://seer.ufmg.br/index.php/revistatrespontos/article/download/2677/2047>
Acesso em: 03/04/2016 às 19:02

ANDRADE, Joaquim. Imagens que falam: Uma aproximação da Iconografia Hindu. *Revista de Estudos da Religião*, n. 4, p. 1-17, 2006. Disponível em: www.pucsp.br/rever/rv4_2006/p_andrade.pdf Acesso em: 10/10/2017 às 03:15

BHAGAVAD-GITA. *Bhagavad-gita Como Ele é*. Tradução e comentários de A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada. São Paulo BBT, 2008.

BHAGAVATA PURANA. Tradução e comentários de A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada. Srimad-Bhagavatam. São Paulo: BBT, 1995, 19 volumes.

BURKE, Peter. *Testemunha Ocular*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CÂNDIDO, Maria Inez. Documentação museológica. In: CADERNO de diretrizes museológicas, Brasília, 2. ed., 2006.

CARVALHO, Leon Adan Gutierrez. “A Suave Invasão”: Práticas e Representações do movimento Hare Krishna em Pernambuco (1973-1996). UFRP. Recife, 2017.

COBRA, Cristiane Moreira. *Nova Gokula: uma escolha racional para os devotos Hare Krishna no Brasil*. Último Andar, 2007.

COSTA, Ana Paula Ribeiro Dala. *Adoração Ritual a Deidades no Templo Hare Krishna de Curitiba*. 2013. (Monografia de Graduação em Ciências Sociais)– Universidade Federal do Paraná. 2013.

DAS, Basanta Kumar. Senhor Jagannatha Símbolo da integração Nacional. Orissa Review. 2009.

ECK, Diana. *Darsan: Seeing the Divine Image in India*. New York: Columbia University Press, 1985.

ELGOOD, Heather. “Arte Hindu”. In: FARTHING, Stephen (org.). Tudo sobre arte. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

ELIADE, M. *Imagens e Símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. *O sagrado e o profano*. Tradução Rogério. Fernandes – São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. *Ocultismo, bruxaria e correntes culturais: ensaios em religiões comparadas*.

Tradução: Noemi da Piedade Lima King. Belo Horizonte, 1979.

GOODY, Jack. O Mito, o Ritual e o Oral. 2010, p. 45.

GOSWAMI, Satsvarupa dasa. *Prabhupada*: um santo no século XX. São Paulo: BBT, 2014.

GOSVAMI, Krisnadasa Kaviraja. SRI. CAITANYA CARITAMRTA -Adi-Lila. Tradução por A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada. 1967, p. 23-24.

GUERRIERO, Silas. O Movimento Hare Krishna no Brasil: uma interpretação da cultura védica na sociedade ocidental. *Revista de Estudos da Religião*. n. 1, p. 44-56, 2001.

_____. Novas Configurações das Religiões Tradicionais: Re-significação e Influência do Universo Nova Era. *Revista da UFS*. 2009, p. 46-48.

_____. O Movimento Hare Krishna no Brasil: uma interpretação da cultura védica na sociedade ocidental. *Revista de Estudos da Religião*. n. 1, p. 44-45, 2001.

JANSEN, J. *O livro das Imagens Hinduístas*. São Paulo. Totalidade, 1995.

JÓIA, Do Universo – Histórias do Senhor Jagannatha. São Paulo: uma publicação da Brhãta-Mirdanga- editora BBT. 1996.

JULIÃO, Leticia. Pesquisa histórica no museu. In: CADERNO de diretrizes museológicas. 2. ed. Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio / Histórico e Artístico Nacional/ Departamento de Museus e Centros Culturais, Belo Horizonte: Secretaria de Estado da cultura/Superintendência de Museus, 2006.

MITTELSADT, Dulcnéia Doneda. *Krishna*: Os três Mundos e a noção de Pessoa Vaishnava. Porto Alegre. Ciências Sociais, 2012.

NASCIMENTO, Rosana Andrade do. Documentação Museológica e Comunicação. *Cadernos de Museologia*, nº 3, p. 41, 1994.

OLIVEIRA, Arilson. *Max Weber e a Índia*: O vaishnavismo e seu yoga social em formação. São Paulo: Blucher Acadêmico, 2009.

PANOFSKY, Erwin. *Significado nas artes visuais*. São Paulo: Perspectiva, 3 ed, 2004.

PEIRANO, Mariza. *Rituais Ontem e Hoje*. Petrópolis: Vozes, 2003.

PRABHUPADA, A. C. Bhaktivedanta Swami. *A ciência da autorrealização*. São Paulo: Editora B.B.T., 2011.

_____. *Ensinamentos da Rainha Kunti* Book Trust Internacional. São Paulo: Editora B.B.T., 2003.

_____. *O Néctar da Devoção – A ciência completa da Bhaktiyoga*. Editora Bhaktivedanta Book Trust. 2012. p.7.

_____. *Upadesamrta*: O néctar da instrução. São Paulo: Editora B.B.T., 2002.

_____. SRI ISOPANISAD. Tradução e comentários de S. C. Bhaktivedanta Swami Pabhupada. São Paulo: BBT, 1999.

_____. SRIMAD-BHĀGAVATAM. Tradução e comentários de S. C. Bhaktivedanta Swami Pabhupada. São Paulo: BBT, 1995, p.76.

PATRA, Avinash. Origem e Antiguidade do culto do Senhor Jagannatha. Imprensa da Universidade de Oxford. 2011, p. 16-17). Disponível em > <https://books.google.com/books?id=RlwTCwAAQBAJ>> Acesso em 16/09/2017, às 19:40.

LAPLANTINE, François. Aprender Antropologia. 2000, p. 111.

SILVEIRA, Marcos Silva da. Hari Nama Sankirtana – Estudo Antropológico de Um Processo Ritual. 1999. (Tese de Doutorado em Antropologia) – Universidade de Brasília. 1999.

_____. Max Weber e o Movimento Hare Krishna. In: SIQUEIRA, D. ; Lima, R. B. de. Sociologia das adesões: novas religiosidades e a busca místicoesotérica na capital do Brasil. Rio de Janeiro, 2003, p. 274.

_____. New Age & Neo-hinduísmo: uma via de mão dupla nas relações culturais entre ocidente e oriente. *Ciências Sociais e Religião*, n. 7, 2005.

SIKSASTAKA, Sri Sri. Oito Versos de Amor a Deus. Composição de Sri Caitanya Mahaprabhu. Comentários de Bhakti Vinoda Thakura. Tradução de Bhagavan dasa, 2012.

STIERLIN, H. Hindu Índia: From Khajuraho to the Temple city of Madhurai. Benedikt Taschen Verlag GmbH, Hohenzollernring, 1998, p. 63-64.

SWAMI, Bahakti Tirtha. *Guerreiro Espiritual I*. Belo Horizonte: Shakti Editor e Publicidade, 2009.

SWAMI, Chandramuka. *Iniciação Espiritual & Consciência de Krishna*. 2004.

_____. *Reflexões sobre a Identidade Espiritual dos Santos Nomes*. Petrolina, PE: Vraja Produções; Gráfica Franciscana, 2007.

TEIXEIRA, Lia Canola; GHIZONE, Vanilde Rohling. *Coleção Estudos Museológicos* volume 1, Conservação Preventiva de Acervos. Florianópolis, 2012.

VALERA, Lúcio. *A Mística (bhakti) da Devocional como Experiência Estética (rasa): Um estudo do Bhakti-Rasamrta- Sindhu de Rupa Gosvami*. 2015. 242 f. (Tese de Doutorado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, MG, 2015.

_____. *Memória e história do Movimento Hare Krsna no Brasil*. 2015 (Trabalho não publicado).

VOLTA AO SUPREMO. *Por que é necessária, afinal, a adoração à deidade?* Disponível em: <https://voltaaosupremo.com/entrevistas/entrevistas-com-outrosconvidados/por-que-e-necessaria-afinal-a-adoracao-a-deidade/> Acesso em 26 mar. 2017, às 11:50.

_____.Disponível em: <<https://voltaaosupremo.com/artigos/artigos/ekadashi-um-dia-especial-para-todos/>> Acesso em: 14/01/2016.

_____.Disponível em ><https://voltaaosupremo.com/?s=O+que+%C3%A9+isso+Swami>. Acesso em 12/03/2017.

_____.Disponível em Volta ao Supremo – Vol. 41, No 5 • Setembro / Outubro 2007 PorqueKrsnaAparececomoJagannathaWhyKrsnaappearsasJagannathaPor Narada Rishi Dasa. Acesso em 22/05/2017.

Disponível em> <https://harekrishnarana.wordpress.com/2015/06/08/meditacao-hare-krishna-como-pratica-la/>. Acesso em 22/04/2016.

Disponível em <<https://voltaaosupremo.com/artigos/obras-completas/sri-tattva-muktavali-o-colar-de-perolas-da-verdade/>> Acesso em: 14/01/2016.

Disponível><http://sanatanadharman.blogspot.com.br/2010/10/quem-e-subhadra.html>. Acesso em 20/09/2016.

Disponível:<<http://bhaktitattva.blogspot.com.br/2007/08/srila-prabhupadevedanta.html>> Acesso em 20/10/ 2016, às 10:20.

Disponível><http://umjeitomisticodeser.blogspot.com.br/2011/10/kali-forca-feminina.html>. Acesso em 10/09/2017.

Disponível ><http://www.jungnapratica.com.br/deusa-durga-uma-imagem-arquetipica-do-desenvolvimento-pleno-da-mulher/>. Acesso em 12/10/2017 às 14: 45 hs.

Disponível><http://sagradofeminino.saberes.org.br/saberes-ancestrais-femininos-sabedoria-espiritualidade-psicologia-saude-danca-feminina/as-deusas-vedicas/>. Acesso em16/09/2017 às 18:30 hs.

DAS, Sri Krishna Murti. Entrevista em julho de 2017.

NARASIMHADEVA, Das. Entrevista em março de 2016.

TRILOKESVARA, Das. Entrevista em março de 2016.

KRISNA, Maha Nam Das. Entrevista em março de 2016.

ANEXO A